

JANEIRO - 1941

REVISTA DO BRASIL

(FUNDADA EM 1916)

Director: OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

SYLVIO RABELLO — O APOSTOLADO PHILOSOPHICO DE FARIAS BRITO — 1 * HERMES LIMA — O INDIVIDUO E A MASSA — 8 * MANUEL BANDEIRA — JOGOS ONOMASTICOS — 12 * JOÃO BARREIRA — UM ALMOÇO EM SINTRA — 16 * RACHEL DE QUEIROZ — MONOLOGO — 19 * HELIO VIANNA — MARIA GRAHAM NO BRASIL — 23 * ALUISIO DE ALMEIDA — A COLUMNA LIBERTADORA — 28 * OSORIO BORBA — O PROCESSO DOS CACHORROS — 38 * JULIETA BARBARA — AGUA-FORTE — 43 * JOSÉ MARIANO (FILHO) — MESTRE VALENTIM — 44.

O CONTO BRASILEIRO — "Olhos verdes, boa viagem!", Carlos Paullillo — 46

O CONTO ESTRANGEIRO — Os olhos verdes, Gustavo Adolfo Bécquer (trad. de Manuel Bandeira) — 49

LIVROS — Valdemar Cavalcanti, Roberto Alvim Corrêa e Helio Vianna — 54 * LETRAS PORTUGUESAS — Lucia Miguel-Pereira — 68 * LETRAS NORTE-AMERICANAS — Affonso Arinos de Mello Franco, Lucia Miguel-Pereira, Mario de Andrade, Octavio Tarquinio de Sousa e Sergio Buarque de Hollanda — 70 * THEATRO — R. Navarra — 76 * ARTES PLASTICAS — R. N. — 78 * POLITICA INTERNACIONAL — Austregesilo de Athayde — 84

NOTAS E COMMENTARIOS — 86 * PESQUISAS E DOCUMENTOS — O "Quero já" de Pedro II — 91 * VARIEDADES — 93 * A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS — 98 * RESENHA DO MÊS — 101 * REGISTRO BIBLIOGRAPHICO — 108

O CONFLICTO EUROPEU — Raul Lima — 109

Anno IV

3.ª phase

N.º 31

REVISTA DO BRASIL

Director:
OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA
Redactor-Secretario:
AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA
Gerente:
L. SANTOS

Publicação mensal

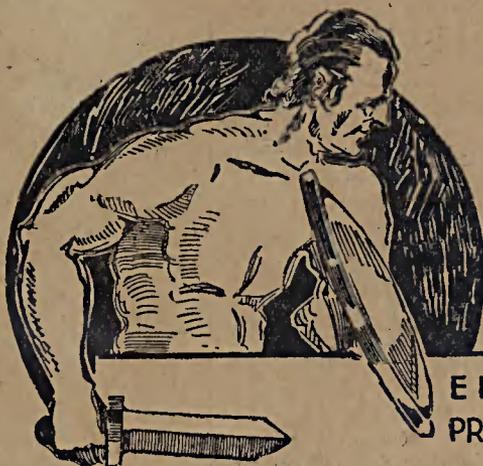
Direcção e Redacção: AV. RIO BRANCO, 129-31 — 3.º — Tel. 43-7073

Administração: RUA DO LIVRAMENTO, 191 — RIO — Tel. 43-2741

ASSIGNATURAS: Balcão dos "Diários Associados", Av. Rio Branco, 129-31

ASSIGNATURA (registrada): Annual, 36\$000 — Semestral, 20\$000

NUMERO AVULSO..... 3\$000



*Defenda os
seus pulmões*

**E DEFENDERÁ A
PRÓPRIA VIDA!**

O COGNAC DE ALCATRAO XAVIER é o remedio mais efficiente contra a grippe, as tosses e os resfriados.

Não deixe que o seu mal se agrave: corte-o immediatamente com o

**COGNAC DE ALCATRÃO
XAVIER**

REVISTA DO BRASIL

(Fundada em 1916)

ANNO IV

3.^a PHASE

N.º 31

JANEIRO DE 1941

O APOSTOLADO PHILOSOPHICO DE FARIAS BRITO

A incapacidade para o dialogo considerou-a Eugenio D'Ors qualquer coisa de grave na Espanha — uma especie de tragedia muda que vem da esterilidade do espirito. Sendo originariamente uma frieza de sentimento, é tambem uma limitação da intelligencia. Não comprehende o ensaista catalão pensamento sem dialogo, pelos menos sem dialogo interior. Por isso desconfia sempre daquelles que pensam sem escrever, ou escrevem sem publicar, ou guardam avaramente o que sabem ou affirmam saber. “Pensamento é sempre expressão, criação, poesia” (1) — o que se torna impossivel sem sympathia humana e sem sociabilidade.

Não foi por outro motivo que a Eugenio D'Ors disse Octavio de Romeu ter de viajar não para ver e sentir paisagens que de-testava, nem para curar doenças que não tinha; mas para encontrar um interlocutor — alguem que não fosse um simples eco de si mesmo, um espelho da vaidade, mas um homem que lhe falasse do que desejaria falar. O companheiro de dialogo que não existia na Espanha teria então de procurar em qualquer hotel alpino, entre professores em ferias ou entre suaves pastores protestantes.

Esse interlocutor que fala e escuta numa especie de correspondencia sem calculo e sem subentendidos, que Octavio de Romeu foi buscar longe da sua terra, encontrou-o Farias Brito sem mudar de lugar, num como desdobramento de sua personali-

(1) Eugenio D'Ors — *De la amistad y del diálogo*, p. 29, Madrid, 1919.



de. Vivendo quasi sempre distante dos homens, introvertido que não teve curiosidade de procurar-se fora do seu mundo interior, Farias Brito não fez outra coisa senão dialogar comsigo mesmo. Criara um interlocutor como um duplo necessario para ajudar-se no trabalho de pensar sem conflictos desagradaveis — interlocutor docil que era uma especie de parceiro previamente instruido acerca das objecções e pontos de vista que convinhão ao curso do seu pensamento. E tambem o unico discipulo que se conta em sua vida ascetica. Não foi só para elle uma presença que serviu de excitante ou mesmo de vehiculo das suas idéas, mas a força sentimental que o fizera philosopho por necessidade de ajustamento do homem ás suas proprias idéas.

Desde 1895, data da publicação do seu primeiro livro, revelou-se Farias Brito o escriptor que conversa comsigo mesmo, enrolando o novello das mesmas idéas, quasi sem contactos humanos e communhão com a natureza, ou espiando do seu lugar o recanto do mundo que lhe era possivel ver. E quando raras vezes saiu do seu lugar, foi como se tivesse comprometido o equilibrio anterior, desajustado e perdido personagem dentro de si mesmo. Sendo um sentimental e um logico ao mesmo tempo, voltava invariavelmente á sua posição normal numa fidelidade de toda hora ao seu destino.

Platonico por distinguir no mundo a apparencia da realidade, o phenomeno da idéa, só a esta considerou como verdade e só esta procurou toda a vida. A tão estranha figura de homem difficilmente outro homem poderia se ligar. Faltava-lhe a dose bastante de interesse humano — de sensualidade e de sympathia, que são os elementos de correspondencia de homem para homem. Por isso jamais encontrou um interlocutor com as qualidades que Octavio de Romeu buscava fora da Espanha. Criara o seu interlocutor que era um espelho de si mesmo.

*

O pessimismo de Farias Brito oscilla entre Schopenhauer e Hartmann. Nada accrescenta, entretanto, ao que esses philosophos da dor trouxeram como contribuição ao problema da posição do homem dentro da vida. Foi Messer quem observou que com Schopenhauer o systema philosophico corresponde ao character do seu criador. (2) O homem amargurado que não teve um momento de disponibilidade para a alegria, reflecte-se admiravelmente no pessimismo da doutrina. A incapacidade, vamos dizer, organica de sentir o que a vida tem de criador e perma-

(2) Augusto Messer — *La filosofía del siglo XIX*, pag. 39, Madrid, 1920.



nente está toda ella na parcialidade da sua attitude como pensador. Associal e asexual, Schopenhauer teria fatalmente de cair na misanthropia mais inhumana. O seu ascetismo philosophico não é um artifício, mas a sua própria substancia como homem.

Em Farias Brito o pessimismo é intermittente. O philosopho não se entregou inteiramente a elle. Liberto das suas crises de misanthropia, não raras vezes chegou a reagir com todas as forças de um temperamento oscillante entre os impulsos de vida e os impulsos de morte. O orgulhoso que sobreestimou as suas proprias qualidades até o exaggero, o ultrasensível que se subtrahiu ao mais leve attrito com o mundo, teria de ser com certeza um homem desigual, vibrando intensamente aos golpes soffridos e aos successos conquistados. E como aquelles foram mais frequentes e mais demorados, enroscava-se Farias Brito em si mesmo, como o incomprehendido que attribue aos males da vida a responsabilidade dos seus proprios males. O pessimismo era então uma defesa do homem que possui instrumentos frageis para a victoria — para a victoria que julga merecer.

Em momentos bem succedidos da sua vida, outras foram as disposições do seu espirito. E bem que Farias Brito os perseguiu com uma tenacidade que surprehende num tímido por orgulho. Então o pessimismo se esbatia e ganhava côres, não diremos de um optimismo aberto, mas ao menos de um conformismo que tem a sua compensação e o seu lado confortavel. São bem uma prova dessas disposições conciliatorias com a vida algumas das suas paginas, algumas das suas cartas e algumas das suas attitudes: as paginas de confiança na força do espirito e na harmonia do mundo, as cartas de planos de trabalho e até de jactancia do successo desses planos, as attitudes de resistencia e de luta contra adversarios e concorrentes eventuaes.

*

Chegado a este ponto de confiança na virtude dos homens, Farias Brito toma a si o encargo de dar uma solução aos mais complexos problemas da vida e do destino. Como que encontrara apoio para uma ampla construcção philosophica á maneira das grandes figuras do pensamento universal. O que diz ser intuito do seu primeiro livro é afinal o programma a que se propôs para os livros que se seguiram. Aqui consideramos o que disse Schopenhauer do homem de "pensamento unico", que por mais amplamente que conduza este pensamento jamais perderá a sua unidade organica, o seu sentido em extensão e em profundidade. (3) Farias Brito não é esse homem de "pensamento unico", mas de

(3) Apud E. Brehier — *Histoire de la Philosophie*, t. II, 2.^a parte, p. 815, Paris.

idéa unica, isto é, o homem que se serve de uma mesma idéa e della faz o conteúdo do seu pensamento como um monocórdio enfadonho. Veremos em toda a sua obra a repetição dessa idéa unica que não chega mesmo a ser um núcleo ao qual se filiem outras idéas. Unica idéa que sobrenada no curso das palavras que usa para encher os vazios do pensamento.

Essa idéa de Farias Brito é como uma especie de chave magica que abre todas as portas, chave que utiliza numa determinação inflexivel. E como nesse trabalho de toda a vida é fiel a si mesmo, veremos posteriormente — trabalho um tanto ingenuo, pois o julga fecundo e de applicação universal, seguro de uma missão a cumprir. A reforma do homem pela philosophia é essa idéa á qual todas as outras se reduzem. Não há problema humano de moral ou de politica, de arte ou de religião, que não se ajuste á sua chave de Salomão. Toda a critica e toda a discussão dirigiu-as no sentido de que a philosophia é uma actividade permanente do espirito humano e como tal deve ser retomada sob base popular e adoptada como um novo catecismo da perseverança para que cada homem assuma a sua posição como existencia dentro da existencia do universo e que a todos aperfeiçoe como verdade e como bem. A sua obra é uma especie de apostolado philosophico exercido com uma teimosia que não conheceu obstaculo/nem indiferença.

Acha-se resumido no periodo que se segue todo o seu apostolado: “eu quero saber se do que passa e se aniquila alguma coisa fica e em virtude da qual se possa ter amor ao que já não existe ou deixa de existir; se do que passa e se aniquila alguma coisa fica que não há de passar, nem aniquilar-se: quero estudar esta sciencia incomparavel de que falava Socrates: quero ensinar aos que padecem como é que se pode esperar com serenidade o desenlace da morte: quero dirigir aos pequenos e humildes palavras de conforto: quero levantar contra os tyrannos a espada da justiça: quero em uma palavra, mostrar para todos que antes de tudo e acima de tudo existe a lei moral, e que é somente para quem se põe fora desta mesma lei que a vida termina.” (4) Tinha Farias Brito consciencia da amplidão do seu proposito e dos tropeços que haveria de encontrar na execução de plano de vida tão arrojado. “Que tudo seja perdido, que ninguem me ouça, que todos condemnem a minha tentativa”, — e com isto encerrou-se elle definitivamente em seu proposito. E para que tudo chegasse a bom termo forrara-se de novas disposições, accetando com Spi-

(4) Farias Brito — *A philosophia como actividade permanente do espirito humano*, ps. 21 e 22, Ceará, 1895.



noza “que tudo é bom, porque tudo é o que deve ser” — o que de algum modo faz prescindir todo esforço de mudança ou de reforma, inclusive o seu apostolado philosophico.

*

Se era esse o proposito do apostolo, não o sentiu a multidão. De 1895 a 1915 — vinte annos de trabalho continuo e de decepções igualmente continuas — chegou Farias Brito á melancolica conclusão de que ninguem o escutara. Mas a consciencia de que não modificara o mundo com as suas idéas não amollecera a sua fibra de apostolo. Ao contrario: essa fibra adquire um vigor redobrado, desfeito o desalento que ás vezes o assaltava.

Em carta de 1915, a Jackson de Figueiredo — o bravo Jackson que foi sempre fiel á sua memoria — Farias Brito lamenta ter chegado “quasi ao fim da sua obra” sem fazer ao que saiba um só discipulo. (5) Refere-se, entretanto, com certo agrado a varios nomes, que reputa “de alto valor intellectual e moral”, que o animaram com seus applausos. Confessa que o acolhimento aos seus livros chegou a situar o seu nome e as suas idéas em lugar tão elevado que acabou por desconhecer-se a si mesmo. E’ como se elle proprio fosse “um raio de sol” — tenue raio de sol é verdade, mas sempre sol. E a proposito dos applausos recebidos tem uma phrase de desdem, digna de um legitimo philosopho do tempo de Pericles: “não comprehenderam que me esforçava por amor da verdade, e que todo applauso me fosse indifferente” — resposta certamente impolitica para quem pretendia realizar um apostolado. Entretanto faz uma concessão aos que o applaudiram: “entenderam que era necessario conceder-me um pequeno lugar no banquete dos que venceram” — o que indica que seu apostolado era uma medicaçãõ para uso pessoal.

Mas não era propriamente isto que sempre ambicionara. Para que applausos? Influir sobre as multidões, guiá-las, dominá-las, é que foi sempre o seu maior ideal. “Enganei-me, porém, quando imaginei que poderia exercer qualquer influencia sobre a multidão.” “Esta nem sequer me percebeu, e menos ainda me ouviu.” A proposito da mocidade, com a qual mais de perto estivera em contacto, por força da sua cathedra de professor, diz Farias Brito que ella sempre se conservara “indifferente e fria”. “Nunca consegui nella despertar nenhum entusiasmo, nenhuma curiosidade sequer.” E pondo a salvo o seu poder de seducção, attribue aos jovens deficiencias de toda sorte: é a mocidade no

(5) Apud Jackson de Figueiredo — *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito*, ps. 216 e segs., Rio, 1916.



fundo “dominada por velharias, conservadora e retrograda, incapaz, por si mesma, de reagir contra a rotina.” Neste ponto cae Farias Brito numa das suas crises de depressão: “pretendendo ou imaginando entregar-me a uma obra de valor universal, sonhando ser util ao meu país e aos homens do meu tempo, em verdade fui inutil até para os meus filhos.” Sente a precariedade do seu trabalho, uma vez que assiste á morte de seu pensamento antes de morrer elle proprio. “Fui inutil” — commovida confissão de philosopho resignado. Em outro documento — pamphleto publicado no fim da sua vida — igualmente lamenta ter perdido por inteiro o seu tempo: “e por fim convenci-me que trabalhava num deserto, pois minha vida fez-se realmente num deserto, tendo sido por completo varridas de meu coração toda a fé no trabalho e toda confiança nos homens.” (6) Mas depois novo alento o toma e declara então naquella carta a Jackson achar-se convencido de que não somente o seu pensamento permanece vivo, “como além disto, se destina á victoria.” Se não conseguira influir por meio d'elle, é que o isolamento em que se conservara sempre foi um elemento negativo de successo, pois que “uma consciencia que se isola é uma energia que se perde, que se torna infecunda.” Dahi achar falso ter dito Ibsen “que o homem mais poderoso do mundo é o mais isolado, aquelle que conseguiu poder viver absolutamente só.” Coincide então Farias Brito com Eugenio D’Ors, para quem não há pensamento sem sympathia humana e sem sociabilidade.

O interlocutor que criara para uso domestico era um artificio de que se penitenciava já tarde. O seu pensamento não nascera do choque com a vida e com o pensamento dos outros homens. O encontro com Jackson de Figueiredo foi por isso um novo alento para o philosopho cansado de seu absenteismo. A perspectiva de uma actuação directa sobre os factos e de uma influencia sobre os homens abriu-se subitamente. Os vinte annos tinham sido de apostolado distante e recolhido. Parecia agora curado do que Eugenio D’Ors chama “a incapacidade especifica para o exercicio da amizade” — doença que é uma forma de egolatria e uma inferioridade vergonhosa. E’ claro que Eugenio D’Ors não fala-dessa affabilidade morna que aproxima momentaneamente os homens, mas de “uma branda e voluptuosa disposição sentimental”, que se prolonga e se completa em intelligencia. A graça ou o dom da amizade jamais possuiu Farias Brito. Sentiu essa falta e lamentou-a ao encontrar-se com Jackson de Figueiredo, que era um homem de grandes reservas de humanidade.

(6) “Pamphleto”, apud Jonathas Serrano — Farias Brito, o homem e a obra, p. 249, São Paulo, 1939.

Como que experimentou o philosopho a sensação de que ia completar-se com este primeiro discipulo e possivel continuador de suas idéas. Por outro lado deixou-se tocar Jackson de Figueiredo por uma certa pureza de espirito que ninguem negará em Farias Brito e que igualmente possuiu sem intermittencia. Não foi outro o segredo da aproximação dos dois.

Salientando affinidades que decerto existiam entre elles, Farias Brito indaga: "seria este o meu discipulo desejado?" O primeiro discipulo deveria ser o inicio de sua escola — uma escola espiritualista que guarda a sua autonomia como corrente que de algum modo é uma antecipação da fé religiosa — e cujos representantes Jacques Maritain encontra sob forma e graus diferentes em quasi todas as épocas da historia. (7) Farias Brito fala em sua carta em outros discipulos que viriam depois: "com certeza iremos longe." E como que subitamente illuminado por um messianismo incompativel com a serenidade de um philosopho, desabafa, já antevendo o resultado de sua actividade como chefe de escola: "e que a multidão estremeça; porque terá fatalmente de ser subjugada, orientada em suas representações obscuras e incertas, esclarecida em sua cegueira, vencida em seus instinctos selvagens."

Mas os discipulos não se aproximaram e o proprio Jackson de Figueiredo não se fixou definitivamente ao lado de Farias Brito. O espiritalismo infuso do mestre não satisfez a sua necessidade de fé religiosa. A sua coragem era superior á de Farias Brito: num o temperamento era de definição, noutro o temperamento era de hesitação. Doutrina fronteira, oscillante entre a razão e a fé, o espiritalismo de Farias Brito teria de ser um degrau apenas para o homem que se decidira afinal pelo catholicismo, com uma firmeza de convicção e uma combatividade que ficaram como admiravel exemplo no Brasil.

O mestre teria de ficar sozinho, enrolando o novello das mesmas idéas, fechado dentro das suas illusões. O seu destino era o de predicador no deserto.

SYLVIO RABELLO

(Do livro, a sair, **Farias Brito ou uma aventura do espirito**).

(7) Jacques Maritain — *De la philosophie chrétienne*, p. 11, Paris, 1933.



O INDIVIDUO E A MASSA

Nos dias actuaes, a mentalidade politica caracteriza-se pela deformação do sectarismo e da intolerancia. Essa mentalidade, sendo, na sua pratica corrente, mais emotiva que objectiva, foi sempre dominada por sentimentos e paixões. Comtudo, epochas há em que os sulcos do furor ideologico nella se imprimem com violencia singular. São, com certeza, épocas criticas de mudança, plenas de contrastes chocantes e opposições extremas, mas paradoxalmente tocadas pelo delirio do dominio de uma só bandeira, da sujeição de todos a um só credo.

Era, entretanto, de uma attitude experimental em face da realidade que se devia partir. Mas o pensamento politico exaltado pelo radicalismo de suas concepções não soffre que a organização da sociedade seja diversa do que previamente imaginou e traçou. Assim, o proprio idealismo torna-se sanguinario, porque, no clima intellectual, de que se alimenta, respira-se a essencia mesma da intolerancia: os preconceitos se transmudam em principios, a cuja cega obediencia todos são compellidos.

Tenho que esta é a atmospheria dos Estados totalitarios, a origem do appetite sinistro com que elles querem se apoderar não só dos bens como das consciencias.

Hoje em dia, o totalitarismo fez monopolio da emphase sobre a importancia e o valor do Estado. Dir-se-ia que reconhecer a supremacia do Estado na direcção da vida social é mais que um privilegio, porque verdadeira descoberta, authentico achado da philosophia totalitaria. Essa confusão cultivam-na mesmo os theoreticos do totalitarismo, na ansia de rotular como elementos dissolyentes do Estado os que não lêem pela cartilha de sua doutrina.

Todavia, a defesa do bem publico, a sua primazia sobre o interesse individual sempre mereceram dos pensadores politicos, a começar pelo primeiro delles, que foi Aristoteles, a mais clara e firme das reivindicções.

Não há, comtudo, entre a exaltação do Estado para negar o individuo e a exaltação do Estado como a ordem social em que unicamente o individuo pode attingir seu completo desenvolvimento, a menor semelhança de propositos.



Assim, quando o philosopho diz que o Estado se colloca em plano superior ao individuo, e que este como unidade isolada não é independente, pois faz parte de um todo, accentuou, de maneira definitiva, em palavras que depois apenas se justificaram e desenvolveram, a supremacia do bem commum. Mas, ao salientar que o Estado não surgiu apenas para tornar a vida social possível senão para torná-la feliz, elle encheu de um conteúdo ethico, de um fim moral a propria acção do poder politico.

Precisamente, o meio de alhear o Estado de qualquer preoccupação de sentido ethico consiste em apagar na trama da ordem, que elle foi chamado a elaborar, o individuo, a pessoa humana. E' na pessoa humana, é na conducta e nos actos dos cidadãos, que os valores ethicos se realizam, que a virtude, a sinceridade, a coragem, o idealismo se manifestam e se concretizam. A concepção do dever, da consciencia baseia-se directamente na personalidade. Se o individuo emergisse, afinal, da grande fonte de vida, que é a sociedade, sem a noção da responsabilidade propria, sem o sentimento da independencia e da intransferibilidade do "eu", jamais o ideal seria a flor mais pura e mais extrema da natureza humana. As possibilidades intellectuales e moraes de seu desenvolvimento e perfeição estariam annulladas.

Mas, as características da formação bio-psychica do homem conduzem-no a ultrapassar os limites do gregarismo a que os outros seres da criação se confinam. Eis por que é impossivel ao Estado esquecer que cada homem tem pelo menos um direito potencial á sua propria vida, no conjunto organico a que se acha preso pela sua condição de "animal politico". Essa condição, antes de pesar sobre elle como limitação, proporciona-lhe exactamente todas as perspectivas de aperfeiçoamento, a que pode aspirar.

A philosophia, ou melhor, a propaganda totalitaria, identificou na noção de individuo a imagem do homem da rua, do cidadão das democracias burguesas que, armado do direito de voto, da liberdade de falar, da autonomia juridica da vontade, acabou na indisciplina e na desorientação, solicitado por correntes diversas e oppostas. Individuo passou a ser synonymo de indisciplinado; individualismo entrou a significar o mesmo que egoismo. Qualquer pensamento que tenha por base reivindicação individual entrou a não merecer senão desprezo, tanto o sectarismo e a unilateralidade da visão partidario-ideologica baralharam idéas diferentes, em parte por ignorancia, em parte visando objectivos escusos.

Dessa maneira, o totalitarismo substituiu, na sua technica, a unidade politica — cidadão — em torno da qual giravam as Con-



stituições democratico-liberaes, pela unidade politica de sua invenção — a massa.

No primeiro caso, o Estado organizava-se á imagem e semelhança de um regime social de producção em que ao merecimento individual se offereciam opportunidades de competir livremente e em que aos privilegios do sangue se succediam os exitos no trabalho, verdadeiros novos padrões para se classificarem os homens, no "struggle for life".

Na estrutura politica do Estado repercutia, antes de tudo, a libertação do individuo da dependencia que, na velha sociedade, lhe tolhia a faculdade de dispor de si mesmo. O "cidadão" apparecia como o heróe desse drama libertador, aureolado pela categoria ethica de pessoa humana, collocado num plano ideal de igualdade que, não se positivando quanto aos bens materiaes, exprimia-se nos direitos e garantias de que a lei o cercava, independentemente de nascimento, côr ou classe.

Mas a dissociação entre o politico e o economico, entre o ethico e o social veio perturbar, de modo grave, o funcionamento dos systemas democraticos liberaes, dahi se originando a crise em que se consumiram.

O Estado totalitario moderno representa a tentativa para superar essa crise pela applicação á sociedade nacional dos methodos de "organização scientifica do trabalho", em que o trabalhador não precisa pensar, pois, como dizia Taylor, há gente especialmente paga para essa função na usina, bastando-lhe executar o seu movimento, na cadeia de movimentos precisos e automaticos, de que participa.

Uma das accusações mais repetidamente irrogadas ás democracias liberaes é que ellas desperdiçavam esforços e malbarata-vam o tempo em discussões e debates interminaveis, pois estava em sua indole reconhecer a cada cabeça o direito de uma sentença.

Ora, as proprias tarefas da organização da sociedade em nossos dias de tal maneira se revestem de cunho tecnico, de tal modo constituem especialidade de iniciados que o Estado, como na fabrica, em que tudo quanto diz respeito á experiencia e á cultura incumbe exclusivamente ao "Departamento encarregado de pensar" (Thinking Department), empolgou tambem a faculdade de decidir, o direito de ter vontade. Só o Estado julga, só o Estado dirige, só o Estado pensa.

Mas, obviamente, o phenomeno Estado é tão diferente do phenomeno usina ou fabrica que applicar naquelle as regras do jogo industrial conduz a sociedade á monstruosa arregimentação totalitaria, em que o primeiro valor a perder-se é precisamente

o da significação da vida como possibilidade de experiencias materiaes e moraes para o individuo.

Assim, "se ao cidadão não se molesta e deixa-se em paz não é porque elle a isso tenha direito em virtude de sua innocencia, senão porque as autoridades não têm interesse em persegui-lo, ou querem poupá-lo. Mas, ellas podem destrui-lo quando lhes aprouver, no interesse da segurança publica, mesmo sabendo que estão agindo injustamente para com elle. Basta que o considerem perigoso em si mesmo", isto é, pelo que vale, pelo prestigio moral e intellectual de que se cerca, graças á firmeza das proprias convicções, embora limitada ao plano da consciencia.

O Estado totalitario excluiu de sua philosophia a noção de individuo, o conceito de cidadão. Elle opera unicamente sobre o conceito de massa precisamente porque a ausencia do sentimento de responsabilidade representa para a multidão um allivio, talvez o elemento fundamental de sua euphoria.

A atmospheria da disciplina social torna-se assim pesada de oppressão, que gera o tórro. Coragem, sentimento de justiça, intelligencia, cultura, tudo que é substancialmente qualidade do individuo e não da massa colloca-se sob vigilancia, suspeita e desconfiança do poder publico.

Para o Estado totalitario, o individuo é o ente perigoso da democracia liberal, o ente que vota, que discute, que protesta, que faz greves.

O individuo representa, comtudo, mais, muito mais do que isso. E' o portador das possibilidades humanas de aperfeiçoamento, de felicidade e de progresso. O peccado mortal da philosophia totalitaria consiste exactamente em negar essa verdade redemptora da vida em sociedade, que ao Estado incumbe dirigir.

HERMES LIMA



JOGOS ONOMASTICOS

MARIA DA GLORIA CHAGAS

*Esta é Gloria, esta é Maria:
Nome que é nome e renome.
Claro está que com tal nome
Será — facil prophesia —*

*Boa filha, boa irmã e
Boa esposa. O' anjos, dae-
-Lhe a gentileza da mãe,
A intelligencia do pae.*

*Nesta vida transitoria
Chagas tenha só no nome
— Nome que é nome e renome —
E tudo o mais seja gloria.*

CARLOS CHAGAS FILHO

*Não degenera quem sae
Aos seus — é a lição da Historia.
Este, que com grande brilho
Já foi Carlos Chagas Filho,
Junta á do pae nova gloria,
E hoje é Carlos Chagas pae.*

CLARA DE ANDRADE

*Trago n'alma a devoção
Da mais pura claridade.
Clara d'Ellébeuse? Não!
Clara, mas Clara de Andrade.*

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

*Como melhor precisar
Esta palavra amizade?
Nomeando o amigo exemplar:
Rodrigo M. F. de Andrade.*

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

*Não só no nome que brilha
Este é imperador e rei.
Pois tem n'alma, ó maravilha,
Dois thronos de ouro de lei:
Lucia esposa e Lucia filha.*

JOANITA

*Não é Joe, não é Joana,
Nem Juanita: é Joanita.
A diferença é pequena,
Mas nessa differencita,
Que em summa é tão pequenina,
Há a graça que não está dita,
Que é privilegio da dona,
Que já toda a gente cita
E assim talvez não reuna
Nenhuma moça bonita.*

ASTROJILDO PEREIRA

*Bananeiras — Astrojildo esbofa-se -
Plantae-as ás centenas, ás mil:
Musa Paradisiaca, a unica
Que dá dinheiro neste Brasil.*

SACHA

*Sacha muchacha,
Nariz de bolacha!*

*(Meu estro não acha
Outra rima em acha.
Por isso se agacha,
Se cobre de graxa,*

*Se arranha, se racha,
Se desatarracha,
E pede em voz baixa
Desculpas a Sacha.)*

PRUDENTE DE MORAES, NETO

*O authenticico poeta, dilecto,
Meu critico e companheirão,
Deu-me a maior prova de affecto
De que eu podia ser objecto:
Fez-me tio por adopção.*

*Prudente! Prudente e discreto
Como o avô, o Santo Varão.
Bem grande avô! Bem grande neto,
— O authenticico!*

*Tomo aqui o tom mais circumspecto
E dou a bênção, — ou benção,
Como seria mais correcto —
Ao sobrinho do coração,
A Prudente de Moraes, neto,
— O authenticico.*

SUSANNA DE MELLO MORAES

*Susanna nasceu
Na segunda-feira.
E eu, que sou Bandeira,
Embandeirêi eu
Esta Lapa inteira:
Sus, Anna!*

*Não foi brincadeira:
Muito a mãe soffreu.
Gritava a enfermeira:
Sus, Anna!*

*O pae lhe escolheu
Um nome que cheira
A' terra fagueira
Do senhor do céu.
E' a gloria primeira:
Sus, Anna!*

THEMISTOCLES DA GRAÇA ARANHA

*A aranha morde. A graça arranha
E vale o gladio nu de Themis.
Logo se vê que tu não temes,
Themistocles da Graça Aranha.*

CLARA RAMOS

*Já cantei Clara de Andrade:
Hoje canto Clara Ramos,
De Graciliano, que amamos,
Gracil filha e claridade.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*O sentimento do mundo
E' amargo, ó meu poeta* irmão!
Se eu me chamasse Raymundo!...
Não, não era solução.
Para dizer a verdade,
O nome que irvejo a fundo
E' Carlos Drummond de Andrade.*

MANUEL BANDEIRA



UM ALMOÇO EM SINTRA

Foi por 1903 que se representou no Colyseu dos Recreios, de Lisboa, uma opera de Oscar da Silva com letra de Julio Dantas. Chamava-se *D. Mecia* e era em dois actos. Um bando de literatos dessa época, que peroravam no velho Martinho somnolento em recantos de botica provinciana, lá foi applaudir a nova peça, batendo as mãos como matracas: Fialho de Almeida, Manuel Penteado, Luís Galhardo, Francisco Teixeira, Henrique de Vasconcellos e eu. Era no verão, o calor lisboeta apertava, e como era preciso saudar o jovem maestro em ruído ágape, escolheu-se a frescura de Sintra para um almoço.

Corria julho, um julho canicular, quando abalámos, o bando acima citado, para a frondeante collina que se nos deparou, como quasi sempre, envolta no seu mantelete de nevoa, e tão densa que caíam grossos pingos nas aléas da espessura onde nossos passos iam em silencio na herva molle.

O retiro offerecido era a quinta dos Castanhaes, propriedade do *capain* Teixeira Marques, e em cujo limiar fomos acolhidos por um serviçal que erguia um soberbo gigo de alperces côr de sol, como um quadro flamengo onde se procurasse a assignatura de Jordaens. Fialho de Almeida encarregara-se do prato mestre, um prato de bacalhau que logo foi anteolhado tremendo pelas dimensões do panellão que exigiu para submergir as vidualhas que o compunham. Esse panellão tinha o ambito fradesco da bateria pantagruelica do convento de Alcobaça e Fialho começou a dispor lá dentro camadas de bacalhau, camadas de pimentos, mais camadas de bacalhau, outras camadas de tomates, mais camadas de bacalhau, isto em movimentos calmos de cozinheiro experimentado, fazendo lentamente subir os terrenos daquella geologia culinaria que atestou até aos bordos o amplo cylindro de lata.

Nestas algazarras de rapazes, o autor dos *Gatos* era de uma effusão infantil, explosiva de graça e bom-humor, como se aquelle espirito se quisesse libertar da sua habitual revolta sarcastica, onde havia muito do truanismo baudelaireano, para a alada região do contentamento ingenuo e da alegria sã. Durante o Carnaval então perdia a cabeça como Gavarni, passando as noites numa trepidação constante como quem se julga obrigado a cumprir as circumvoluções delirantes de um



rito bacchico, querendo, na sua deliberada visão augmentativa, alçar a pacata Lisboa dos ché-chés e da invariavel mulher de capote e lenço, aos paramos de uma Babylonia de prazer e de luxo raro. Como se pusesse num olho a esmeralda de Nero, contemplava perspectivas deslumbrantes de opera de Paris no modesto e soturno vestibulo do theatro de D. Maria, e ainda o estou a ver encarrapitado no pedestal do busto da actriz Emilia das Neves, ante o sorriso franciscano de D. João da Camara, cobrindo de beijos soffregos o admiravel marmore de Soares dos Reis.

Em Sintra, cingiu-se com um avental branco, enfiou na cabeça um dos cartuchos das provisões levadas de Lisboa, convidou-me para ajudante de cozinha, e ei-lo na tarefa, sublinhando com ditos de inesperado sabor o corte do bacalhau que elle executava com methodo cirurgico, subitamente convicto e serio, as sobranceiras unidas quando mergulhava os braços até ao cotovelo na absorbente vasilha para dispor as camadas segundo os preceitos. Foi um successo! Manuel Penteado reclamou a receita que veio publicada no *Jornal do Commercio*, apesar da conspicua catadura desta folha conselheiral e financeira. Simplesmente Fialho, para avisar as voracidades temerarias, pôs no fim a nota prudente: *Faça-se testamento antes de usar.*

Findo o banquete á sombra do tecto de verdura, que não deixava de fazer pingar o pranto do seu orvalho, Fialho propôs que se organisasse um cortejo civico em honra do maestro. Dispôs-se com pompa, indo na frente Manuel Penteado e Luís Galhardo tocando um ordinario de sol-e-dó, e entre as figuras allegoricas ia eu pela mão de Fialho, representando a Infancia desvalida. O cortejo seguia, escandalizando o silencio da quinta, e de vez em quando parava sempre que um accidente da paisagem reclamava as manifestações da eloquencia. Foi assim que num recanto se nos deparou um casebre desmantelado, com o tecto roído entre as paredes cobertas de musgo. Fialho avançou, lançou em redor um olhar solenne, de commoção reprimida, fez um gesto palaciano de chefe de Estado e clamou: — Felicito estas ruinas pelo magnifico estado de conservação em que se encontram! — E seguiu com gravidade official, e com a satisfação de um dever cumprido.

Mais adiante, num campo descoberto todo salpicado de floritas, havia uma sebe e junto della um portello desmantelado. Fialho avança, faz o mesmo gesto protocollar, empertigando-se, e clama deante do cortejo immovel: — Este portello é o dia mais feliz da minha vida! — Mudo e respeitoso, o cortejo baixou a cabeça, saudando, e continuou depois de assistir a esta grande scena historica... Mas para lá da sebe havia um tanque, espelhante de agua limpida entre nenuphars. Fialho olhou e ordenou que se saudasse o tanque como preciosa reliquia

archeologica. — Foi aqui, disse, que se lavaram os primeiros cueiros do maestro. O tanque foi saudado com uma girandola de assobios que subiram como foguetes.

*

Regressámos. A noite estava de uma doçura estival e perfumada, e pelas ruas de Sintra, nessa época descuidosa e contente, começavam a deslizar grupos onde gemiam guitarras, e de um ou de outro terço assomavam lindas cabeças que se illuminavam com o luar nascente e pendiam pontos brancos de chales como nos balcões andaluzes. Há épocas na vida em que um aroma, um som, um perfil que empallidece na penumbra, compõem o quadro magico de uma hora suprema, de encanto suprasensível, á qual uma voz interior roga com murmura commoção: — fica! — Mas ella parte assim como nós partimos, como quasi todos partíram desse bando que há trinta annos ria sob as ramarias de Sintra. Restam três: José Gentil, Julio Dantas e eu.

JOÃO BARREIRA



MONOLOGO

Sei que elle vem. Isso de mentir, de jurar... Sei que elle vem. O que difficil é a gente se adaptar á idéa "delle" mentindo, "delle" sendo falso... Mario, Mario, amanhã é Natal. E eu ia justamente lhe dizer que uma criança vae nascer.

— Garçon! outro café!

Passou defronte ao café o professor de inglês. Vae com um pacote de cartas na mão. Fez uma cortesia, esboçou o gesto de entrar. Mas viu que espero alguém (já me encontrou outras vezes aqui mesmo, esperando Mario), e como um *gentleman* que é, continuou o caminho. Tão digno no terno de linho se desfazendo! Tão lindo o seu cabello branco, partido direitinho para um lado! Ontem falou commigo do Natal, fez-me dizer collecções de versos ingleses, que as crianças cantam na noite do Nascimento. Os versos que cantava uma longinqua Annabel de tranças louras, fria e branca como a neve, em Nataes de há muitos annos.

Neve. Nunca vi neve. O professor diz que Natal sem neve parece a Africa. E' negroide e meio heretico. Natal de verão tropical, oppressivo, quente...

Realmente, que calor! Que será quando Mario me vir aqui, elle entrando com a outra pelo braço? Deçerto vem falando muito, com aquelle seu ar de príncipe que tem tudo nas mãos, com seu jeito de distribuidor de riquezas, que aos outros poderá até parecer affectado, mas a mim me commove e me convence.

Há de segurá-la pelo braço, como me segura a mim. Talvez ponha nos seus ombros aquellas mãos duras, nervosas, mãos de cigano. Falo em mãos de cigano porque vi um dia as mãos de um, iguaes ás de Mario, alisando o pêlo de um cavallo ruço. Eu era criança, fiquei fascinada e medrosa, e o cigano me parêceu o homem mais bonito do mundo. Trazia no anular um aro de prata, e alisava o pêlo do cavallo docemente, docemente, enquanto falava, falava. Subitamente apertou entre os dedos o pescoço musculoso do animal, que recuou, bateu com os cascos no chão...

Mas isso são lembranças velhas... por que falo nellas? ah, sim, por causa das mãos de Mario. Ainda sinto a sua força nos meus ombros. Sob a gola ainda se pode ver discretamente uma ecchymose. Mas, para que penso nisso? Não estou aqui para me enternecer, apenas para ver, para me convencer, para adquirir meios de esquecê-lo.

O menino ainda não dá signal de vida. Escuto ansiosamente, espero, mas nada. Sei que elle está aqui, cuido senti-lo, mas é uma especie de crença sobrenatural, como se sente a presença do santo. Nada, na verdade, me prova a vida do meu filho. Não consigo nem distinguir ainda a batida do seu pequeno coração.

As batidas do coração de Mario é que eram fortes. Tão fortes, meu Deus, que me faziam medo. Um coração rijo e audaz de homem esmagando o meu pobre coração doentio e assustado.



Tanta cousa que lhe dava o calor dos meus braços! Parecia que eu representava o centro do mundo, onde elle se afundava e morria... E eu me sentia tão forte, tão poderosa e tão pequena!

Talvez elle morra assim nos braços da outra. Não sei. Terá ella a minha humilde alegria, a minha 'passividade deslumbrada?

Cada mulher deve representar uma descoberta nova. Por isso elles mudam tanto. Entre mim e essa outra deve haver leguas de mundos obscuros. Como é jovem, como ri mysteriosa, como o seu corpo fino e magro deve saber infinitudes de cousas instinctivas! Nada da minha receptividade maternal, desse meu desejo secreto de immolação que me faz conter a respiração para não tomar parte nenhuma no que é só d'elle, para não dividir o prazer que lhe dou e lhe deixar inteira a parte do leão...

Primeiro elle me disse que o homem deve ser polygamo. Eu sorri, concordei. Elle me segurou na mão e eu comprehendí que naquelle momento a sua polygamia era eu.

Mas isso foi no começo de tudo; nessa phase indefinida em que as cousas mais alheias têm um sentido especial. As mãos da gente parecem de vidro, quando se tocam, e por qualquer cousa a fala se embarga, enrouquece.

Depois tudo caminhou tão rapido, que já nem sei de mim. E houve um momento, nessa marcha triumphal, em que Mario parou, subitamente. E eu continuei caminhando, caminhando...

Quanto terei andado, antes de descobrir que não sentia mais a sua mão na minha?

O professor de inglês é cheio de theorias, e acredita na vida. Há trinta annos que está aqui. E ainda não se desfez do seu sotaque escocês, da saudade da Annabel perdida, do desejo de voltar á terra. Isso tudo fá-lo viver numa interinidade permanente, sempre com a bagagem prompta, a do corpo e a do espirito. Sôe a hora do retorno e, sem surpresa, depois de tantos annos, o professor jogará fora o terno esfiapado de brim, esquecerá as poucas palavras portuguezas que aprendeu, vestirá a roupa de casimira inglesa que dorme no fundo da mala dentro do seu ninho de naphtalina, e reassumirá sua figura de nascença e a sua lingua. Os trinta annos de Brasil serão apenas um pretexto para composições literárias. Elle falará nas borboletas da Tijuca, na belleza sem par de Copacabana. Sem rancor, quasi com carinho, porque estará esquecido e compensado.

Procurei exprimir isso a elle, outro dia, numa aula de conversação. O velhinho riu, melancolico: — "A gente não deve perder a fé."

E foi isso o que perdi. E' verdade que ninguem perde a fé. A gente muda de fé. Eu mudei, deixei-o, mas estou custando a me fixar de novo. Em que irei crer agora? Eu acreditava em Mario, embora de modo assustado e intermitente. Hoje nem isso. Bem que me violentei para acreditar mais tempo, para não comprehender tão depressa. Era tão bom acreditar que fosse amor aquillo tudo, amor a dureza das suas mãos, amor o olhar sombrio e perdido, amor a fala febril e murmurada, — amor tudo que elle me offerecia sob o nome de amor! Amor principalmente esse filho em que falavamos, que eu desejei absurdamente por causa d'elle, porque um filho, um filho...

E engraçado é que elle se sentia feliz representando de amante. Só hoje descobri que não houve duplicidade intencional, nem falsidade, nem fingimento. As mentiras de agora são defesa de quem quer evitar disputas, choro, resentimento, explicações (as eternas explicações femininas que apavoram os homens).

Elle sentia-se feliz em dar expansão ao fundo theatral da sua natureza. Incorporava-se ao personagem, tinha-me feliz e immovel nas suas mãos. O amor é um grande papel — é o maior papel de todas as operas. E' altisonante e rico, exige belleza, mocidade, audacia, voz, imaginação, *élan*... Nada pode dar mais elevada expressão a um homem do que o desejo ou o ciúme.

Mas, por isso mesmo é que elle hoje me foge. Fadiga. O papel cansa, o natural violentado pela opera se irrita. E quando elle quer voltar a ser apenas o que é com todo o mundo, tem que me deixar, tem que estar sozinho ou com outros. Menos commigo, que confesso, meu Deus! já não o comprehendo sem opera. Como supportaria o pobre rapaz a scena a vida inteira, sem uma folga para um copo d'agua, sem um instante de repouso displicente? Para 'os grandes sentimentos, a unica maneira de aturá-los é senti-los. Uma contrafacção continua é impossivel.

Eu, pobre de mim, eu é que fiz como aquelles camponeses da aldeia alemã que representavam a paixão de Christo. De tal modo se enlevavam no papel, com tal realismo o assumiam, que se deixavam açoitár e coroar de espinhos...

*

Para que eu o deixei falar tanto? O mal dos humanos são as palavras. Com ellas elle se embriagou. Por ellas foi longe demais, arrastou-me a terrenos prohibidos.

Tão pouco tinha elle a me dar realmente, pobre Mario! Mas o mundo é immenso para quem tem as palavras. O céu e a terra, os anjos e as nuvens, está tudo em seu poder. Basta um pouco de sopro e imaginação.

Como não percebi, como não entendi que elle se embriagava? Que tudo, céu e mundo, vida e morte, eram palavras?

Que tinha elle para me dar? Nem Annabel de louras tranças, como o professor de inglês, nem a sua coragem e optimismo, tirados dos livros de boa-vontade.

*

O segundo café esfriou tambem. Os homens entram e saem, ninguem me olha, sou apenas uma moça modesta, encolhida a uma mesa de canto, espreitando um casal feliz que deve entrar em pouco.

Uma moça modesta e pobre. Tão pobre, tão pobre!

A principio, quando eu falava que era pobre, elle não me entendia. Ao contrario, eu lhe parecia a riqueza, o mysterio, o impossuido. Depois, quando o tive, eu propria me senti rica, e elle o viu. Agora que elle se desinteressou, que não cuida mais em saber dos meus thesouros, verifico que tudo que eu tinha era um pouco de pó na palma da mão vazia.

*

São elles. Mario não fala, por que? Não me viram. Sentam. Ella sorri, diz cousas baixinhas com ar de ternura. Elle sorri, distrahido. Adivinhará minha presença? Parece timido.

Eu poderia matá-los. Poderia gritar, attrahir gente, perder-me, perdê-los. No fundo não desejo isso, entretanto. Sinto uma especie obscura de repouso.

E' o professor de inglês que volta. Foi pôr no correio, aqui perto, a sua correspondencia de Natal. Espia timidamente para dentro do café; quer ver 'se estou só ainda. Eu me levanto, sorrio, passo pertinho dos dois. Mario tenta ser natural, dá boa-tarde. Ella não fala, porque officialmente não me conhece. Eu respondo gentilmente, como a um conhecido qualquer. Chego mesmo a dizer: "Feliz Natal!" O professor não entende bem nada, mas me offerece o braço, feliz.

Parece que pela primeira vez senti a criança, ao me erguer da mesa. Mario nunca comprehenderá o meu sorriso, que suppõe desafio, orgulho.

Que pode entender dos meus sorrisos esse homem estranho, sentado a outra mesa com outra mulher?

Entretanto ainda há nos meus ombros uma pequena mancha azul, — a marca das suas mãos.

E a criança deu realmente signal de vida.

RACHEL DE QUEIROZ



MARIA GRAHAM NO BRASIL

A historia do Primeiro Reinado, interessantissima phase de experiencias politicas que succedeu á Independencia, ainda está sujeita a rectificações importantes, apesar da relativa abundancia de estudos a ella consagrados. A seu respeito, guardam os archivos nacionaes e estrangeiros, publicos e particulares, documentos valiosos, susceptiveis, talvez, de alterar profundamente muitos pontos até agora tidos como assentes.

Prova disto encontramos agora, e das mais esclarecedoras, no conteúdo do volume LX, relativo ao anno de 1938, dos **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, em boa hora mandado publicar pelo Director da referida instituição, o insigne historiador Dr. Rodolfo Garcia.

Sob o titulo geral **Maria Graham no Brasil** reúnem-se neste tomo daquella publicação dois trabalhos que de agora por diante serão indispensaveis á consulta dos estudiosos do Primeiro Reinado: a **Correspondencia entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e Cartas Annexas** e o **Escorço Biographico de Dom Pedro I, com uma Noticia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo**, tambem de autoria da mesma escriptora inglesa.

Excellentemente traduzidos pelo Dr. Americo Jacobina La-combe, Director da Casa Ruy Barbosa, de accordo com originaes ineditos, há tempos adquiridos pela actual administração da Bibliotheca Nacional, acham-se os referidos escriptos precedidos por erudita **Explicação** da lavra do Dr. Rodolfo Garcia, que, como o traductor, abundantemente annotou os respectivos textos, onde quer que se faziam necessarios maiores esclarecimentos.

O depoimento por Maria Graham prestado tanto com aquellas cartas como na alludida biographia — é, realmente, dos mais dignos de consideração, por parte de todos os que se preoccupam com a exacta reconstituição do nosso passado.

Aliás, circumstancias especiaes muito contribuem para augmentar o merito do testêmunho offerecido pela observadora visitante.

Aportando a Pernambuco, em setembro de 1821, ao tempo do governador Luís do Rego Barreto, surprehendeu Recife em



plena agitação resultante da acção revolucionaria da Junta de Goyana. Também não era de tranquillidade a situação encontrada logo depois, na Bahia, pelos tripulantes e passageiros da fragata inglesa **Doris**, conmandada pelo primeiro marido de Maria Graham. E no Rio de Janeiro, onde chegaram nas vizinhanças do episodio do **Fico**, tiveram occasião de presenciar os motins provocados pela tropa portuguesa aqui estacionada, em 11 e 12 de janeiro de 1822, até o forçado embarque para o Reino, no mês seguinte conseguido pelo Principe Regente D. Pedro, de Avilez e seus soldados.

Deixando então o Brasil, logo depois, pelo fallecimento do esposo, occorrido nas alturas do Cabo Horn, recolheu-se Maria Graham a Valparaíso, no Chile, de onde voltou ao Rio de Janeiro, um anno depois, em companhia de Lord Cochrane, pelo nascente Imperio contratado para seu Primeiro Almirante, encarregado da missão especial de auxiliar, por mar, a libertação das provincias do Norte que ainda se achavam occupadas por tropas portugesas ou governadas por agentes de Lisboa.

Na nova Côrte permanecendo, pela segunda vez, de março a outubro de 1823, boas relações teve occasião de ahí manter a recente viuva e escriptora, cujos dotes de espirito e, possivelmente, outras recommendações, fizeram com que fosse convidada para o honroso encargo de governanta da Princesa Dona Maria da Gloria, herdeira presumptiva de um dos thronos então occupados pela Casa de Bragança, como filha mais velha, que era, de D. Pedro I e D. Leopoldina, então sem filhos varões.

Antes de entrar em exercicio de suas funções, Maria Graham pediu e obteve licença para ir á Inglaterra, de onde regressou ao Brasil já em 1824.

Passando, mais uma vez, por Pernambuco, em agosto desse anno, mais uma vez encontrou Recife em agitação, bloqueado pelos navios de seu amigo Lord Cochrane, que com ameaças e arbitrarías offertas de paz aos insurrectos collaborava na repressão á chamada Confederação do Equador. Sem temer os possiveis effeitos da situação reinante, Maria Graham não teve duvidas em desembarcar, chegando até a agir como parlamentar entre o Almirante, já Marquês do Maranhão, e o Presidente revolucionario Manuel de Carvalho Paes de Andrade.

No Rio, afinal, installando-se no Paço de São Christovão, cheia de boa vontade para dar inicio á tarefa da educação de sua augusta pupilla, não conseguiu, entretanto, Maria Graham, manter-se no espinhoso posto mais de 36 dias, de 5 de setembro a 10 de outubro de 1824, — tão immediatas foram as intrigas contra ella urdidadas por outras damas da Côrte, com apoio do in-



fluente Thesoureiro da Casa Imperial, o ex-barbeiro Placido Antonio Pereira de Abreu. Apesar de curta, essa residencia da escriptora inglesa no palacio da Quinta da Boa Vista forneceu occasiões para o registo posterior, sempre curioso e porventura fiel, de factos e occurrencias das mais interessantes, ao lado de observações relativas aos Imperadores e aos que os cercavam, igualmente dignas de nota. A amizade com que desde logo a distinguiu a Imperatriz Leopoldina, além das atenções com que sempre foi tratada por D. Pedro, formam uma parte bem importante dessas annotações.

Durou, porém, essa nova permanencia de Maria Graham no Rio de Janeiro um anno mais, até setembro de 1825, quando deixou definitivamente o país. Nesse espaço de tempo, além de escrever muito, em sua casa das Laranjeiras, estudou botanica, realizando constantes herborizações nas matas das vizinhanças, o que lhe valeu, mais tarde, inscrever-se como collaboradora da **Flora Brasiliensis**, de Martius. Excursionou, tambem, á região do rio Macacu, e fixou, em 61 pequenas aquarellas (com os manuscritos ora publicados igualmente adquiridas pela Bibliotheca Nacional), aspectos, typos e costumes do Brasil.

Os resultados escriptos das três passagens de Maria Graham pelo país, constituem a materia contida nas 176 paginas iniciais do volume LX dos **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**. Ao lado do **Diario de uma Viagem e Residencia no Brasil, nos annos de 1821, 1822 e 1823** (de que se espera, para breve, uma traducção, tambem prefaciada pelo Dr. Rodolfo Garcia, na conhecida collecção Brasiliana, da Companhia Editora Nacional), essas cartas de D. Leopoldina e de outras personalidades estrangeiras ligadas á historia do Primeiro Reinado, e esse **Escoço Biographico de Dom Pedro I**, muito hão de contribuir, certamente, para que se faça mais luz sobre tão importante periodo da vida nacional.

As cartas de D. Leopoldina offerecem, por seus proprios termos, de evidente sinceridade e confiança, elementos muito valiosos para o estudo do bellissimo character e dos amargurados ultimos annos de vida de nossa primeira Imperatriz. A amizade e a solidariedade manifestadas á correspondente; o constante amor ao estudo das sciencias naturaes; indisfarçadas queixas devidas á sua situação intima e no Paço, em pleno periodo de fastigio da concubina Marquesa de Santos; intervenções, nem sempre felizes, nos negocios publicos, — tudo isso encontra novas provas e demonstrações cabaes nos simples bilhetes pela feia e bondosa Habsburgo dirigidos á intelligente amiga inglesa.

Um episodio, que aliás se reveste de inesperada gravidade, basta para evidenciar o valor da contribuição á Historia offere-



cida por essas cartas: o do abandono, por parte de Lord Cochrane, do serviço do Imperio, talvez influenciado por um recado da propria Imperatriz, meses antes transmittido em carta de Maria Graham, com a notícia da má disposição em que, quanto ao Almirante, se encontrava o Ministerio do Marquês de Paranaguá, sem duvida julgando exorbitante o numero dos apresamentos maritimos realizados pelo ambicioso mercenario. E' este um depoimento até agora desconhecido e que apresenta sob novo aspecto o rumoroso caso da elevada cobrança por suas proprias inãos arbitrariamente feita pelo Conde de Dundonald, justamente temeroso de que sua illimitada ganancia acabasse sendo cohibida por D. Pedro I e seus ministros. (A respeito, veio bem a proposito a publicação, no mesmo tomo dos **Annaes da Bibliotheca Nacional**, do **Diario do Capellão da Esquadra Imperial comandada por Lord Cochrane, Frei Manoel Moreira da Paixão e Dores**, precioso manuscripto pertencente ao Dr. Afranio de Mello Franco, conforme copia á Bibliotheca Nacional offerecida pelo escriptor Dr. Affonso Arinos de Mello Franco, e que constitue inestimavel fonte de esclarecimentos sobre a expedição de auxilio ás provincias do Norte, em luta pela Independencia, de 1.º de abril a 9 de novembro de 1823. Ahi se conta como, ao regressar a frota ao Rio de Janeiro, interessou-se o Imperador por saber do referido Capellão "quantas presas se tinham feito, ao que, dizendo-lhe que segundo o meu **Diario** subiam a 76, ... foi o mesmo Senhor servido de mo pedir").

O **Escorço Biographico de Dom Pedro I**, escripto logo após a morte do então Duque de Bragança, e referindo-se, de preferencia, ao periodo em que pessoalmente o conheceu a autora, encerra, tambem, revelações muito interessantes ao melhor conhecimento dessa notabilissima figura da Historia do Brasil e de Portugal, typo de heróe que tão perfeitamente pode encarnar o romantismo politico e a idéa de liberdade concedida pelos reis, vigentes no tempo de que foi, realmente, um dos mais caracteristicos representantes, o nosso primeiro Imperador. E, para que se possa verificar como procurou ser justa quanto a D. Pedro I a honesta escriptora inglesa, basta transcrever, aqui, as sensatas palavras com que termina o referido **Escorço Biographico**, apesar de um tanto injustas quando se referem á Côrte de D. João VI:

"Foi para mim doloroso ser obrigada a relatar algumas circumstancias tão desprestigosas sobre o fallecido Imperador do Brasil; comtudo, quis lisamente fazer justiça ás suas grandes qualidades, e quando considero as extraordinarias desvantagens com que teve de lutar para se formar, devido aos maus exemplos — uma educação viciosa, condições politicas afflictivas e difficeis, e



uma côrte ignorante, grosseira e mais que corrompida, — sou antes inclinada a pensar na sagacidade innata e nos dons naturaes que elle demonstrou nas mais perigosas occasiões de sua vida; que o distinguiram tanto e com tanta razão, no governo do Brasil, e o levaram a uma conducta, em Portugal, de que essa nação deve sempre ficar grata, por tornar as scenas finaes de sua vida mais importantes do que costumam ser as dos monarchas, para o bem-estar de seus successores, seja no velho throno na Europa, seja nesse immenso Imperio no Novo Mundo, que elle fundou.”

HELIO VIANNA



A COLUMNA LIBERTADORA

Resolutos definitivamente a recorrer á sorte das armas, combinaram os chefes liberaes na Côrte do Rio de Janeiro o inicio do movimento para os dias immediatos ao esperado decreto de dissolução da Camara. A mesma ordem foi baixada do Clube director da "Sociedade dos Patriarchas Invisiveis" a todas as cellulas que se multiplicavam nas provincias do Rio, São Paulo e Minas, e contavam ramificações mais importantes no Ceará e em Pernambuco. O Clube da Maioridade levava ao poder os liberaes em 1840: mudara de rotulo, mas o processo era o mesmo, com o mesmo fim — a volta a esse governo em que continuava a ditar leis, mais forte que nunca, Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Varias causas explicam a improvisação e a falta de preparo material que deu em terra com a Revolução de 1842. A primeira, a nosso ver, era que os liberaes esperavam com a sua atoarda e propaganda impedir o decreto de dissolução e, consequentemente, derrubar o ministerio de 23 de março, meta confessada de seus desejos. Se não conseguissem tudo isso por bem, restava a outra disjuntiva. E porque era uma ordem condicionada, trazia dentro em si uma falha: reunia homens obedientes, porém desarmados. Verdade é que a falta de recursos bellicos não fazia mossa a homens que iam guerrear um governo enfraquecido pela revolução rio-grandense. Confiavam em que elle cairia aos primeiros tiros de festim da Guarda Nacional. Sim, era uma enorme parada da Guarda Nacional a que seromptava, afinal de contas.

Na provincia de São Paulo, desde as primeiras conversações, ficou estabelecido que se reunissem as maiores forças em Sorocaba, capital do chamado "Sul", Mecca do liberalismo indigena, em cuja famosa feira de animaes a gente gaúcha encontrava e trazia, mais do que simples factos economicos, idéas politicas.

Se triumphasse o levante na capital, não se perdia essa manifestação de força. Para o caso em que abortasse ou fosse jugulado, caberia á mais rica cidade da provincia, após a capital, o papel de sede revolucionaria.



Dissemos mais rica. Sim, porque a Collectoria de Sorocaba comprehendia as rendas do seu Registo de Animaes, com varias especies de impostos que vinham pelo menos desde 1724. Era justamente administrador desse Registo um primo de Raphael Tobias, o sr. Elias Aires do Amaral.

Além de mais rica, era um ponto estrategico por excellencia, um centro de communicações para todos os lados: com Curityba e Rio Grande havia ligação pela estrada que se chamava de Sorocaba ou do Sul, caminho secular de bandeirantes e tropeiros; com São Paulo, havia a continuação do mesmo caminho; a estrada de Itu continuava a Campinas, Mogy-mirim, Minas Geraes e Goiás; Porto Feliz, Capivary e Piracicaba no Centro, e Una com o picadão para a serra do Mar, completavam essa rede de communicações.

Ajunte-se a isto a proximidade da Fabrica de Ferro do Ipanema, então em certa prosperidade, sob a direcção do sargento-mor João Bloem que, havia dois annos, fundira três canhões de calibre 3, e comprehende-se que os liberaes, contando com a totalidade dos vereadores, dos juizes de paz e commando da Guarda Nacional na cidade de Tobias, ahi quisessem lançar o brado de revolta.

Já no mês de abril e nos principios de maio a preparação se processou ás claras, com um requinte de publicidade que causa espanto. Os conservadores encolheram-se de vez e os mais atilados foram organizar a resistencia fora desse ninho de rebeldes.

O tte.-cel. José de Almeida Leme, chefe conservador, manteve o barão de Monte Alegre ao par dos movimentos. Suas cartas archivadas são um modelo de bom-senso e estilo eskorreito, num homem que, apesar de ou por causa do seu respeitavel peso de bandeirismo avoengo, tinha uma instrucção em nada destoante dos que alisaram os bancos de Coimbra ou de São Paulo e Olinda. Quando viu as cousas peorarem, transportou-se com a familia para a freguesia de Una, onde reuniu um bando de timidos legalistas e mandou dizer a Monte Alegre que "o caso era serio" (*sic*).

A fogueira que se ateava de um momento para outro esperava apenas uma faisca para vencer as derradeiras irresoluções. A fagulha foi em parte casual, estranha ao rompimento da revolta pelo menos na apparencia: Feijó, apesar de grande e prestigioso liberal, viera a Sorocaba em abril á procura de remedio para as suas dores lancinantes. Mas no casarão do alferes João Nepomuceno de Sousa, amphytrião e parente do padre-senador, se não falava apenas de medicina e, quando se retirava o sisudo dinamárquês dr. Germano Frederico Borgoff, a palestra enveredava pela política. Homens da estatura moral de Feijó não se aproximam em vão de seus admiradores.



Correram boatos de que o padre Feijó seria o presidente revolucionario em opposição a Monte Alegre. Elle não era, porém, sympathico a uma ala do partido: tinha arestas bem duras e dizia verdades sem rebuços. Inteligente, declinou da honra, contentando-se com o segundo lugar, na realidade o primeiro, pois foi, incontestavelmente, o mentor da Revolução.

Raphael Tobias de Aguiar era coronel e chegou a brigadeiro, apenas para ornamento dos dias de gala, nunca foi militar de carreira. Homem rico, acostumado ao conforto da paz, nada sanguinario, um conservador sob o rotulo liberal, relutou em assumir a responsabilidade da chefia revoltosa. Por um paradoxo bem natural, a essa timidez se deve, afinal, o rompimento: que homens assim não conduzem, são conduzidos pelos acontecimentos.

A data de 10 de maio parece que foi, emfim, determinada para o levante na capital e em toda a provincia, com a esperança de que, onde não rebentasse a revolta, aos poucos fossem adherindo povo e camaras.

A energia do barão de Monte Alegre com alguns policiaes apenas impedia que se realizassem reuniões do povo em frente á Camara, processo pratico que vinha desde os tempos coloniaes e andara muito em voga nos tempos aureos da Independencia. Restava o recurso dos quartéis. A tropa é que desceria á rua, na noite de 11, após as manifestações nas cidades e villas. O major Francisco de Castro Canto e Mello, soldado de carreira e cunhado de Tobias, ficou incumbido de sublevar o quartel.

Ora, Monte Alegre não era um toleirão. Fez simplesmente isto: nomeou commandante da Guarnição da capital um homem da sua confiança, o tte.-cel. José Joaquim da Luz, e, para não adquirir um inimigo, mudou o commandante anterior Francisco Manuel das Chagas para a direcção do corpo de Municipaes Permanentes. Era a 9 de maio! Francisco de Castro desistiu da empresa.

Já agora o presidente faz espalhar o boato, verdadeiro ou erroneo, da prisão proxima dos chefes liberaes. Foi a debandada.

Justamente receoso do inimigo e sabendo que os amigos estavam reunidos em Sorocaba, Tobias partiu com uma roupa grosseira, quasi fugindo, no dia 12 ou 13, chegando á terra natal a 15 ou 16 de maio. Acompanhava-o, além do cunhado, o seu "fidus Achates", dr. Gabriel Rodrigues dos Santos.

Sorocaba já estava em pé de guerra.

No dia 10, viera o juiz de direito da Comarca, com sede em Itu, dar a posse ás autoridades judiciais nomeadas segundo as novas leis. Não o conseguiu, dizia elle em carta ao juiz municipal de Campinas,



“pelo estado lastimoso em que se acha aquella cidade”. “A sedição está ali declarada — continua elle: depois de feita a junção, pretendem seguir a São Paulo depor o governo e nelle collocar pessoa de sua confiança que dizem ser Feijó e dali tencionam seguir a Santos, para impedir qualquer tentativa de desembarque das tropas.”

O juiz ituano teve em Sorocaba a sua correspondencia violada, viu com olhos sagazes aquelle movimento desusado e tratou de voltar para Itu, onde, a 14, escrevia estas cousas ao collega campineiro. Mas não encontrou a paz: “só se fala por aqui que a rusga arrebeta infallivelmente.” E num assomo de curiosidade: “Tenha saúde, dê-me algumas noticias e não seja tão laconico.” Assignou as iniciaes: F. P. J., Fernando Pacheco Jordão.

Nesse interim, o tte.-cel. reformado Jeronymo Izidoro de Abreu, instructor da Guarda Nacional, reunia a sua gente, auxiliado por Antonio e Manuel Lopes de Oliveira, ricos commerciantes cuja casa servia de quartel a um batalhão de guardas, e principalmente pelo tte.-cel. (honorario) José Joaquim de Lacerda, presidente da Camara Municipal.

Este era compadre e intimo de Tobias, morando no pateo dos Lopes em casa ainda existente, aos fundos da residencia de dona Gertrudes Euphrosina Aires, mãe do illustre sorocabano. Com elle se hospedou Tobias, que, deixando com dona Gertrudes a marquesa de Santos, da casa de Lacerda fez o quartel-general e “palacio” da presidencia. Não muito longe, na primeira esquina após o pateo, ficava o grande predio do hospital, fundado em 1804, mas ainda não inaugurado, e onde se aboletou a maior parte dos soldados da Guarda Nacional convocados a quartel.

Tobias chegou em silencio e contemplou um instante aquella pobre gente a fazer exercicios na praça fronteira, sob o commando de Jeronymo Izidoro, já sessentão, remoçado e relembando as campanhas do Sul onde ganhara seus galões na “Legião de São Paulo” e desde 1810 era sargento. O dr. Vicente Euphrasio da Silva Abreu nascera-lhe em 1815 nos pampas liberrimos e formara-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1836. Acompanhava o pae na revolução.

Estarrecido, Raphael Tobias hesitou se continuava ou não a sua viagem de esconderijo ás matas da fazenda do Paranapitanga, além Itapetininga. Mas agora de toda forma estava elle condemnado á prisão. Os amigos fizeram o resto. Chegou vencido, amanheceu presidente da Revolta.

Já então se accumulavam os elementos da Columna que se chamou libertadora. Os officiaes da Guarda Nacional reuniam seus commandados sem lhes contar as intenções. Ainda no dia 13 haviam chegado



30 homens de Campo Largo. Acceleravam-se os preparativos. Apparceram fardas, algumas centenas de fardas, espadas, lanças, espingardas, clavinotes, tudo provavelmente separado por Tobias antes de largar a presidencia legal. Fez-se, principalmente, de armas particulares um museu historico notavel, que só serviu para dar a nota do ridiculo. Precavido, o governo não armava a Guarda Nacional e esta se arranjava como podia.

Cerca de 300 homens estavam fardados na manhã de 17 de maio frente á Camara, no pateo do Conselho, para homenagear o presidente revoltoso e salvar á sua posse... legal. Não nos ficou documento iconographico dessa reunião bellicosa, mas podemos fazer uma idéa pela gravura existente do acontecimento similar de Barbacena, no livro do conego Marinho. Com a differença de ser a praça muito menor em Sorocaba.

Após a fala de Tobias, em vez de debandarem para os sitios longinquos como os de Barbacena, os da Guarda Nacional de Sorocaba marcharam para os quartéis.

E continuaram a fazer exercicios. Manobras do centro para os lados e dos lados para o centro. Manejo de armas. Construcção de trincheiras. Todas as tardes, por uma das estradas, apontava um pequeno destacamento: a nuvem maior attrahia as menores. Cabos experimentados corriam as matas de São Francisco e da Aparecida, acuando caipiras assustados.

Paulino Aires de Aguirre chegou com a gente de Itapetininga, cerca de 200 homens. A Columna Libertadora ia crescendo. O pateo dos Lopes estava num reboliço continuo. A' hora das refeições, não faltava o appetite para fazer as honras ao feijão com torresmo, enquanto os officiaes se reservavam as aves, os leitões...

Um elemento novo e algo inesperado foi a chegada do padre Feijó, quasi á hora da partida desses improvisados militares. Era um quadro interessante o de Feijó e Tobias á assistir da janela do "palacio" á desfilada dos liberaes em armas.

Naquelles dias não faltavam novidades e episodios pittorescos.

A feira havia acabado e já começavam outros attractivos... Devia ser muito notada, por exemplo, a chegada de mais 100 homens de Campo Largo, com o velho vigario Candido Lucio de Almeida subitamente entusiasmado. Batinas não faltavam, como v. g. a de Romualdo José Paes, vigario da vara, callejado no liberalismo desde o 7 de Abril.

Não faltaram bons animaes de sella e de carga á Columna Libertadora. Era ainda em Sorocaba que se faziam as melhores peças de arreios e os lombilheiros datavam desde os primordios da villa, dando o nome de Rio dos Couros ao riacho Supiriri.

Doutra parte, assim como no valle do Parahyba os fazendeiros de café adheriram logo ao movimento armado, assim os criadores de Sorocaba e negociantes de animaes forneceram sem regateio as suas pontas de tropas. Havia tambem tropas arreadas, de transportes, cujos donos faziam disso um meio de vida. Sem elles a munição de guerra é de boca não chegaria a destino, em estradas que elles conheciam palmo e palmo.

O tropeiro desempenhou na revolução de 42, tanto em São Paulo como em Minas, o papel de propagandista e elemento de ligação: entre os civis, era o mais corajoso, certamente. As cartas que Tobias multiplicou para os amigos de São Paulo e Minas tiveram nelle um portador seguro e de que ninguem desconfiava.

Pouco antes do dia 17, o delegado de Campinas notou que diversos camaradãs de tropas appareciam á noite na cidade e não eram encontrados no dia seguinte: cumpriam a sua missão e saíam para outra parte. E, quando se passou á acção, as bruacas das tropas conduziam, de villa para villa, os folhetos ou proclamações dos rebeldes entre as cargas de fazendas seccas.

A Columna Libertadora compunha-se, pois, de fazendeiros e commerciantes com patentes de officiaes, de pequenos lavradores, camaradas, tropeiros, alguns soldados de profissão, poucos sacerdotes e advogados, nenhuns escravos a não ser para o serviço de seus senhores. Como armamentos cada um se arranjava como podia e o mais das vezes tratava-se de velhas armas emperradas, tal o trabuco que á força puseram a tiracollo ao depois jornalista sorocabano Francisco Luís de Abreu Medeiros, a quem um parente padre emprestou o cavallo.

Cerca de 500 homens, no maximo. Commandava-os o presidente da Camara, tte.-cel. José Joaquim de Lacerda. Jeronymo era soldado, mas velho, ficara. Um contingente de 200 a 300 homens de Itapetininga commandados pelo tte.-cel. da Guarda, Paulino Aires de Aguirre, seguiu separado, pela freguesia de Una, emquanto o grosso da columna ia por São Roque.

*

Era pois o dia 21 de maio, quando os liberaes de Sorocaba desceram a rua da Ponte, atravessaram o Registo, reapareceram no outro lado, rua de São Paulo, e começaram a subir a Boa Vista. Era, por certo, um espectáculo inedito: primeiro os soldados a cavallo, misturados os camaradas e escravos, homens a pé, os três canhões do Ipanema tirados por mulas possantes, uma linha interminavel de cargueiros com as munições, mais de boca que de guerra: era um passeio militar. Como barulho, não se podia desejar nada melhor: as ordens dos varios chefes, a grita dos camaradas, os grupos que se faziam e desfaziam, este que galopava á retaguarda ou se apressava para a



frente, uma carreta de canhão que é preciso pôr em bom caminho, amigos da cidade que acompanham a columna até o primeiro pouso e se despedem entre vivas e aclamações...

Os canhões tinham a sua historia. Disputado pelas duas facções adversas, o sargento-mor João Bloem, director do Ipanemã, permaneceu quieto na Fabrica, deixando que lhos tirassem os rebeldes à noite, "como por força".

Um homem não devia ficar: era Tobias, sobretudo quando havia chegado Feijó e o dr. Rodrigues dos Santos se encarregava da correspondencia. Foi um erro grave que elle tentou corrigir quando já era tarde.

O primeiro pouso foi no Passa Três, fazenda de dona Gertrudes, cuja casa ainda existe na estação e districto actual de Brigadeiro Tobias. Ao pé da serra de São Francisco, que no dia seguinte ia ser atingida pelo lugar chamado Inhoahyba, é uma pequena varzea cercada de morros, então cobertos de mata, dentre a qual emergiam, de quando em quando, cinzentos blocos de granito.

As casas, para os maioraes. Barracas improvisadas para o resto da gente, aliás, acostumada ás intemperies, mal abrigada nos enormes ranchos de tropa que abundavam á beira da estrada. Havia luar. Mas a varzea era fria, estava-se no inverno e dentro em pouco crepitavam as fogueiras. Cantou-se o terço com as ladainhas de Nossa Senhora, antiga tradição portuguesa. Serviu-se a ceia. Caldeirões fumegaram. Carne secca, chá-mate nas cuias gaúchas, café...

No dia seguinte, ao amanhecer, o preparo do almoço tomava as primeiras horas. Já sol alto, punha-se em marcha a columna e ia rompendo pelas matas e cerrados tanto mais vagarosamente, quanto mais se distanciava de Sorocaba, aproximando-se do desconhecido.

O segundo pouso foi em Piragibu, primeiro degrau elevado na direcção do planalto paulistano. O terceiro, em plena villa de São Roque, antiga fazenda de Pedro Vaz de Barros, com as suas desertas ruas tortuosas escalando as collinas cobertas de uma cerração fria, impertinenté. O quarto, no mais alto da serra, proximidades da actual estação de Mailasky.

De 26 para 27 de maio estavam as forças de Sorocaba em Cotia, villa antiquissima. Ahi se lhes reuniu, vinda á direita, de Una, a tropa de Itapetininga com Paulino Aires.

Um pouco antes, no bairro de Jaguariahy, as forças que tinham vindo de Itu por Barueri fizeram a sua junção festiva com a Columna Libertadora. Eram trezentos homens da cidade fidelissima e suas freguesias proximas, mais os de Porto Feliz e alguns de Capivary e Constituição (Piracicaba). Tinham sido reunidos pelo mesmo

processo de Sorocaba: com excepção de alguns chefes entusiastas, os mais eram humildes guardas nacionaes que compareciam obrigados, como costumavam fazer nas paradas de festas ou de instrucção militar.

Commandava-os, porém, um homem: Francisco Galvão de Barros França! Era sargento-mor, não estava propriamente reformado, mas residia em Itu, no largo do Patrocinio, por motivos de saúde. Ainda em fevereiro, por ocasião da posse de Monte Alegre, escrevera-lhe cortêsmente dando-lhe o parabem e solicitando-lhe licença para continuar em Itu. Amigo intimo do padre Feijó, não houve como evitar a participação no movimento. Era a ordem, no meio da confusão. As forças de Itu, após uma luzida parada no largo do Carmo, partiram em ordem quasi perfeita, hierarchica, ouvindo-se perfeitamente as ordens curtas, militares, que, do centro do seu estado maior, o antigo militar dava em alta voz enthusiamada. Cuidadoso, deixara na ponte do Salto, sobre o Tieté, um contingente ás ordens de outro soldado que fôra no Sul, o infeliz Boaventura do Amaral.

As cartas do major Galvão revelam instrucção fora do commum, sensatez, magnanimidade. Tanto quanto grandes vultos nacionaes eram descuidosos no estilo e na grammatica, v. g., o proprio padre Feijó, outros proceres menores, officiaes da Guarda, delegados, sacerdotes, eram homens dessa educação fina que no genero epistolar se aprimora.

Era, pois, o chefe naturalmente indicado para a Columna Libertadora. Lacerda, Ortiz e Aguirre ficaram com o sub-commando, cada um de sua gente.

De 27 para 28, o penultimo pouso, na zona de Carapicuiiba, antigo aldeamento. Emfim, á tarde de 28, estava no Pirajussara a Columna Libertadora que, no maximo, com muita dose de boa-vontade, podia attingir 1.000 homens.

Pirajussara! Este nome é um marco na Revolução de 1842.

Pequeno ribeirão que vem dos lados de Itapeirica, dá o nome a três lugares ou sitios distinctos no espaço de duas leguas que vão até a sua confluencia no rio dos Pinheiros. Os liberaes fizeram o seu acampamento entre a encruzilhada Cotia-Itapeirica e a ponte dos Pinheiros.

E' uma collina bem suave protegendo o grande valle do rio quasi sem barrancos, e fronteira á outra que sobe até o Araçá. Não se podiam ver de São Paulo senão algumas chacaras e sitiocas, que a cidade, esta se encolhia toda na bruma costumeira lá muito em baixo entre o Anhangabahu e o Tamanduatehy. A Columna Libertadora não viu a capital que ia livrar do "proconsul" Monte Alegre.

Dez a doze dias permaneceu estacionada no Pirajussara a Columna Libertadora que, aliás, já havia retardado a marcha, desde que soube da chegada de Caxias em São Paulo. Alguns dos chefes mais gradu-

ados, a pretextos diversos, viajaram até Sorocaba, onde estavam a 31 de maio e tencionavam voltar. Mal avisados, por elles se espalhou a noticia de que ia haver luta, em vez de simples passeio nillitar, e ninguem mais se apresentou ao serviço de uma causa tão perigosa. Tobias desde o dia 24, pelo vereador liberal de São Paulo Bento José de Moraes, estava ao par da defesa organizada; aliás, desde 18 de maio que em Itu sabia Tristão de Abreu Rangel do desembarque em Santos das "quarenta almas do outro mundo que estavam batendo o queixo no Rio Pequeno", segundo a sua pinturesca descripção. Com esses homens — conta-se que accrescentou Antonio Carlos — não podem ser vencidos os descendentes de Amador Bueno. Sê-lo-iam, pelo prestigio de Caxias.

Aquellas "almas do outro mundo" ainda não eram a gente de Caxias, que só chegou a 19 e 20 no vapor "Japiassu". Eram 56 soldados do commando do 2.º tenente Pedro de Moraes Mesquita Delamare, cremos que da pequena força naval em Santos estacionada, commandante o capitão de fragata João Maria van der Kolk. Mas do citado "Japiassu" e do "Paquete do Sul", de 19 a 21 desembarcaram todo o batalhão de caçadores n.º 12, e Caxias em pessoa, que a 22 estava em São Paulo, aquartelava-se no Convento do Carmo e a 24 enviava á ponte dos Pinheiros os batedores e primeiros destacamentos.

Produzia o seu effeito o conhecido aviso do illustre general para que lhe preparassem alojamento para 3.000 homens. De facto, tencionava reunir esse numero; mas, contados os voluntarios e recrutados e os da Guarda Nacional e provisórios, ao todo ficaram, na provincia de São Paulo, 2.930 homens sob a direcção de Caxias.

Os doze dias de espera só foram terrivelmente inactivos para a Columna. Porque o general legalista não dormia. Preparou tão meticulosamente a perseguição ao inimigo, que até foi preciso organizar um gabinete de topographia, dirigido pelo engenheiro tte. José Jacques Costa Ourique. Minou a retaguarda dos revoltosos, recebendo uma cavallhada pela estrada de Itu, quasi á vista delles. Organizou o hópital militar em São Paulo e levou consigo alguns escravos enfermeiros, como se usava então.

A 31 de maio enviou para o capitão Pedro Alves da Siqueira, commandante do batalhão legalista de Campinas, três cadetes do 12 para instructores daquellas forças improvisadas. Mudou o commandante da Guarnição. Informou-se de tudo com Monte Alegre. A 2 de junho enviou para Campinas, para ahi destruir um foco rebelde e flanquear Sorocaba, as forças do tte.-cel. José Vicente de Amorim Bezerra.

Nesse interim, a uma legua de distancia, observavam-se as forças contrarias. De quando em vez as patrulhas se aproximavam o espaço de um tiro de espingarda. Houve alguns tiros esparsos e correu entre

os liberaes que alguns mortos legalistas foram "empalhados" (*sic*) para a capital, como revoltosos. Nada consta das partes officiaes. Antonio Lopes Seabra, emquanto sua senhora em Itapetininga fazia da casa-grande quartel revolucionario, destacou-se em "guerrilhas" contra os legaes, assim disse uma testemunha suspeita.

Tudo isso fica um tanto obscuro e parece pura fantasia a tradição erronea que de uma roça de milho fez "periquitos" aos vedetas liberaes, ocasionando o começo da retirada. O que é certo (sem recurso a roças de milho verde em junho) é o terror dos povos quando ouviam falar dos "periquitos", os soldados de farda verde do 12. Que, aliás, eram na maioria recrutadas bisonhos, só engrandecidos com a lente de augmento da fama.

Desanimado com a demora, resolveu, enfim, o presidente Tobias entregar o "governo" a Feijó e partir para a frente. Com tanta infelicidade que, ao aproximar-se de Campinas, tinha noticia do desastre da Venda Grande e ao chegar a Barueri vieram contar-lhe que o maior Galvão ordenara a retirada da Columna Libertadora.

Com effeito, a 8 de junho principiava a debandada; e no dia 12 largava Caxias definitivamente da ponte dos Pinheiros em marcha para Sorocaba. Doravante a existencia, soffrimentos e dissolução final da Columna Libertadora não se podem separar da historia de Caxias a caminho de Sorocaba. E' o que vamos fazer.

ALUISIO DE ALMEIDA

(Capitulo inedito do livro *A Revolução Liberal de 1842*)

NOTA — A bibliographia e as fontes manuscriptas são citadas *in-genero* no livro. Para este capitulo, foram consultados innumerados livros de officios e pacotes de papeis diversos, todos de 1842, nas Camaras Municipaes de Sorocaba e Itapetininga e no Archivo Publico do Estado de São Paulo, onde nos deram toda a facilidade seus intelligentes funcionarios, dirigidos por Paulino de Almeida e Lellis Vieira, este o director geral.

O PROCESSO DOS CACHORROS

Quando a guerra total durante seculos sonhada pelo espirito de fraternidade dos homens pôde ser realizada, teve um exito absoluto. Aproveitaram elles, até o ultimo atomo, todas as substancias fulminantes e corrosivas que conseguiram extrahir dos elementos. E obtidas essas sublimes victorias da technica, a sabedoria humana tratou de as utilizar do melhor modo.

Cada país arranjava algumas questões de limites a resolver pela força. Cada povo era a raça superior, destinada a dominar as outras. Em todas as fronteiras que dividiam a parte da terra occupada pelos homens, exercitos colossaes espiavam os movimentos doutros colossaes exercitos. O mundo estava todo organizado em dois systemas de alianças, de modo que a guerra esperada, além de total pelo illimitado dos meios de destruição e dos alvos, teria de ser universal. Mas a conflagração tardava, impacientando toda a gente. Foi quando o **trust** mundial de gases e raios da morte mandou preparar um habil incidente de fronteira, e o mundo, que era, como se dizia em linguagem antiga, um barril de polvora, pegou fogo. Foi um espectáculo mui lindo. Em pouco tempo todos os objectivos de todos os exercitos em luta estavam plenamente realizados. Os gases e os raios trespassavam qualquer corpo, insinuavam-se através do granito, da borracha, do aço, do amianto, e iam buscar a criatura onde ella se escondesse. Não sobrou ninguém.

Então os animaes chamados selvagens foram saindo das florestas onde os entocava a inimidade dos homens, e aproximaram-se dos desertos de homens para se apossar dos despojos da guerra interhumana e dos territorios desoccupados.

Surgiu-lhes um serio problema: o da readmissão, em sua sociedade, daquellas especies que se haviam deixado absorver pela civilização dos homens. A maioria dos bichos domesticos havia tambem desaparecido na catastrophe, mas escaparam muitos — os que se achavam distantes das concentrações humanas, isolados em pastos longinquos ou bem guardados como reservas alimentares dos combatentes. Ia ser-lhes penoso e difficil o esforço da readaptação ás sabias normas da selvageria, no estado de degenerescencia a que haviam chegado através de millenios de civilização, perdidas as melhores virtudes ancestraes, embotados os instinctos, debilitados os dentes, as garras, o couro, as cerdas, os cascos, nas deprimentes commodidades da vida escrava. Havia problemas de character economico, social, penal, de ordem publica. Aquellas immensas levas de immigrantes ameaçavam constituir um peso-morto para a collectividade. — bichos já incapazes de viver por si, de lutar sozinhos pela vida, enfraquecidos, mutilados.

Para resolver esse conjunto de problemas reuniram-se os bichos na maior assembléa da sua historia. Como costumava occorrer nesses momentos historicos, a tendencia da maioria dos victoriosos daquela batalha incruenta era exaltar heroismos e ao mesmo tempo apurar responsabilidades, punir culpas. A assembléa se transformou desde logo numa commissão de salvção publica **doublée** de tribunal de sancções. Era preciso estudar as



condições de readmissão dos recém-chegados, castigar os que houvessem adherido voluntaria e conscientemente á sociedade dos homens, examinar até que ponto se tornaria nocivo á communitade irracional o convívio desses elementos, com os vícios, as perversões, os maus costumes contrahidos no contacto da humanidade.

Reuniu-se o tribunal sob a presidência do Rei. O Rei dos animaes já não era o leão. Esse nobre e valoroso animal abdicara, havia muito, devido a se terem tornado meramente decorativas as funcções do posto, destituído de qualquer expressão de poder effectivo. Agora quem reinava era um velho pachyderme somnolento e desdentado, que cochilava entre os tigres generaes e os elephantes ministros e assignava de cruz os despachos que lhe apresentavam. Já não competia ao rei declarar nem dirigir a guerra contra os caçadores, nem distribuir justiça, nem mesmo arrecadar tributos.

Tinha as funcções de procurador um jovem chagal que se havia notabilizado pelo grau inexcedível em que nelle se affirmava a virtude ancestral da ferocidade traiçoeira. Defesa praticamente não havia. O tribunal havia escolhido para o patrocínio compulsorio dos réos a eloquencia limitada dum papagaio vintenário, aphonico e gago.

Começaram as inquirições. Os gallinaceos, palmipedes e affins, pobres seres frageis sem meios de resistencia á domesticação, sem garras nem bicos afiados, sem asas para voo alto, foram facilmente absolvidos depois da breve defesa que elles mesmos cacarejaram e grasnaram.

Bois, cavallos, burros, camelos, ovelhas, tambem não tiveram difficuldade em defender-se.

Argumentos de cavallo:

— Não foi culpa nossa que, descendentes do primeiro casal de cavallos selvagens laçados na floresta, continuassemos reduzidos áquella degradante condição. Somos fortes, ardegos, ligeiros, mas os demonios que nos montavam dispunham de meios invenciveis para nos dominar. Todos nós reagiamos quanto podiamos. Quando, ainda potros, sentiamos pela primeira vez no lombo um boneco de duas patas, corcoveavamos, jogando longe o atrevido. Mas sentiamos na boca a pressão de couros e ferros que nos tolhiam os movimentos e na barriga o contacto dilacerante dum infernal instrumento de aço. E cedo nos convenciamos da inutilidade de qualquer reacção. Cesavamos de fazer o jogo do adversario, de attender á provocação de cabrestos, bridas, rebenques e esporas, sob os quaes sangrariamos inutilmente. O inimigo abusava da victoria, fazia-nos carregar fardos, puxar carroça, estalar o coração em corridas inuteis, para divertimento seu. Consolavamos-nos reflectindo em que depois de nós viriam outras gerações de potros bravos e livres como os ancestraes selvagens, que continuariam nossa vingança quebrando muita costela e muita perna de cavalleiro, antes de se deixarem amansar. Houve um principe illustre entre os homens que se tornou famoso pelas suas quedas de cavallo. Não nos poderão accusar de connivencia ou tolerancia com os oppressores.

Outro dos accusados falou:

— Nós os bois fazemos nossas, "mutatis ligeiramente mutandis", como dizia um homem importante de um país chamado Brasil, as palavras do orador equino. Somos de natureza pesados e tardos. Não dispomos doutras armas além dum modesto par de cornos rombudos. Só por isto nos submettemos ao captivo arrastando carretas e arados, movendo engenhos, fornecendo ao inimigo carne e leite, vestuario, calçado, cipós, cabos de faca, cornetas e cornimboques. Vingávamos aquelles dentre nós melhor dotados de destreza e aggressividade, por isto mesmo utilizados pelos homens



para um divertimento perverso e estúpido. Muitos daquelles palhaços que com farpas, bandarilhas e panos vermelhos despertavam em nossos irmãos a ferocidade primitiva, acabavam na arena de tripas á mostra, varados pelas guampas dos vingadores.

Nesse tom falaram tambem muitos outros ex-domesticos.

Chegou o dia do processo dos cães, e só então os debates tomaram uma feição sensacional. O caso dos cachorros apresentava aspectos peculiares, que apaixonaram até o desatino a assistencia. Em torno delles formou-se uma onda de odiosidade, criando um problema de ordem. Foi preciso requisitar reforço especial para garantir a boa ordem dos trabalhos e a propria vida dos molossos, rafeiros, fraldiqueiros, vira-latas, galgos, lulus, pekineses, bulldogues; ficaram protegidos por um choque de rhinocerontes blindados. Eram accusados de traição, duma ultrajante cumplicidade com os homens. Os proprios egressos da domesticidade instruíram o processo com suas queixas. Allegavam os bois que, no opprobrio e nas canseiras da servidão, sentiam frequentemente nas canelas, na cauda, no focinho, a ferroadá de dentes de cachorro. O cachorro descera á condição ignobil de feitor, capaz e capitão do mato:

As ovelhas reforçaram a accusação:

— A natural mansidão que é o estigma da nossa debilidade e da nossa vocação para o martyrio enternecia até o senhor bipede, que, se bem nos tosquiasse para vestir-se da nossa lã e nos sacrificasse para nutrir-se da nossa carne, tratava-nos carinhosamente, velava pelo nosso bem-estar, tocava flauta para nós; justamente dum irracional como nós só recebiamos dentadas: do cão do pastor, repellente figura de laçao, mais realista do que o rei.

Perdizes, gallinholas, faisões, codornas, paturis, jaçanãs, cambonges, nhambus, patos bravos alinharam-se deante do rei e desabafaram:

— A pontaria do caçador era precaria e limitada, e nossos sentidos nos alertavam de sua presença para nos escondermos. O chumbo da espingarda não nos attingiria se não fosse o cachorro, que se aproximava de nós com patas de seda, immobilizava-se inteiramente para nos despistar, e nos espantava quando o homem chegava para dar então o seu tiro proximo e certo. Em ultima analyse o caçador de aves, o flagello das capoeiras dos açudes e banhados não era o homem, mas o irracional degenerado que o auxiliava contra nós.

Outra intervenção:

— Tambem nós raposas podemos dar testemunho da conducta dessa infame gente caníha. Como procuravamos a proximidade das zonas habitadas pelos homens, pois somente ahi podiamos satisfazer os requintes do nosso paladar, saboreando boas gallinhas, o sumo delicioso da canna e um nectar excitante que della extrahiam, soffriamos guerra implacavel. Os humanos caçavam-nos por mera diversão, montados a cavallo e guiados por infernaes matilhas. Somente os rafeiros venciam nossa velocidade, o faro dos nossos focinhos e nossa proverbial esperteza. Cachorro não come carne de raposa. Elles ajudavam a matar-nos apenas para satisfazer o capricho estúpido dos seus senhores.

Outros bichos ainda fizeram sua carga contra a collectividade canina.

O Procurador resumiu todas as accusações:

— De todos os remanescentes da domesticidade, realmente, os cachorros são os que tiveram maior culpa e verdadeira responsabilidade no triste regime em que todos viveram. Bichos de varias especies estiveram ao serviço

do homem, ás vezes por uma imposição das circunstancias, sem demonstrarem conformidade com o despotismo. Isto não se pode infelizmente dizer dos nossos irmãos cachorros. Elles trabalharam para o homem com requintes de servilismo. Uns o guiavam nas montanhas e no deserto, outros o ajudavam a exterminar pobres aves inermes, outros policiavam-lhe os rebanhos. Houve cães rateiros...

— Que crime havia nisso? — latiu um dos ccusados. Os gatos nunca viveram doutra coisa senão de pegar ratos. E até uma raça de serpentes consta que foi empregada pelo homem para limpar desses roedores suas moradias.

— Não confundamos. O gato quando mata o rato, a gallinha quando engole baratas e minhocas, a raposa papando a gallinha, o tigre comendo o veado, exercem um direito vital e cumprem uma lei elementar da selva: da carne do mais fraco tem de alimentar-se o mais forte. Os gatos pegam ratos para os comer, sem indagar se isso agrada ou não a outrem. Aliás, o gato constituiu sempre um exemplo de desprezo pela humanidade, servindo-se della e não a servindo. Quanto á jiboia, aliás uma cobra sem defesa, desprovida de veneno, accitava a domesticidade porque era o melhor meio de resolver o problema da subsistencia com alimento facil e abundante ao seu alcance. Bem differente era o papel dos senhores cachorros, que se fizeram serviçaes, famulos, guarda-costas dos homens.

— E não constituem uma attenuante os estragos que nossa hydrophobia causava entre os humanos?

— Consequencia dum estado morbido e não uma hostilidade deliberada e consciente. O certo é que prestaveis voluntariamente ao nosso grande inimigo serviços que nenhum outro grupo irracional lhe renderia senão forçado. O leão-de-chacara sujeitava-se ao sacrificio da vigilia para assegurar o somno tranquillo dos donos. Seu fardo, aliás, tão efficiente para perseguir perdizes ou desentocar raposas, não o impedia de confundir uma bola venenosa com um nutritivo manjar. Cão vigia, cão pastor, cão caçador, cão vaqueiro, cão de guerra, cão policial... formas diversas dum mesmo espirito repugnante de subserviencia e de servidão voluntaria. Repugna-me alludir aos torpes misteres a que, dizem, se prestavam os despreziveis lulus nas mãos de certas das suas donas.

— Falastes de cães de guerra — interrompe outro ganido. — E os cavallos? Ignoraes o que entre os homens se chamava cavallaria? E os pelotões de aguias de guerra do exercito dum país do Norte da Europa?

O Procurador:

— Já ouvi falar do caso dessas aguias. Ellas se deixavam familiarizar com os montanhesees, que as domavam e as prendiam aos seus ombros com fortes correntes para as aticar contra os inimigos em combate, arrancar-lhes os olhos e estraçalhá-los com suas garras e seus bicos. Mas são casos esporadicos.

— Não nos perdoaes tambem o termos servido de policias para os homens. Esqueceis os precedentes, como o daquelles gansos de Roma que, formando uma guarda de vigilantes nocturnos, delataram uma revolução de camponeses contra potentados e patricios...

— Não há certeza da authenticidade do episodio. Talvez mero boato dos homens. Que fosse uma verdade historica, que houvesse outros exemplos. A verdade é que só o cão pôs systematicamente ao serviço do inimigo as melhores virtudes do instincto, sua sagacidade e a virtuosidade do seu fardo, suas garras e seus dentes. E — peor ainda! — foi o unico que ajudou nosso grande inimigo contra outros bichos. Esse serviçalismo não o poupou,

entretanto, ao desprezo dos proprios homens. Elles exaltavam a fidelidade do escravo docil, erigiram o cachorro em symbolo da amizade e da dedicaçao. Mas quando queriam insultar um semelhante, como o chamavam de preferencia? Chamavam-no de cachorro. Do mesmo modo que a vacca, ama de leite dos seus filhos, era que os ingratos comparavam aquellas das suas femeas mais desavergonhadas. O cão era para o homem o "grande amigo", mas tambem synonymo de canalhice, insensibilidade, baixaza de sentimentos. Foram os proprios homens que confessaram: "amamos a traiçao mas detestamos o traidor."

O ambiente encrespava-se, um rumor surdo corria o amphitheatro, quando o Procurador concluiu:

— Em resumo, o cachorro representou na era domestica a mais degradante forma de escravidão, que é a escravidão consentida, contente e satisfeita. E foi o unico entre os bichos que chegou a suprema ignominia de servir de capanga do homem contra os seus proprios irmãos irracionaes!

Nesta altura, a multidão ululava contra os accusados em rugidos, berros, balidos, zurros, cacarejos, grasnados, miados, pipilos, uivos, relinchos. A sentença, antes mesmo de proferida, foi sendo executada sem mais formalidades. As aguias, os condores, os falcões, os urubus, os abutres, os gaviões, os caracará, lançaram-se com bicos e garras sobre os perdigueiros. Raposas, maracajás, guaxinins, maritacacas, jaguares, gambás, gatos do mato incumbiram-se dos cachorros caçadores.

Os sobreviventes doutras raças caninas forneceram um bello banquete aos bichos revoltados.

Só aos cachorros policiaes, por um requinte subtil do espirito de vincta, poupou-se a vida. Foram sentenciados a prisão perpetua, com trabalhos forçados, colleira, mordaca, algema e correntes, sob a guarda duma milicia de gatos, para saberem o que é bom.

OSORIO BORBA



AGUA-FORTE

*Seria para mim como ir colhendo flor
Na campina molhada
Rosas brancas perfumando a morte
Tristeza desfolhada
Que ninguém conheceu.*

*Quando houver cinza e lilás nos céos diaphanos
Da madrugada
Soffre só para mim
Meu corpo sem perdão
Possuído como um traço
- Nas mãos da tristeza.*

*Seria para mim como lavar meu rosto em algas
Ir nas ondas das ancas de um centauro
Olhem o mar.*

*Quando houver cinza e lilás nos céos diaphanos
Da madrugada
Soffre só para mim.
Meu corpo sem perdão
Cheira a innocencia desenterrada
Seria como ir colhendo flor
O amor dos passarinhos bica no bico dos seios
Da campina aquosa.*

*Tristeza rosa branca desfolhada
Que ninguém conheceu
Nem você
Nem eu
Só Pablo Picasso.*

Olhem a madrugada.

JULIETA BARBARA

Rio — novembro, 1940.



MESTRE VALENTIM

Há entre a vida de Valentim da Fonseca e Silva e Antonio Francisco Lisboa, seu contemporaneo, alguns episodios singularmente coincidentes. Ambos nascidos em Minas, tiveram mãe preta africana, e pae branco, portugûes. Dotados de excepcional aptidão para a arte, realizaram longe um do outro os mais gloriosos feitos da arte colonial brasileira. Mas, emquanto Valentim teve a rara fortuna de ser levado a Portugal pelo pae, aprimorando ali seus excepcionaes dotes naturaes, sob as vistas de professores eruditos, seu emulo portugûes viveu insulado no seu obscuro reducto, reagindo contra a arte grosseira dos improvisados mestres da aldeia. Assim, sob o ponto de vista da technica, não trilharam ambos o mesmo caminho. A obra de Valentim é justificavel. A de Antonio Lisboa, imprevista, é desconcertante, sobretudo, porque elle a pôde realizar sem o lastro cultural de que o outro dispôs.

A arte de Valentim trae o sentimento de *escola*, a obediencia ás normas usuaes, o respeito ás soluções normaes ensinadas pelos mestres. A esse respeito, elle pode ser considerado "classico". Antonio Lisboa, ao contrario, não possuindo compromissos de "escola", pôde insurgir-se arrogantemente contra a arte bisonha dos toreutas lusos. De facto, a impressão de quem examina a arte de Antonio Francisco Lisboa é de que elle tem origens distantes, soffreu influencias differentes, em essencia, das que transparecem na arte local dos artistas reinóes.

Devido á feição particular dos dois artistas orientados de modo differente, não é de admirar que tivessem enveredado por caminhos oppostos. Valentim estimava os *gros motifs*, as pilastras fartamente ornamentadas, as volutas transbordantes, as conchas, as palmetas e as plumas airoas. Mas elle dispõe esses elementos com prudencia, tirando de cada um delles, habilmente, o desejado effeito, de sorte que, vista em conjunto, a sua ornamentação é, apesar de robusta e vigorosa, disposta com largueza, sem o empastamento, a sobrecarga, o conflicto e o tumulto que dominam as composições desse genero. A ornamentação de Valentim é arejada, *dégagée*. Dahi o effeito que elle transmite ao observador, mau-grado a utilização de elementos de forte expressão ornamental. Antonio Lisboa não conhecia medida. Os seus themas eram desenvolvidos de improviso. As superficies a co-

brir lhe suggeriam idéas, ou lhe suscitavam formas nem sempre es-correitas, isso é, nem sempre expurgadas de senões condemnáveis. Não admira, pois, que a sua ornamentação seja desordenada. Como elle não tinha contas a prestar aos mestres de aldeia, cuja arte se comprazia em caricaturar, a sua imaginação se arriscava a aventuras e bizarrias das quaes Valentim não seria capaz. Temos de acceitar os dois artistas respeitando o feitio pessoal de cada um delles. Valentim da Fonseca propagou no Brasil a arte lusa do seculo XVIII, sem se animar a corrigi-la, ou lhe dissimular as arestas. Antonio Francisco Lisboa, inspirando-se na arte popular lusa, evoluiu para a forma brasileira. Na obra de Antonio Lisboa, ousada, irrequieta, desordenada, o imprevisto supplanta a norma; a medida e a proporção ultrapassam o canon. Elle desconhece o preconceito do que está certo, do que é conforme á regra em uso, preferindo atacar desassombradamente o elemento ornamental sem a preocupação sectarista de ser amavel aos adeptos da arte corrente na época. Essa coragem provocadora, essa *crênerie* selvagem, esse desprezo voluntario pela arte portuguesa não podia ter Valentim, cuja mentalidade se conformara na disciplina in-violavel do dogma oitocentista. Valentim, mulato, se orgulhava de fazer a arte do branco que lha ensinara. Antonio Lisboa, tambem mulato, fazia questão de se expressar de modo individual, cóntrariando destarte o preconceito basico da arte reinol castiça.

A despeito de seu sentimento de disciplina, Valentim não foi indifferente ao meio brasileiro. Parece-me caber-lhe a primazia da estilização de motivos da flora e fauna nacionaes. Antonio Francisco, ao contrario, ficou adstricto aos elementos ornamentaes de expressão sacra, embora desenvolvidos de maneira independente. A originalidade da arte de Antonio Lisboa provém em grande parte da esteatite mineira (pedra de sabão), material de que se utilizou para seus paineis de esculptura ornamental, e baixos-relevos profusamente espalhados pelos templos de Villa Rica, São João d'El-Rei e Congonhas, emquanto Valentim não se utilizou daquelle material que jamais foi empregado em obras do Rio de Janeiro. Uma ultima observação: nas composições de Antonio Lisboa o elemento humano (bustos alados, putinos, etc.) predomina sobre o ornato em certas occasiões, o que nunca acontece nas composições de Valentim, mais conformes ao sentimento barroco luso, no qual o ornato se impõe á figura, ou, pelo menos, lhe é superior em significação ornamental. Aliás, na linha geral da composição, Antonio Lisboa está mais perto do espirito bahiano do que Valentim, cuja arte evoluida se exprime de modo diverso, emancipada na influencia Luís XIV, ainda dominante nas cidades litoraneas do seculo XVIII.

JOSE' MARIANNO (FILHO)

Da obra *Mestre Valentim*, em preparação).



O CONTO BRASILEIRO

"OLHOS VERDES, BOA VIAGEM!"

Um dia elle desejou lançar ao mar o coração para pescar poemas. Esse desejo, expresso numa das suas mais bellas poeias, claro, é que não se realizou. Mas o poeta anda sempre a distribuir o coração, enorme, pelos versos e contos que lhe saem da penna. Ou, melhor, do lapis. Costuma escrever a lapis, em tiras estreitas, numa letra miuda e clara — e sob medida, pelo menos quando faz contos: todos devem ter o mesmo numero de linhas, de palavras, e, não raro, até de letras. E' uma das curiosas manias dessa figura estranha que é CARLOS PAURILIO, nas primeiras produções Carlos Silva. Mania adquirida há cerca de 8 annos, sempre aggravada, e que dá a impressão de um espirito chatamente methodico, de um sujeito de horarios inflexiveis, passo cadenciado, e riso baixo, por educação e economia de força. De tudo isso, no entanto, Carlos terá, tão somente, o riso baixo, um sorriso velado, que não é de requinte mas de soffrimento. Vida atormentada, a sua. De uma familia de artistas, nasceu — em Maceló, nos começos deste seculo — com a vocação das letras. Fez preparatorios, não sei se todos, no Lyceu Alagoano, e ahí pelos 20 annos publicou Reflexos, poemas quasi parnasianos. Sua poesia adquiriu depois, dentro de moldes menos rigidos, uma feição penumbriata, que não desapareceu com a adhesão de Carlos ao modernismo. E' esse — o da penumbra — o verdadeiro caminho do poeta, o indicado pelo feito de sua sensibilidade. Sua obra em geral — verso ou prosa — é toda ella banhada de uma doce meta-luz. Nada de gestos arrebatados, gritos de entusiasmo ou desespero: a alegria — quando surge — é discreta, como se temesse susceptibilizar os tristes; a tristeza, que é a nota habitual, chega sempre receosa, humilde, gemendo em surdina a sua desolação. Carlos Paurilio tambem é autor de Solidão, volume de contos, donde é tirado o "Olhos verdes, boa viagem!", e da novella A Idade dos Passos Perdidos. Numa de suas habituaes noites de bohemia perdeu os originaes de outro livro de contos, Sarampo, se não me engano. Contou-me o facto com uma serenidade de quem se acostumou a perder coisas mais serias na vida. Escreve muito, apesar de já tremula a mão. Deixa extravazar talvez diariamente, em novellas e poemas, a maré viva de uma sensibilidade das mais vibrates que já conheci. Escreve-os em qualquer parte — na banca de revisor (durante algum tempo exerceu essa função na Imrensa Official), na mesa de um botequim — a Porta da Chuva, a Lua Branca, o Buraco do Gallo, a Gruta Bahiana, do preto Zé Othelo, perito no vatapá — e até, ás vezes, em casa. Fazendo versos ou contos, é sempre o poeta. Seus contos — num estilo sem audacias, de sobriedade quasi asctica — a bem dizer não têm historia, ou são, tão elles, a mesma historia de um incomprehendido, de um tímido, de um enfermo, de um enteado, de um namorado infeliz, de um destino mutilado, de uma vida em pedaços — pedaços donde por vezes escorre sangue. — A. B. de H.

Em vez de dobrar, seguiu recto. Sabia que o itinerario ficava mais comprido, porém já estava habituado. Até era uma nova maneira de pessear, quando ia a caminho do escriptorio.

Adeante, quasi estacou, assustado. Alvos crepes adejavam, pendurados a todas as janelas daquella casa: partida de alguém para o céo. Continuou andando, devagar, reparando. Viu um caixãozinho branco no meio da sala. Seria uma criança? Talvez fosse ella...



Distanciou-se da casa, com as pernas difíceis de arrastar, pesando. Estava indignado consigo próprio, com a sua timidez que lhe prohibia ver tudo claro, que punha um nevocero em quasi todos os casos de sua vida. Por que não parou para olhar melhor? Era angustiante ir para o escriptorio com essa duvida.

*
Talvez fosse ella... Era linda com o seu rosto oval e pallido, surgindo entre os cabellos louros e lisos, como uma lua. Tão branca! Tão triste! Quem sabe se não teria noivo embarcado e perdido, ou mesmo algum mal sem cura!

Elle a queria muito. Não era namoro. Outrem é quem fica á esquina, horas a fio, ou passeia, para cá e para lá, em frente á janela da namorada, incomodando os vizinhos. Elle não. Demorava sempre em casa com os seus livros. A' noite, trancado no quarto, escondido como se estivesse a commetter algum crime hediondo, escrevia, fazia versos. Se o patrão soubesse! Era um homem gordo e vermelho. Um dia, enfurecido, amarfanhou um jornal, só porque trazia um soneto logo na primeira pagina.

Nosso rapaz não era como esses, cheios de audacias, que se aproximam immediatamente das moças, sem' cerimonia, e dizem-lhes palavras ternas, apertam-lhes as mãos tremulas, beijam-lhes os cabellos e os olhos. Elle não era assim. Seu unico desejo era vê-la á janela, quando passava, na ida ou de volta do escriptorio. Apenas, um contemplativo em tudo.

Felizmente não tinha sonhos impossiveis. Não se enganava com o pensamento de que os dois se pudessem encontrar de mãos dadas algum dia. Mesmo, a pallidez da moça lhe dava susto, como se já estivesse querendo a uma defunta.

A moça nem ao menos lhe sorria. Lembrava-se de que uma vez ella olhou longamente para elle, mas dir-se-ia que não o via, que mirava coisas longinquas... Sentiu até vexame em aprofundar aquelles olhos que brilhavam doce-mente como de luz reflectida; eram dum verde opaco como o de certas aguas paradas.

De noite, sob a lampada amiga, fremindo, inspirado, fez umas quadrinhas que intitulou: "Olhos verdes, bom dia!", e que não publicaria nunca, por causa do chefe. Só se fosse com pseudonymo.

*
Chegou ao escriptorio. Ia extrahindo facturas e ao mesmo tempo querendo convencer-se de que o caixão era pequenino demais para ella, que ali só podia mesmo caber uma criança. Mas a incerteza persistia, e, o que era peor, ainda lhe fazia errar as facturas.

Começou a olhar insistentemente o relógio. (Era tão despreocupado das horas, antes!) Os ponteiros pareciam pregados num lugar fixo, como se fossem de chumbo e não tivessem força bastante para se mover.

O enterro devia ser ás quatro horas mais ou menos. Inventaria uma mentira, pediria ao patrão para sair antes do tempo regulamentar.

Finalmente, soaram as quatro. Perdeu ainda uma porção de minutos, indeciso em falar ao chefe. Como era a primeira vez que desejava sair cedo, foi attendido. Disparou para a rua, quasi correndo, sem medo de atropelar os outros. Elle que era tão prevenido em andar sempre encolhido, roçando as paredes, parando a cada passo para dar passagem a transeuntes mais apressados. Mas, agora, dir-se-ia que a sua grande timidez comprehendia a pressa de sua propria ansiedade. E essa pressa, esse arrojado de passos e expressões era tão estranho nelle, que o rapaz chegava a respeitá-lo como se fosse nos outros. Agora, nenhum transeunte poderia ser mais apressado do que elle.

Quasi chegava tarde. Nesse momento mesmo, uns homens levavam o caixãozinho branco, alegremente, e sem esforço, porque ella devia ser muito leve...

Como um automato, juntou-se aos que acompanhavam, decidido a ir até ao cemiterio. Estava demasiadamente corado e sentia os olhos ardendo, como se quisesse chorar. Então, foi caminhando, de cabeça baixa. Estava envergonhado. Tinha a impressão de que todo o mundo botava os olhos nelle.

A muito custo, arriscava um olhar rapido atrás do caixãozinho, tentando medir-lhe o comprimento. Mas, sem saber por que, nesse instante, não sabia mais calcular, e todas as cousas lhe pareciam desproporcionadas, sem volume, sem tamanho certo. E' que seus olhos estavam nublados, choravam.

Deu mais alguns passos, depois parou. A idéa de que essa gente toda o visse chorando e o julgasse algum parente da morta, talvez o seu noivo, atemorizava-o. Não ia ao cemiterio, voltava para casa, onde podia chorar á vontade sem dar contas a ninguem.

Voltou. Irresistivelmente, passou pela casa onde ella morava. Estava de janelas fechadas, no escuro, desadoradamente triste. Seria tão facil bater, perguntar quem morreu! Mas sempre acontecia isto: nos casos mais importantes e mais urgentes, vacillava. A timidez tolhia-lhe os movimentos. Afastou-se a passos lentos, pensando esperançadamente no dia seguinte. Dir-se-ia que os olhos verdes della estivessem reflectindo esperança em sua alma.

E talvez nem fosse ella, fosse um irmãozinho seu... De manhã, quando viesse para o escriptorio, podia ser que a encontrasse de novo á janela, absorta. Então, tambem podia ser que a alegria fosse tão forte, que os seus labios se desgrudassem, uma unica vez, e balbuciassem, timidamente, o seu verdadeiro: "Olhos verdes, bom dia!" Mas, bem no fundo, tinha receio de ser preciso reformar, mais tarde, as suas quadrinhas, assim: "Olhos verdes, boa viagem!"

CARLOS PAURILIO



O CONTO ESTRANGEIRO

OS OLHOS VERDES

Gustavo Adolfo BÉCQUER nasceu em Sevilha em 1836. Aos dezoito annos mudou-se para Madrid, onde exerceu varios empregos e collaborou na imprensa, vindo a fallecer de tuberculose em 70. Deixou dois filhos do casamento, em que não foi feliz. Suas obras — apenas 79 poesias curtas, alguns contos e uma collecção de cartas — foram publicadas depois de sua morte por iniciativa de amigos, que as recolheram dos periodicos onde appareceram em vida do Poeta. Hoje a sua obra poetica é collocada acima da de qualquer outro romantico espanhol, porque, nella não há declamação nem falso ardor de sentimento: os seus versos, de accentos limpídos, de forma concentrada num minimo de palavras, vão direito ao coração, communicando-nos os estremecimentos que o amor e a morte despertavam no espirito de seu autor. O conto que damos hoje pertence á serie das Leyendas, onde o amor das bellas chimeras romanticas se exprime na mesma linguagem transparente e despojada das Rimas.

I

— Ferido vae o cervo... ferido vae; não há duvida. Vê-se o rastro do sangue nas sarças do monte. e ao saltar um destes lentiscos fraquearam-lhe as pernas... O nosso jovem senhor começa por onde outros acabam... em quarenta annos de monteiro não vi melhor golpe... Mas por São Saturio, padroeiro de Soria! cortae-lhe o passo por estas carrascas, açulae os cães, soprae nessas trompas até vomitar os figados, e enterrae nos corceis uma quarta de ferro pelos ilhaes: não vêdes que se dirige para a fonte dos Alamos, e se a consegue transpor antes de morrer podemos dá-lo por perdido?

Os valles do Moncayo repetiram de eco em eco o bramido das trompas, o latir da matilha desencadeada, e as vozes dos pagens resoaram com renovada furia, e o confuso tropel de homens, cavallos e cães se dirigiu ao pontó que Íñigo, o monteiro-mor dos marqueses de Almenar, assignalára como o mais a proposito para cortar o passo á caça.

Tudo porém foi inutil. Quando o mais agil dos lebréos chegou ás carrascas, offegante e cobertas as fauces de espuma, já o cervo, rapido como uma setta, as tinha vingado de um só pulo, perdeno-se entre as moitas de um atalho que levava á fonte.

— Alto...! Alto todo o mundo! gritou Íñigo então. Estava determinado por Deus que havia de escapar.

Naquelle momento se reunia á comitiva o heróe da festa, Fernando de Argensola, o primogenito de Almenar.

— Que fazes? exclamou, dirigindo-se ao seu monteiro, e entanto já se pintava o assombro em sua physionomia, já ardia a colera em seus olhos. — Que fazes, imbecil? A caça está ferida, é a primeira que cae por minha

mão, e abandonas o rastro e a deixas fugir para que vá morrer no fundo do bosque! Julgas acaso que vim matar veados para festim de lobos?

— Senhor, murmurou Íñigo entre dentes, é impossível passar por este ponto.

— Impossível e por que?

— Porque este atalho, proseguiu o monteiro, conduz á fonte dos Alamos; a fonte dos Alamos, em cujas aguas habita um espirito do mal. Quem se atreve a turbar-lhe a corrente, paga caro a sua ousadia. A caça já terá transposto as suas margens; como a transporeis vós sem attrahir sobre a vossa cabeça alguma calamidade horrivel? Os caçadores são reis do Moncayo, mas reis que pagam um tributo. Caça que se refugia nessa fonte mysteriosa é caça perdida.

— Caça perdidal Antes perca eu o senhorio de meus paes, antes perca eu a alma ás mãos de Satanás, do que permittir que se me escape esse veado, o unico attingido pelo meu ferro, a primicia de minhas excursões de caçador... Não vês? não vês?... Ainda se distingue a intervallos desde aqui... as pernas já lhe bambeavam, já afrouxava na carreira. Deixa-me, deixa-me... Solta essa redea, ou te farei rolar no pó... Quem sabe se não poderei apossá-lo antes que chegue á fonte? E que chegasse, ao diabo ella com a sua limpidez e os seus habitantes! Sus! **Relampago!** Sus, meu cavallo! Se o alcanças, hei de fazer engastar os meus diamantes no ouro dos teus arreios!

Cavallo e cavalleiro largaram como um furacão.

Íñigo seguiu-os com a vista até que se perderam na mata; depois voltou os olhos em redor: todos como elle permaneceram immoveis e consternados.

Por fim o monteiro exclamou:

— Senhores, vistes como me expus a morrer entre as patas do seu cavallo para detê-lo. Cumpri com o meu dever. Com o demónio não adeantam valentias. Até aqui chega o monteiro com a sua besta; daqui por deante, passe o capellão com o seu hyssope.

II

— Tendes a côr quebrada; andaes macambuzio e sombrio. Que vos aconteceu? Desde aquelle dia, que terei sempre por funesto, em que chegastes á fonte dos Alamos no encalço da caça ferida, dir-se-ia que uma má bruxa vos persegue com os seus feitiços. Já não ides aos montes precedido da matilha ruidosa, nem o clamor das vossas trompas lhe desperta os ecos. Ensimesmado nessas cogitações que não vos abandonam, tomaes todas as manhãs da vossa besta para vos embrenhardes na espessura dos bosques, onde ficaes até que o sol se esconda. E quando a noite desce e voltaes pallido e fatigado ao castello, em vão busco na vossa bandoleira os despojos da caça. Que coisa vos occupa por tão largas horas longe daquelles que mais vos querem?

Emquanto Íñigo falava, Fernando, absorto em suas idéas, sacava machinalmente estilhas do seu escano de ebano com a faca de caça.

Após longo silencio, interrompido apenas pelo rangido da lamina ao resvalar na madeira polida, o jovem exclamou, dirigindo-se ao seu monteiro, como se não tivesse ouvido uma só de suas palavras:

— Íñigo, tu que és velho; tu que conheces todos os recessos do Moncayo, que tens passado a vida a perseguir as feras por todas estas faldas, e em tuas errantes excursões de caçador subiste mais de uma vez ao seu

cume, dize-me: encontraste porventura algum dia uma mulher que vive entre aquellas pedras?

— Uma mulher?! exclamou o monteiro com assombro e mirando-o fixamente.

— Sim, disse o jovem; é uma coisa estranha o que me succede, muito estranha... Acreditei poder guardar esse segredo eternamente, mas já não é possível; transborda de meu coração e assoma ao meu semblante. Vou pois revelar-to... Ajudar-me-ás a desvanecer o mysterio que envolve essa criatura, a qual parece que só para mim existe, já que ninguem a conhece, ninguem a viu nunca, nem pode dizer-me quem ella seja.

O monteiro, sem despegar os labios, arrastou o banco até collocar-se ao lado do seu senhor, de quem nem um instante tirava os olhos. Este, depois de coordenar as idéas, proseguiu assim:

— Desde o dia em que, apesar de teus funestos avisos, cheguei á fonte dos Alamos, e atravessando as aguas alcancei o cervo que a vossa superstição havia deixado fugir, encheu-se a minh'alma do desejo da solidão.

Tu não conheces aquelle sitio. Olha, a fonte brota escondida no seio de uma penha e cae manando gota a gota por entre as verdes folhas fluctuantes das plantas que crescem á borda de sua nascente. Aquellas gotas que ao se desprenderem brilham como pontos de ouro e soam como as notas de um instrumento, reúnem-se entre os cespedes, e sussurrando, sussurrando, com um ruído semelhante ao das abelhas a zumbirem em torno das flores, fogem por entre as arcias, e formam um leito, e lutam contra os obstaculos que se lhes oppõem, e se enrugam sobre si mesmas, e saltam, e correm, umas vezes com risos, outras com suspiros, até caírem num lago. Caem no lago com um rumor indescriptivel. Lamentos, palavras, nomes, cantares, não sei o que tenho ouvido naquelle rumor ao me sentar só e tomado de febre no penhasco a cujos pés as aguas da fonte mysteriosa saltam para aquietar-se num paul profundo, de immovel superficie só encrespada pelo vento da tarde.

Tudo ali é grande. A soledade com seus mil rumores desconhecidos vive naquelles lugares e embriaga o espirito com a sua ineffavel melancolia. Nas prateadas folhas dos alamos, nas cavidades das penhas, nas ondas da agua parece que nos falam os invisiveis espiritos da natureza, que reconhecem um irmão no immortal espirito do homem.

Quando, ao despontar a manhã, eu tomava da minha besta e me dirigia ao monte, não era nunca para me perder nas matas atrás da caça, não; ia sentar-me á beira da fonte a buscar em suas ondas... não sei o que, uma loucura! No dia em que saltei sobre ella com meu **Relampago**, julguei ter visto brilhar no fundo das aguas uma coisa estranha... muito estranha... os olhos de uma mulher.

Talvez seria um raio de sol que serpeou fugitivo entre a espuma; talvez uma dessas flores que fluctuam entre as algas e cujos calices parecem esmeraldas... não sei: julguei ver um olhar que se cravou no meu; um olhar que accendeu em meu peito um desejo absurdo, irrealizavel: o de encontrar uma pessoa com uns olhos como aquelles.

A' procura della voltei todos os dias áquelle sitio.

Por ultimo, uma tarde... julguei-me o juguete de um sonho... mas não, é verdade; já lhe tenho falado muitas vezes, como te falo a ti agora... uma tarde encontrei sentada em meu posto, e vestida com umas roupas que chegavam até a agua e fluctuavam á superficie della, uma mulher formosa acima do que se possa imaginar. Seus cabellos eram como o ouro; suas pestanas brilhavam como fios de luz, e entre as pestanas volteavam inquietas-



umas pupillas que eu já tinha visto... sim, porque os olhos daquela mulher eram de uma côr impossível: uns olhos...

— Verdes! exclamou Íñigo com accento de profundo terror, levantando-se de um salto do banco.

Fernando mirou-o a seu turno como assombrado de que o monteiro tivesse concluído a sua phrase, e perguntou-lhe com uma mescla de ansiedade e alegria:

— Conheces essa mulher?

— Oh não! respondeu Íñigo. Livre-me Deus de a conhecer! Porém meus paes, ao me prohibirem chegar até aquelles lugares, me disseram mil vezes que o espirito, trasgo, demonio ou mulher que habita em suas aguas tem os olhos dessa côr. Supplico-vos, pelo que mais ameis na terra, que não torneis á fonte dos Alamos. Um dia desses vos alcançará a sua vingança e expiareis com a morte o delicto de terdes entrado nas suas ondas.

— Pelo que mais amo!... murmurou o jovem com um triste sorriso.

— Sim, proseguiu o ancião: por vossos paes, por vossos parentes, pelas lagrimas daquela que o céo vos destina como esposa, pelas de um servidor que vos viu nascer...

— Sabes tu o que mais amo neste mundo? Sabes tu por que coisa eu daria o amor de meu pae, os beijos da que me deu a vida, e todo o carinho que podem enthesourar as mulheres da terra? Por um olhar, por um só olhar daquelles olhos... Como então poderei deixar de buscá-los?

Fernando pronunciou essas palavras com tal accento, que a lagrima que tremia nas palpebras de Íñigo deslizou silenciosa face abaixo, emquanto o velho exclamava em tom sombrio: — Cumpra-se a vontade do céo!

III

— Quem és tu? Qual a tua patria? Onde habitas? Venho todos os dias á tua procura e não vejo o cavallo que te traz a estas paragens, nem os servidores que conduzem a tua liteira. Rompe de uma vez o mysterioso véo em que te envolves como numa noite profunda. Amo-te, e nobre ou villã, serei teu, teu para sempre...

O sol havia transposto o cimo do monte; as sombras alongavam-se pelas escarpas; a brisa gemia entre os alamos da fonte, e a neblina, elevando-se pouco a pouco da flor do lago, começava a envolver os rochedos da margem.

Sobre um desses rochedos, sobre um que parecia a ponto de rolar ao fundo das aguas, em cuja superficie se espelhava, o primogenito de Almeida, tremendo de joelhos aos pés de sua mysteriosa amante, procurava em vão arrancar-lhe o segredo de sua existencia.

Era formosa, formosa e pallida, como uma estatua de alabastro. Um de seus cachos lhe caía sobre os ombros, deslizando-se entre as dobras do véo, como um raio de sol que atravessa as nuvens, e no circulo de suas pestanas ruivas luziam as pupillas como duas esmeraldas numa joia de ouro.

Quando o jovem acabou de falar-lhe, os labios della buliram como para pronunciar algumas palavras; mas só exhalaram um suspiro, um suspiro debil, dolente, como o da onda leve ao morrer entre os juncos, tocada pela aragem.

— Não me respondas! exclamou Fernando ao ver burlada a sua esperança; quererás que dê credito ao que de ti me disseram? Oh, não! Fala-me; quero saber se me amas, quero saber se posso amar-te, se és uma mulher...

— Ou um demonio... E se o fosse?

O jovem vacillou um instante; um suor frio correu-lhe pelos membros: as suas pupillas se dilataram ao fixar-se com mais intensidade nas daquela mulher, e fascinado pelo seu brilho phosphorico, exclamou, quasi demente, num arroubo de amor:

— Se o fosse... amar-te-ia como te amo agora, como é meu destino amar-te, para além desta vida, se alguma coisa existe para além desta vida.

— Fernando, disse a mulher então com uma voz semelhante a uma musica, amo-te ainda mais do que me amas; eu que desço até um mortal, sendo um puro espirito. Não sou uma mulher como as que existem na terra; sou uma mulher digna de tí, que és superior a todos os homens. Vivo no fundo destas aguas; incorporea como ellas, fugaz e transparente, falto com os seus rumores e ondulo com os seus frisos. Não castigo ao que ousa turbar a fonte onde moro; ao contrario, premeio-o com o meu amor, como a um mortal superior ás superstições do vulgo, como a um amante capaz de comprehender o meu carinho estranho e mysterioso.

Emquanto falava assim, o jovem, absorto na contemplação de sua fantastica formosura, attrahido como por uma força desconhecida, se aproximava cada vez mais do bordo do rochedo. A mulher dos olhos verdes proseguiu assim:

— Vês o fundo limpido deste lago, vês estas plantas de largas folhas verdes que se agitam lá no fundo?... Ellas nos darão um leito de esmeraldas e coraes... e eu... eu te darei uma felicidade sem nome, aquella felicidade com que tens sonhado em tuas horas de delirio e que ninguem te pode offerecer... Vem, a neblina do lago fluctua sobre as nossas cabeças como um pallio de linho... as ondas nos chamam com suas vozes incompreensíveis, o vento começa entre os alamos os seus hymnos de amor; vem... vem...

A noite principiava a estender as suas sombras, a lua tremia na superficie do lago, a bruma volteava ao sopro do ar, e os olhos verdes luziam na obscuridade como os fogos-fatuos que correm á flor das aguas infectas... Vem... vem... Estas palavras zumbiam nos ouvidos de Fernando como um conjuro. Vem... E a mulher mysteriosa chamava-o á beira do abysmo, onde pairava suspensa e parecia offerecer-lhe um beijo... um beijo...

Fernando deu um passo para ella... outro... e sentiu uns braços delgados e flexiveis que se lhe enlaçavam ao pescoço, e uma sensação fria em seus labios ardorosos, um beijo de neve... e vacillou... e perdeu pé, e caiu na agua com um rumor surdo e lugubre.

As aguas saltaram em chispas de luz e se fecharam sobre o corpo d'elle, e os seus circulos de prata se foram alargando, alargando até expirarem nas margens.

GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER

(Tradução de Manuel Bandeira)

LIVROS

DIARIO INTIMO DO ENGENHEIRO VAUTHIER — 1840-1846. — Publicação n.º 4 do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional. — Rio, 1940.

GILBERTO FREYRE — Um ENGENHEIRO FRANCÊS NO BRASIL. — Vol. 26 da Collecção Documentos Brasileiros. — Livraria José Olympio Editora. — Rio, 1940.

Louis Léger Vauthier, engenheiro francês, passou dois annos no Brasil — de 1840 a 1846. Contratado pelo governo, prestou serviços á Provincia de Pernambuco na qualidade de engenheiro das Obras Publicas e, durante a maior parte do tempo, como chefe da repartição e de um grupo de technicos francezes. A acção desenvolvida por esse estrangeiro de menos de trinta annos, num meio estranho e endurecido pela rotina, é um capitulo de singular relevo na historia social de Pernambuco, revestindo-se de um significado especial no que diz respeito á influencia e penetração da cultura e da technica francesas no Brasil dos meados do seculo XIX, e, em particular, naquella parte do país.

Resistencias de varia natureza se erigiram á presença do engenheiro europeu: as resistencias arrepiadas pela incompreensão, pelo despeito ou pelo jacobinismo. O governo da Provincia não deu ouvidos aos resmungos e cochichos dos descontentes e opposicionistas, estimulando a acção do tecnico sem temer essas indisposições e procurando tirar o maior proveito da co-

operação do engenheiro francês. Fosse Vauthier um technico sem outras perspectivas além das de sua technica, sem outros entusiasmos, e não lhe sobrassem qualidades apreciaveis de homem publico, — podemos ficar certos de que a obra, sob alguns aspectos extraordinaria, realizada ou iniciada sob sua direcção, não teria sido levada a effeito com tamanho exito.

E' que Vauthier pisou a terra brasileira com animo de trabalho e era um temperamento, o seu, algo quixotesco — desse quixotismo ás vezes impertinente e aggressivo que tão bem assenta nos espiritos jovens e emprehendedores. A reacção que se verificou em Pernambuco contra a sua participação nos serviços publicos e, sobretudo, contra o prestigio que lhe assegurou o governo da Provincia, Vauthier mal sentiu roçar-lhe a pelle — pelle, seja dito de passagem, muito sensível a certos contactos menos macios.

Numa atmosphaera de desconfiança e sob um rumor surdo de mal-estar, o engenheiro francês concretizou um trabalho de consideravel extensão e profundidade na luta contra a rotina e no sentido da renovação de uma technica muito gasta pelo tempo e pela má conservação. Luta que elle sustentou com tremendo esforço, em algumas occasiões como corpo a corpo, acredito que suando frio deante da catturice azeda de uns e da intolancia de outros. Luta em que mesmo esse elemento mais novo e mais disposto não pode deixar de ser tambem asperamente intransigente e catturra e azedo como o peor dos seus adversarios, sob pena de fraquejar e perder.



Em Vauthier o engenheiro architecto não se reseccara ao sabor de sua aprendizagem technica. Dotado de um alto poder de observação e fino senso da realidade — a realidade social, antes de mais nada —, elle possuia a visão larga e sabia apreciar as perspectivas. Vauthier — lembra Gilberto Freyre — “tinha a capacidade de direcção, o gosto de mando e sobretudo a alegria, o fervor, o entusiasmo em se identificar com a obra publica, com os companheiros de trabalho, com os operarios, com os interesses geraes.”

Nesse ponto, difficilmente se encontrará, ao longo de nossa historia, uma figura de estrangeiro tão viva e fascinante, que haja, ao mesmo tempo, desempenhado maior influencia, em dada época, sobre determinada area de nossa paisagem social. Pelo menos não se encontrará equivalencia em nenhum outro typo de renovador, capaz de tamanhos esforços em attrito com um ambiente hostile ás suas tendencias — tendencias de jovem socialista de 1840 (1) — e ás suas idéas de engenharia social, verdes e rançosas para uma época e um meio marcados a fundo pelo regime patriarchal, baseado no latifundio e no trabalho escravo. Será de notar, como o faz o autor de *Casa-Grande & Senzala*, que “a personalidade européa é que dá ao drama do desajustamento a nota revolucionaria e o meio americano, a de conservação, a de rotina e ás vezes de inercia. O homem do Velho Mundo é que foi, nesse caso, o innovador”.

O diario intimo de Vauthier, constituindo um depoimento de inalteravel interesse humano, no qual se retrata a vivo um temperamento inquieto, com sede de renovação, representa, além disso, um documento nitido sobre alguns aspectos da influencia de uma

cultura amadurecida — a francesa — sobre outra em formação — a brasileira. A esse respeito, não é possivel discordar da opinião de Gilberto Freyre: nenhum ranço de exaggero há nas palavras do mestre do Recife quando se refere á importancia, tanto do ponto de vista psychologico como do ponto de vista sociologico, desse diario do engenheiro francês.

A 8 de setembro de 1840, Vauthier avistou Recife e o seu primeiro olhar para a cidade não foi de desinteresse ou indiferença: foi antes um olhar surpreso deante daquellas “casas brancas, os telhados emergindo da fresca vegetação”, e, logo mais, deante do “aspecto bastante estranho do porto”. Elle viu, então, “de um lado, o Recife onde se quebra o mar; do outro, em quasi toda a sua extensão, praias arenosas ou casas construidas sem ordem”. Depois, as ruas “com seu calçamento de areia e passeios de tijolos”. Depois, “as casas bem limpas e elegantes e a população negra”. Dahi uma impressão de scenario de theatro, para o que muito contribuiu o decorativo da “cabelleira dos coqueiros”, das folhas de bananeiras (2) e, em geral, da “vegetação luxuriante” (3). Ao olhar de Vauthier, mesmo de longe ainda, não escapou o encanto do Recife: “o que é raro — commenta Gilberto Freyre —, tratando-se de cidade tão sem relevo, tão magra e tão sem carne para os olhos com fome de pittoresco tropical”. Olhos com appetite de terra, depois de monotona dieta de oceano, mas capazes, assim mesmo, de apprehender, sem nenhum deslumbramento hypocrita, essa “especie de *beauté du diable*, incompleta e angulosa”, que é a belleza do Recife. Vauthier — cito ainda Gilberto Frey-

(1) “... aferram-se [certos homens] aos seus axiomas — de que não desistem — sobre a impossibilidade de alguém instaurar na terra certa ordem e regularidade e de estabelecer um systema em que a grande maioria seja feliz.” (pag. 21).

(2) Está na traducção: “O aspecto do campo, visto de trás da casa O.º e do terraço da casa Navarre me causaram um prazer singular.” (?)

(3) “Nessa natureza rica, tudo indica, a cada passo, a insigne preguiça do homem.” (pag. 75).



re — “foi um dos raros estrangeiros a sentir e compreender essa especie de belleza, como se o incompleto, o magro, o ossudo da cidade desse liberdade á sua imaginação de engenheiro e de artista para completar a seu gosto a physionomia eschematica do burgo.”

Logo essa paisagem conquistaria o estrangeiro: Vauthier não demoraria a confessar-se seduzido pelas tardes do Recife, nos seus passeios a cavallo, pelas sombras de velhas arvores, pelos banhos de rio, pelos engenhos safreando. Foi um amor, o delle, por essa paisagem, em que se reflectiram as suas impaciencias de acção, o seu soffrego entregar-se ás cousas, embora apreciando dizer mal, aqui e ali, da terra e dos seus usos (4), bem á maneira de certos D. Juans em relação ás mulheres.

Com um anno, Vauthier já teria assentado a pedra fundamental do Theatro Santa Isabel e levantado mesmo algumas de suas paredes; já teria levantado a planta da cidade e esboçado um projecto de novos alinhamentos urbanos; entregue ao transitto publico a ponte de Santo Amaro; concluido as obras do Convento do Carmo para installação do Lyceu Nacional da Provincia; estudado o projecto da estrada de Apicucos; encaminhado a bom termo, emfim, todos os trabalhos que lhe foram confiados pelo governo. Esse

- (4) “Hoje um cadaver de negro ficou boiando na praia, sob nossas sacadas, impellido para diante e para trás, pelas oscillações das marés. Passaram mil pessoas, que o viram, pararam um instante, depois continuaram seu caminho muito philosophicamente. Partilho pouco das idéas geralmente acceitas sobre os cadaveres, as quaes tenderiam, em certos casos, a conceder mais cuidados aos despojos inertes do que ao proprio ser vivo. Mas esse descuido, essa indifferença geral em presença da morte... E' verdade que era um negro! Se um negro em vida é pouca cousa, que será um negro

dynamismo teria mesmo de ser mal visto pelos funcionarios mais velhos e ranzinzas, emperrados na burocracia e contrarios ao menor esforço de innovação nos methodos de trabalho.

Mas nem só a essas actividades se entregou o engenheiro francês: elle foi mais longe. Vauthier imaginou um largo programma de obras de engenharia social, antecipando-se, na sua concepção socialista, em preocupações e iniciativas que no seu tempo não offereriam nenhum relevo aos olhos de um engenheiro vulgar. Vauthier pensou sempre no problema das communições — o problema das estradas que elle considerava, com massigo bom-senso, ser fundamental para a vida e a economia, não só da Provincia, mas do país todo. Pensou nos problemas regionaes de agua, de esgoto, de arborização, de edificação urbana, em cada caso suggerindo ou apontando corajosamente uma solução ecologica. Sua foi a idéa da criação de um cemiterio publico no Recife, para acabar com a pratica antihygienica do sepultamento nas igrejas — idéa que encontrou barreira em preconceitos e tradições de familia e de religião. Uma epidemia de febre amarela, em 1850, impôs aquella mesma solução suggerida annos antes pelo engenheiro de Paris.

O que elle fez e o que pensou fazer, em proveito da Provincia de Per-

morto? Essa incuria geral em relação a todas as exhalações que emanam de um cadaver — tudo isso caracteriza de modo bem preciso essa **barbaria**, accrescida de selvageria, e mal disfarçada sob o verniz da **civilização**.” (pag. 49). Mais adiante: “Falamos sobre o Brasil, sobre a preguiça e a vaidade oca da gente daqui.” (pag. 56). Mais: “Não se pode fazer cousa alguma bem feita e depressa neste maldito país.” (pag. 75). Mais ainda: “Idéas! Quem as tem neste pobre país?” (pag. 103). Em muitas outras occasiões, as referencias de Vauthier foram desse feito, sendo das mais

nambuco, foi muito, em relação á terra e á época, e isto está admiravelmente fixado no estudo de Gilberto Freyre. Mas é tempo de apontarmos aqui, a traços rapidos, aquelle aspecto curioso da personalidade de Vauthier que melhor se apresenta nas paginas de seu Diario: as suas qualidades de observador da vida social, a quem não escaparam as singularidades do meio e do tempo em que exerceu sua acção. Qualidades superiores, que o consagraram um dos mais vivos e perspicazes observadores dos costumes brasileiros da primeira metade do seculo XIX.

A' sua visão não passbu desperce-

bido o facto mais esquivo ou raro nem o mais vulgar ou caracteristico da vida regional. A proposito de pessoas, cousas ou acontecimentos, o seu commentario é de um sabor especial, em que se confundem ás vezes o tom de surpresa, o humor e a malicia, não raro se azedando tudo em mau-humor (5) ou traíndo uma impertinencia sem limites (6). Viu os mocambos do Recife: "As casas dos pescadores são tudo o que há de mais simples na natureza. Sua estrutura é feita de alguns espeques. A folha de coqueiro fornece tudo o mais — tecto e paredes." Etc. (7). Viu enterros — en-

frequentes as relativas á insegurança pessoal em virtude da indiferença existente quanto aos problemas da criminalidade. Quando, poucos dias depois de sua chegada, Mr. Théberge, jovem medico francês estabelecido em Pernambuco, lhe falou a respeito de certos habitos do país, Vauthier não quis acreditar e tudo faz crer que deu de ombros ás informações do seu assustado compatriota: "detalhes sobre o país, em que não acreditei. Segundo elle, aqui se mata gente como moscas. Esqueci-me de perguntar quantas vezes elle foi morto." (pag. 39). Depois, Vauthier é que ficou assustado e chegou, elle proprio, a usar faca de ponta. Com o tempo, chegou á conclusão de que "um homem de bem, de coragem, deve caminhar em linha recta, procurando poupar o mais possivel os interesses marginaes, mas sem se inquietar por demais com essas historias de assassinato, senão a titulo de aviso." (pag. 49). Mas, a certa altura, já Vauthier nos informa: "Alguns factos sobre os habitos assassinos do país: fora de sua profissão, os assassinos são excellentes pessoas, bons amigos, bons paes e bons maridos. Se-

riam capazes de se deitar em um monte de ouro sem tocar nelle, mas desde que estejam pagos para praticar um assassinato, executam a cousa sem hesitar. A punhalada neste país não é dada no peito, mas no baixo ventre, de baixo para cima. E' ainda mais perigoso e deve causar uma sensação bem desagradavel. Aconselham-nos a empregar um homem já recommendado pelo Consul e que assassina em caso de necessidade, para defender os amigos." (pag. 95).

- (5) "Só um alemão pode ser burro como aquelle sujeito." (pag. 42). Resta saber, aliás, se exactamente um seculo mais tarde Vauthier seria capaz de repetir esse rompante.
- (6) "... um sujeitinho que exerce não sei que negocinho, não sei que moxinifada, suppõe que irei procurá-lo para tratar de assumptos do teatro. Elle pode, muito bem, parece-me, vir á minha casa. Por quem me tomam, esses sujeitos?"
- (7) Ver tambem a pag. 51 do Diario, em que há varias referencias aos mocambos de Afogados. Ahi elle termina exclamando: "O Capibaribe, acima da ponte da Magdalena, offerece de facto uma paisagem encantadora — mas que é tudo

terros de criança e de gente grande (8). Viu a reclusão meio mourisca em que viviam as mulheres em Pernambuco, com outros estrangeiros, antes e depois d'elle, o viram (9). Viu como se tratava de escravo (10). Viu habitos sociaes que lhe pareceram bastante estranhos (11).

Vauthier veio noivo para o Brasil, contando reservar-se, em cousas do sexo, para o leito conjugal. Mas não tardou a verificar que era muito "difficil guardar a castidade", não resistindo ao clamor dos sentidos (12). E o romantico Vauthier cedo se grudou ao vicio do amor como a um vicio peganhento e terrivel (13).

isso, meu Deus, no meio de uma população escrava e faminta, no meio de seres que deixam miseravelmente ociosa a mais fecunda e rica natureza que existe sob o céu?"

- (8) "Vi passar o enterro de uma criança: cortejo de homens levando — na extremidade de um pau — velas envolvidas em canudos de papel." (pag. 41). E depois: "Encontramos dois enterros, sempre com as mesmas velas, em grandes cartuchos de papel. Uma parte do cortejo leva apenas tochas com chammas descobertas. Os mortos vão deitados numa camada de flores de todas as côres." (pag. 43).
- (9) "Eu tinha avistado de costas, pelas portas entreabertas, uma mulher — evidentemente a dona da casa. Esperava encontrá-la na sala de jantar. Nem sombra de mulher." (pag. 92).
- (10) "Mme. S. nos contou que sua negrinha lhe roubou seis vintens e ella amarrou-lhe as mãos e espãncou-a ella propria a chicote!!! levantando-lhe a roupa!!! sem nenhum constrangimento!!! deante dos filhos!!! O mais velho delles observou que o posterior da negrinha não era mais bonito que o de um cavallo, quando levanta a cauda." (pag. 81).
- (11) "Entre seis e sete, fiz uma visita de condolencias ao Presidente, que perdeu a mãe, domingo. E' uso aqui apresentar pesames o mais cedo possivel. Fomos recebidos. O salão estava fechado e illuminado por

uma unica vela. Havia, além de nós, umas cinco ou seis visitas. O presidente nos apertou a mão com força, quando entrámos. Parecia muito sentido. Julgava-o um homem de bons sentimentos. Sua profunda dor convenceu-me ainda mais disso. Rosto e fala — tudo nelle estava desolado, abatido. Demorámo-nos vinte minutos. Ninguem disse uma palavra. Somente duas pessoas mantinham em voz baixa uma conversação particular." (pag. 56). Ver tambem, para não alastrar-me em citações, a pagina referente a uma recepção em palacio (pag. 114).

- (12) "O que nos dizia ontem Mr. Millet sobre a belleza de formas das mulheres deste país, de sua lascivia, de sua ansia de gozo, fez-me subir o sangue á cabeça. A quasi completa castidade de minha vida attrae-me para esses prazeres com todo o ardor de um corpo robusto e quasi virgem e por toda a curiosidade e desejo de sensações de toda especie que me atormentam tanto." Devia ser mesmo terrivel! Vauthier viu-se atormentado pelo demonio da carne: "E' necessario todo o dominio sobre mim mesmo para resistir a esses poderosos agulhões e pôr freio a esse ardor intenso que me arrasta, para não ceder ás volupias que minha imaginação suggere nesses instantes, em lufadas inebriantes!" (pag. 78).
- (13) "De noite, mulheres sensiveis. Duas! E' triste e é demais."

Para as mulheres Vauthier tinha sempre um olhar algo cynico. Vejam-se, por exemplo, as suas referencias á sra. S. (14), de inicio considerada "vulgar e feia" (15), mas depois tida na conta de uma tentação. Uma vez elle a visitou no proprio quarto, em penumbra, e confessa que sentiu attracção por um pedaço de braço esquecido e nu, sobre a coberta. Chegou a ponto de perguntar-se, afflicto, se ella seria o seu "anjo mau". Outros vultos femininos apparecem em suas cogitações, com os seus "collos soberbos", "bem feitas de corpo", "os olhos negros e fatigados", os cabellos oleosos. Entre esses vultos sobresaie o de Elisa, a noiva distante, com quem foi casar-se a 27 de maio de 1845.

O engenheiro francês identificou-se, como poucos estrangeiros, com a vida pernambucana: tomou banho, ao luar, nas aguas do Capibaribe, criou bicho de pé e curou com cinza de cigarro, viu fantasmas, alta noite, pelas ruas desertas de Santo Antonio, andou a cavallo á sombra de muito cajueiro em flor e muita mangueira gorda e pesada de fruto, visitou engenhos moendo e chupou canna, tomou agua de coco verde, comeu mamão, goiaba e cocada, usou faca de ponta na cintura. Pernambuco absorveu, a seu jeito, o estrangeiro, tantas vezes insolente.

*

O MS. do Diario intimo de Vauthier, adquirido na França por Paulo Prado e offerecido a Gilberto Freyre, foi cedido ao Serviço do Patrimonio Historico e Artístico Nacional, que o fez traduzir e o editou, annotado pelo mestre do Recife. Aliás, não será fora

de proposito um reparo quanto ao facto, realmente lamentavel, de haver-se conservado apocrypha essa traducção, por signal que "esmeradamente feita", por alguém que "teve a pachorra de decifrar a letra miuda e terrivel, mais de medico que de engenheiro, do ex-alumno" da Escola Polytechnica de Paris". Não se justifica que tamanho esforço se acinzentasse caprichosamente no anonymato, no instante mesmo em que tanto e tão mal se traz no Brasil.

O encargo commettido ao sociologo pernambucano — de escrever as notas informativas ou elucidativas para esse Diario —, levou-o a demorar-se no exame do archivo da familia Vauthier, dos papeis officiaes ainda existentes em repartições do Recife e dos jornaes da época. Procurando avivar os traços de uma personalidade quasi a perder-se de vista no seculo XIX brasileiro, Gilberto Freyre pôde reconstituir, com a maior nitidez e o mais vivo colorido, os angulos fundamentaes de determinada situação cultural, colhendo um flagrante, singular em nossas letras sociologicas, da interpenetração de culturas — no caso, a franceza, já madura e definida, de um lado, e a brasileira, desabrochando, de outro.

Essas pesquisas, cujos resultados attestam a paixão da minucia, o senso critico e a honestidade de processos de Gilberto Freyre, hão de ter custado canseiras sem conta. A ellas o autor se refere como a provas para concurso de santidade, de tão penosas e irritantes, e com um ar quasi diria pathetico; zangado com a má-vontade e a incomprehensão que lhe barraram os

tem pouco a mostrar, mas deixa ver tudo o que pode." (pag. 33). "De branco só tem os ombros e o lugar em que as pessoas do mesmo sexo costumam ter os seios." (pag. 41). "Ella acha que a mulher não gosta bastante do marido senão quando está deitada com elle. Considera desagradavel o systema actual de alcova que a obriga a ter cama de vento, separada." (pag. 55).

(pag. 79). E até: "De manhã, uma negrinha que veio offerecer seus serviços como lavadeira... Voltou á tarde." (pag. 137).

- (14) Varias pessoas tiveram o nome assim resguardado, na traducção do Diario. Mesmo a cem annos de distancia, certas referencias de Vauthier seriam indiscretas ou inconvenientes.
- (15) "Vi seu collo até á axilla. Ella

passos aqui e ali, chegando ao ponto de reclamar providencias ao governo da Republica para acabar com essas demonstrações de intolerancia em relação aos pesquisadores de archivos e bibliothecas — appello esse, afinal de contas, que poderia muito bem, e sem prejuizo algum, ter sido dirigido pessoalmente ou por meio mais adequado ao chefe da Nação.

O presente estudo fixa a interferencia de uma nova technica na vida cultural brasileira. "Os limites de tempo e de espaço, criando peculiaridades, não parecem prejudicar o que o caso historico do contacto de Vauthier com o Brasil apresenta de geral, de caracteristico, de typico, e por consequente de susceptivel de tratamento sociologico." Gilberto Freyre accentua que procurou focalizar a acção desenvolvida pelos agentes technicos em outros pontos do Imperio, sensiveis á sua influencia. O methodo seguido foi o historico-social de procurar destacar as repetições, ou, melhor, as recorrencias, ou as regularidades, de significação sociologica."

A significação desse trabalho, Paul Arbousse-Bastide a encarece em pagina de mestre que é a introdução do livro; pagina de admiravel lucidez e penetração critica, e que constitue um dos melhores commentarios á contribuição trazida pelo autor de **Sobrados & Mocambos** á nossa literatura sociologica. De tal sorte é o estudo em questão, a varios titulos notavel, que é de estranhar não contenha uma referencia sequer á originalidade do processo de Gilberto Freyre quanto ao aproveitamento do material de pesquisa social contido nos annuncios de jornal, innovação de indiscutivel relevancia para a technica sociologica de nosos dias.

Antes de estudar a actuação de Vauthier e seus collaboradores nos seus seis annos de Recife, Gilberto Freyre nos offerece um conjunto de observações em torno dos contactos anteriores da cultura e da technica francesa com a vida brasileira e, em particular, com a vida pernambucana. Contactos através de agentes ás vezes humildes, an-

nymos e quasi dissolvidos no todo social; mas nem por isso menos efficientes: professores de linguas, dança ou esgrima, modistas, photographos, boticarios, cabelleiros, cozinheiros, alfaiates, actores, medicos, importadores de drogas, perfumes e vinhos, parteiras, jardineiros.

A paciencia e a paixão com que Gilberto Freyre se atem ao exame da verdade social no meio de tanto factio apparentemente miudo e isoladamente quasi sem importancia, serão decerto mais uma vez mal comprehendidas por alguns diléttantes das leituras sociologicas. Para esses, tanto esforço e dedicação não passam de uma **camouflage** e tudo se reduz a um gosto exaggerado pelo pittoresco; o que é documento novo e ainda virgem, pensam que é citação para effeito humoristico ou puro requinte de originalidade.

A massa de informações colhida por Gilberto Freyre sobre essa interacção de culturas no Brasil é do maior interesse para o estudo mais aprofundado de nossa formação nacional.

Ao fim da primeira parte do ensaio, a individualidade de Louis Léger Vauthier adquire todo o relevo possivel naquelle trecho da paisagem social brasileira, surgindo aos nossos olhos, animado pelo sopro de vida de Gilberto Freyre, sem nada de um fantasma de Historia.

O que há a desejar é que o mestre do Recife, deante do absoluto exito de seu trabalho, realize o que promette há algum tempo — o ensaio sobre a influencia da cultura inglesa no Brasil. Ensaio que elle poderá levar avante como poucos entre nós. — **VALDEMAR CAVALCANTI**.

RIBEIRO COUTO — **PRIMA BELLINHA** (romance).

— Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Se não me engano, havia varios annos que Ribeiro Couto não publicava romances. Vivia quasi sempre, por motivos de ordem profissional, no estrangeiro, e, na medida que o permitia ou, até, por vezes, o exigia sua carreira de diplomata, percorria o



mundo, observando, atrás de seus olhos, parecidos com os de Duhamel (nem todos os olhos são iguaes; parecem-se com os que os usam), como só elle sabe observar. Se não publicava (pelo menos romances), trabalhava. O verdadeiro escriptor nem sempre publica (graças a Deus!), mas raramente deixa de escrever. Assim deve ser, e essa encantadora **Prima Bellinha** foi concebida e escripta há dez annos. Que lição de escrupulosa paciência para os mais noyos... Assim tambem deve ser: os verdadeiros escriptores não têm pressa, pois sabem que, nesse assumpto, quem tem a ultima palavra é o tempo. E' elle quem julga.

Quando uma obra é boa, é como vinho: cada anno que vae passando torna-se mais saborosa. **Prima Bellinha** tem esse sabor unico, inconfundível, de tudo que produz seu autor. Não tem, entretanto, só isso.

Ribeiro Couto, nas horas de folga, trabalhava para elle, ou, para descansar, escrevia aos amigos o que via, sentia, pensava. E assim continua procedendo, mas; agora, para com aquelles que ficaram lá longe (longe, não: o mundo é pequeno e o coração grande), no inferno europeu. Quem já recebeu cartas de Ribeiro Couto sabe que sua correspondencia constituirá um dia, quando for publicada, para nossos netos, um dos documentos mais typicos desse admiravel escriptor cuja espontaneidade é apenas uma das manifestações de um authentic temperamento de artista. E' a mesma que encontramos nos seus romances, discreta, guiada pelo gosto e por uma intuição infallivel da medida, que tanto contribue para dar ao que escreve esse tom familiar, semiconfidencial, que torna o leitor um amigo a quem não se esconde nada (não exagaremos: quasi nada...), tom feito de ternura, de sensibilidade, de lucidez e de espirito critico, que faz com que cada um possa, abrindo, por exemplo, seu ultimo romance — tanto mais quanto está escripto na primeira pessoa — entreter a illusão de ler uma longa carta que lhe é especialmente

dirigida. Essa impressão, todavia, é o resultado de muita arte e de incansavel trabalho. E' uma victoria, O que deixa a impressão de naturalidade em literatura é sempre uma victoria, obtida á custa de grande sacrificio e de muita perseverança, como todas as victorias verdadeiras. Só os maiores conseguem dar esta impressão: um Machado de Assis, um Voltaire, que tornam a lingua agil, leve, aparentemente facil.

Ribeiro Couto, por saber alliar a mais viva espontaneidade e outras qualidades natas a um conhecimento profundo do instrumento verbal, está todo no que escreve. Sua presença resulta dessa alliança. Não bastaria, porém. Trata-se de um temperamento essencialmente criador, de romancista e de poeta, que poderia ter sido de pintor ou de musico: o que precisa, antes de tudo, é externar-se. Do criador, aliás, tem as marcas fundamentais, acrescentando a uma dellas, a necessidade de "cantar" (como diziam antigamente com acerto), uma visão propria, muito pessoal (seus livros são assignados de antemão), e a facultade de transformar a realidade, como que naturalmente, em materia romanesca: factos quotidianos, aparentemente sem importância, mas que a sensibilidade, a imaginação transportam para o plano do romance, ou então, pelo contrario, sentimentos fortes como o amor, que illumina seus livros — de modo que se fica sem saber qual dos dois — o romancista ou o homem — age um sobre o outro. Parecem-se e, como não fingem, tem-se a tentação de confundi-los. E' um erro resultante da vida que anima seus personagens. A arte do romancista consiste em primeiro lugar em criar personagens, mas tambem em ser sincero inventando, se assim se pode dizer, em ser elle proprio numa fabulação, em contar com certa voz que trae a identidade. E' saber ser tudo e ficar quem é. Flaubert dizia: "**Madame Bovary? C'est moi.**" Digamos que o Jeronymo Vieira Pires da **Cabocla** e José Viegas são filhos do mesmo pae: sentimentaes, mas lucidos, simples,



mas inteligentes, fracos, sem vontade, mas sadios. E amam como respiram. O coração, porém, em *Prima Bellinha*, se fala sempre, não fala só. Essa deliciosa historia é uma sátira, risonha, da vida do campo, da cidade, dos politicos e de todos: ninguem escapa ao espirito, que mordê sem ferir, do autor, nem o proprio José Viegas. Mas, tambem não deixa de ser um romance, isto é, de obedecer ao genero, emprestando realidade a numerosos personagens que agem, conspiram, amam, soffrem, sempre vivem, e, ao contrario do que se dá em grande numero de romances actualmente no Brasil, falam. Não somente há em Ribeiro Couto um narrador incomparavel, mas um escriptor que tem o senso, como poucos, do dialogo. Não é certo que, desde Machado de Assis, outros o possuam como elle. Esse senso, porém, é indispensavel a todo grande romancista. Não se concebem romances de Balzac, de Tolstoi, de Dickens, nem do contemporaneo Proust, sem seus admiraveis dialogos. São os nervos do romance. E' lhe necessario o dialogo, que constitue o movimento e uma grande parte do elemento dramatico. E' por elle que se apparentam o romance e o theatro, esse magnifico genero literario, desprezado pelos maiores escriptores das ultimas gerações não se sabe por que. Basta pensar o que faltaria ás literaturas inglesa, espanhola, franceza, não fossem Shakespeare, Ben Johnson, Show, Calderon, Molière, Racine, Claudel. Por isso, vou queixando-me. E' de lastimar que assim seja entre nós quando se vêem personagens como os de Ribeiro Couto que, pelas características, pela nitidez do contorno, pela composição, parecem concebidos para se moverem no palco.

Acontece outrosim (sendo grande a variedade dos meios utilizados pelo autor) que os dialogos sejam substituidos por um grande monologo, de tom semiepietolar, e mi romanesco (nesta habil confusão deliberada, está a arte, como já vimos, peculiar de nosso autor), no qual Zé Viegas nos conta suas aventuras no Rio. Vem com seu pae, chefe politico de Santo Anto-

nio do Mutum, o leal major, que pretende apresentá-lo ao ex-presidente de Minas, o Dr. Beltrão de Lima, recentemente eleito presidente da Republica. Nem o pae nem o filho conseguem audiencia, mas o Zequinha consegue coisa mais importante: aprender a vida, aprender a comparar. Viver, as mais das vezes, é comparar. Foi para a cidade e viu o que era. Morou numa pensão dirigida por uma senhora, Dona Sancha, quarentona que não encontrou felicidade no casamento e se interessa por alguns de seus pensionistas, quando jovens... Aqui segue o capitulo que, como os outros, forma um quadro, representa um todo, uma scena; parece quasi independente, pois tem seu movimento proprio, seu desfecho, e, entretanto, marca uma etapa imprescindivel para a evolução da narração, captando, graças a uma arte de contar sem igual, o interesse do leitor. Assim se torna cada capitulo o tipo sonhado para as anthologias. Não o seria sem a extraordinaria facultade de synthese de Ribeiro Couto, sem a subtiliza de sua technica, sem seu modo de suggerir, de insinuar, de tudo exprimir sem dizer tudo, sem a flexibilidade, por vezes felina, de sua lingua, que reflecte todas as nuances de uma entonação, de um pensamento, de um sentimento, de um estado de sensibilidade ou de espirito. E é tambem um virtuose, no melhor sentido da palavra, da composição, da transição, do relevo. Nunca se repetirá demasiadamente que não há grande obra sem conhecimento profundo de todos os meios com que se pretende expressar a vida. O seu romance é uma obra-prima de equilibrio. A característica da obra duradoura é o equilibrio interior, a justeza da relação entre a forma e o que o autor tenciona traduzir. E' o equilibrio da propria lingua, a "saúde literaria", como dizia Bourget, é o facto de saber resistir com critério a suas qualidades mais distinctivas, de não explorá-las até transformá-las em processos, e, de feitos, em vícios, é ambicionar pô-las ao serviço de algo de inelutavel. O grande romance nunca é obra discre-

ta. Tem o character fatal, excessivo, impiedoso, da necessidade. Quero dizer que, ahi, já se poderia sentir que Ribeiro Couto não nos tivesse dado uma obra na qual participaríamos, por exemplo, de suas impressões, embora romanceadas, da infancia e da adolescência (sua *Enfance*, em francês é muito timida...), se não pudéssemos esperar delle, que já nos deu muito, ainda mais. Essa reflexão não se refere ao poeta, que merece estudo especial e importante, nem, bem entendido, diminue o valor — pelo contrario — do criador de Zé Viegas a quem D. Sancha dedicava um carinho todo especial. E queiram dizer se, lendo este capítulo; precisam muito esforço para ver nelle uma scena de comedia, com seu dialogo cheio de silencias, de subentendidos, com as indicações dos jogos de scena, de vaevem, de falsas saídas. Até os gestos dos actores são indicados. O romancista e o poeta aqui serviriam ao homem de theatro, pois o que representa sua experiencia literaria excede muito o que se costuma encontrar no theatro brasileiro, ao qual falta, fora rarissimas excepções, classe, poesia e estilo. Mas fechemos nosso parenthesis, apesar de suas relações com um romance cuja riqueza technica é a unica responsavel pelas reflexões desconchavadas que nos afastam de Zé Viegas enquanto volta, cansado, já meio somnolento, para a pensão de D. Sancha. Deve ser tarde. A casa até parece a da bella adormecida. Só o autor, atrás de seus oculos, sorri maliciosamente. Vejam só:

“Entrei em casa pé ante pé. A pensão estava silenciosa. Do quarto do Amadeu vinha um ronco de somno solto. Na sala de jantar, porém, havia luz: era D. Sancha que lia os jornaes da noite. Fez-me parar, offerecendo café. Se eu quisesse ia buscar.

— Está quentinho, deixei na chapa do fogão. Quer? Não faça cerimonia.

Não, não queria, muito obrigado. E continuei na direcção do quarto.

— Olhe, seu Viegas...

Voltei-me. Levantara-se, estendendo-me as folhas.

— Salvo se já leu, accrescentou indecisa.

Acceitei, agradecido.

— No seu quarto estará tudo direito?

Acompanhou-me para ir ver. Accendi a luz e ella verificou a moringa d'agua, a toalha de rosto, o jarro, a cama, com uma sollicita minuciosidade.

— Creio que a Engracia mudou os lençoes esta manhã, mas não trocou a fronha.

Pegou no travesseiro, examinou-o, fez um gesto contrariado: a Engracia não trocara a fronha.

— Eu vou buscar uma fronha limpa.

— Não senhora, interrompi, desejoso de dormir, logo, de acabar com a agitação de idéas que durava desde a minha iniciação daquella noite, no Circulo.

Ella me contemplou sorrindo, sensível ao pensamento gentil de lhe evitar o incommodo. Ficou olhando o quarto, á procura de qualquer falha na arrumação.

— Então não precisa de nada?

Respondi que não, com os dedos estendidos para dizer-lhe outra vez boanoite. Como fazia calor, ella foi abrir a janela para mim. Bocejei, com um somno immenso, abrindo largamente a boca sem me importar com a presença de D. Sancha.

— Que extravagancia foi essa de voltar a esta hora? Ainda de resguardo da gripe!

Continuava plantada deante de mim, em cheio. O corpo de D. Sancha era entroncado, vigoroso: os seios avolumavam-se, molles, excessivos. Notei que pusera uma pincelada de ruge na boca, que se empoara, que estava cheirando a agua de colonia. Ao mesmo tempo, senti que essa observação, feita com um canto do olho, quebrava o respeito que eu devia a D. Sancha. Idéas sensuaes tomaram conta do meu espirito...

— Bom, o senhor precisa dormir.

Cuidei que ella se estivesse despedindo, mas não saíra do lugar.

.....

Na mesinha havia diversos volumes. Escolhi um, hesitante.

— De amor? — indagou ella, tomando o livro.

— E' policial, muito bom.

— Não, isso não, vae me dar medo. Não tem ahi uma historia amorosa? Mulher velha tambem gosta de historias amorosas.

.....
— Velha? Deixe de modestia, Dona Sancha... — e procurei entre os livros um romance triste, em que a heroína morria tuberculosa depois de amar um príncipe russo. Este é bom, é muito bom, muito romantico.

Fiz um gesto começando a tirar o paletó.

— Muito obrigada, seu Viegas. Até amanhã.

— Até amanhã, D. Sancha.

Empunhando o livro, recommendou-me:

— Juizo, hein? Precisa tomar juizo, não fazer mais extravagancias como a de hoje! e fechou a porta.

Arranquei o paletó, livre da presença de D. Sancha; mas, sem barulho, ella tornara a entrar, surprehendendo-me em mangas de camisa. Falou baixinho:

— Ouvi passos de alguém na sala de jantar. Não de achar exquisito que eu saia do seu quarto a esta hora. Apague a luz.

Apaguei. Ficámos assim uns momentos no escuro, ella encostada no meu peito, invadindo-me as narinas com o cheiro de agua de colonia, em que transparecia uma reminiscencia de cebola crua. A noite estava branca de constellações que se incrustavam no rectangulo da janela.

— Bonita noite! — sussurrou, pondo o halito dentro do meu ouvido.

— Bonita! — murmurei.

O corpo della era rijo; só os seios cediam, fofos, á pressão involuntaria do meu peito. Sem querer, meu joelho tocou-lhe uma coxa.

— Será aquella peste do Raposinho? — perguntou mysteriosa.

Abriu a porta de manso e espiou para o fundo do corredor; ficou assim por uns momentos, pescoco esticado,

vendo se alguém passava na sala de jantar. Depois, com allivio:

— E' a Irene. Que será que anda fazendo?

Saiu, pé ante pé, com um suspiro fundo."

Essa longa citação é curta, pois não se poderia, sem prejuizo das intenções do autor, supprimir uma palavra. O livro todo, aliás, possui a mesma admiravel sciencia da "dosagem". Depois da amostra que precede, já adivinhámos que, para nossa maior satisfação, Zé Viegas ainda há de ver muita coisa no Rio. Mettido, contra a vontade, em meio politico opposto ao do pae, vae representar um papel importante. A satira, nestes capitulos; torna-se mais mordaz, prolongando e renovando uma antiga tradição do romance representada entre nós pelo autor de **Dom Casmurro**, mas que se origina na Espanha com Cervantes, na Inglaterra com Swift, Fielding, Goldsmith, Sterne, e na França com Voltaire. Em regra geral, nossos romancistas hodiernos parecem ignorá-la. A moda está nos romances volumosos, cyclicos e sociaes. Ribeiro Couto não segue a moda, o que prova sua independencia. E' bem o pae, nesse ponto, de seu Zé Viegas, que tambem affirma a independencia de seu gosto, voltando para Santo Antonio do Mutum, que só tinha deixado por causa da prima Bellinha, a encantadora noiva prodiga, que o acompanha, agora definitivamente, "no valle do rio Verde, em cujo horizonte azulam os montanhosos sitios da familia Viegas, com' seu gado leiteiro, seus fumaes, algum café e muita paz."

Assim Ribeiro Couto voltou á patria com um romance bem brasileiro — provando, se fosse necessario, que o verdadeiro artista não teme influencias, e com esse brilhantissimo **Cancioneiro de Dom Affonso** com canções que nem precisam musica para cantar por si mesmas, obtendo nossa inteira adhesão pela magia, a unica respeitada pelo tempo, do estilo, que não é mera forma, mas, assim como há dois seculos já o disseram definitivamente, é o homem. — R. A. C.

VISCONDE DE CARNAXIDE
— **O BRASIL NA ADMINISTRAÇÃO POMBALINA (Economia e política externa)**. — Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Na extensa bibliographia portugueza referente ao Marquês de Pombal, em que se contam por dezenas tanto as apologias como as diatribes, faltava, até agora, a contribuição que podiam oferecer os archivos brasileiros. Apresentou-a, há pouco, em um livro de valor, o sr. Visconde de Carnaxide (Antonio de Sousa Pedroso Carnaxide). **O Brasil na Administração Pombalina (Economia e Política Externa)**, é esse trabalho honestamente baseado tanto nos 168 volumes que figuram nas interessantes "Notas para uma bibliographia pombalina", que o encerram, como nos documentos manuscritos, muitos dos quaes ainda ineditos, ou pouco explorados e divulgados, existentes na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, no Archivo Nacional, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro e no Archivo, Bibliotheca e Mappotheca, do Ministerio das Relações Exteriores.

Como salienta no **Prefacio** do livro do sr. Visconde de Carnaxide o sr. Afranio Peixoto, **O Brasil na Administração Pombalina** não é a favor nem contra o discutido estadista português: procura ser imparcial no julgamento de suas qualidades e defeitos, apresentando, de modo tanto quanto possível objectivo, os acertos e os erros do grande ministro de D. José I. Aqui e ali, porém, tão forte é o reflexo das polemicas que têm agitado a biographia de Sebastião José de Carvalho e Mello, que o autor do novo ensaio também se deixa levar por opiniões mais violentas, quasi sempre contrarias ao celebre inimigo dos jesuitas, embora mais adeante presente, de sua propria iniciativa, alguns dados favoráveis ao Conde de Oeiras e Marquês de Pombal. Não o eximindo de serias culpas, como, por exemplo, no processo dos pretensos regicidas de 1758, na expulsão dos ignacianos e no crimi-

noso julgamento do padre Malagrida, também não deixa o sr. Visconde de Carnaxide de salientar a habilidade com que se houve em numerosas questões diplomaticas, o devotamento com que se empregou na preparação militar de seu país, o interesse, profundo e constante, com que defendeu a integridade territorial do Brasil.

Ao lado, porém, de dados inteiramente novos, referentes á politica externa de Portugal no reinado de D. José I (interessantes, portanto, e intensamente, ao Brasil), será, sem duvida, das mais preciosas, a contribuição em **O Brasil na Administração Pombalina** offerecida á historia economica e financeira do reino e de sua principal colonia. Em mais de cem paginas, repletas de demonstrações estatísticas, de referencias até agora pouco utilizadas, não coordenadas ou totalmente desconhecidas, o sr. Visconde de Carnaxide apresenta o quadro da situação economica e financeira de Portugal entre 1750 e 1777, salientando as difficuldades que também nesse sector teve de enfrentar o Marquês de Pombal, principalmente pelas grandes despesas que em defesa de Portugal e do Sul do Brasil teve de ordenar.

Como valiosos annexos, foram incluidos em **O Brasil na Administração Pombalina** os textos integraes dos seguintes manuscritos, grandemente interessantes á historia economica e administrativa do Brasil: **Economia Brasileira** — Extracto de uma Memoria escripta em 1778 pelo dr. João José Teixeira, referente á cobrança do quinto do ouro, dos dizimos, dos direitos de entradas, das passagens nos rios, dos subsidios voluntario e litterario e da renda dos contratos dos diamantes, na capitania das Minas Geraes, desde o inicio de seu povoamento até aquelle anno. (Do Archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro).

Carta dirigida pelo Marquês de Pombal ao Marquês de Lavradio, Vice-Rei do Brasil, em 9 de julho de 1774. (Do Archivo Nacional).

Relatorio apresentado pelo mesmo Marquês de Lavradio a seu successor Luís de Vasconcellos e Sousa, em 1779. (Do Archivo Nacional).

Não será preciso dizer mais, para que se possa verificar o valor da contribuição historica offercida pelo livro do sr. Visconde de Carnaxide. — H. V.

FRANCISCO VENANCIO FILHO — A GLORIA DE EUCLYDES DA CUNHA. — Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Na historia da literatura brasileira constitue, quasi, um caso isolado, o alto apreço em que é unanimemente considerada a obra de Euclides da Cunha. Contribuirá, certamente, para essa posição excepcional, não somente o seu valor intrinseco, mas também a época e o meio em que a mesma surgiu, uma e outro ainda semiindifferentes aos estudos que tivessem por themá o proprio país.

Agora, porém, quando o conhecimento do Brasil, em todos os seus aspectos, caracteriza a maior parte das pesquisas e das edições aqui feitas, parecerá mais justificada e melhor fundamentada "a gloria de Euclides da Cunha", tal como a vêem e divulgam os seus fieis amigos, entre os quaes occupa uma posição de destaque o sr. Francisco Venancio Filho.

Reunindo, portanto, em volume da conhecida collecção "Brasíliana", da Companhia Editora Nacional, mais alguns capitulos sobre Euclides da Cunha, não fez o conhecido educador senão intelligentemente coordenar informações a elle relativas, acrescentando-lhes novas provas de que o culto a Euclides votado, "por protesto e adoração", na phrase enérgica e exacta do sr. Alberto Rangel, não padece interrupções nem enfraquecimentos, antes se revigora, cada vez mais, á proporção que augmentam de volume e de valor os estudos brasileiros de que foi dos mais notaveis pioneiros o autor dOs Sertões.

São, assim, dados essenciaes á bibliographia euclýdeana, os que se contêm na primeira parte do livro **A Gloria de Euclýdes da Cunha**, do sr. Francisco Venancio Filho, por isto mesmo simplesmente denominada "Vida e Obra". Segue-se-lhe a apresentação das "Fontes de Estudo", a que deverão recorrer os estudiosos de Euclýdes, principalmente "as cartas — os versos — o archivo" de Euclýdes, inclusive seus cadernos de notas, a bibliographia, tanto quanto possivel completa, que delle já se levantou e, afinal, a iconographia euclýdeana. E, para demonstrar o que é, em summa, essa "gloria", tão positiva quanto excepcional em nosso ambiente literario, a terceira parte do livro transcreve ou relembra as respostas que mereceram algumas objecções feitas a raras partes da obra de Euclýdes da Cunha, mostrando, depois, como até motivos de arte já tem ella offercido, obtendo repercussão internacional, e não apenas nacional, as commemorações euclýdeanas, cada vez mais frequentes, em todo o país.

Em "Notas" ao valioso trabalho do sr. Venancio Filho apparecem mais os seguintes capitulos: Ephemerides euclýdeanas — Bibliographia do autor — Iconographia — Bibliographia sobre o autor — Emendas dOs Sertões — estas ultimas em numero de 613. — H. V.

"ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO" — Volume LIX, de 1937. — Publicado na administração do director dr. Rodolfo Garcia. — Serviço Graphico do Ministerio da Educação. — Rio de Janeiro, 1940.

Continuando sua meritoria funcção de publicar documentos ineditos, interessantes á Historia do Brasil, os **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro** incluíram em seu volume LIX, relativo ao anno de 1937, dois importantes manuscriptos cujos originaes se encontram no Archivo Historico Colonial, de Lisboa, e na Bibliotheca

ca Nacional da mesma capital portuguesa.

Intitula-se o primeiro desses documentos **Processo relativo ás despesas que se fizerão no Rio de Janeiro por ordem de Martim de Sá, para defesa dos inimigos que intentavão commetter a Cidade e Porto** (1628-1633). As contas, relações, especificações de gastos, mandados, certidões, traslados, etc., que o constituem, formam um conjunto utilissimo á historia da administração do Rio de Janeiro, em um periodo particularmente difficil para ella, quando eram das mais positivas as ameaças de invasão por parte dos hollandeses, que antes já haviam atacado a Bahia e não tardaram a occupar Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. As providencias então tomadas pelo governador Martim de Sá dizem respeito, principalmente, á defesa da cidade, e demonstram, não só o zelo posto em sua execução por esse insigne administrador, filho e pae de outros notaveis governadores do Rio de Janeiro, como também o cuidado com que os governos de Lisboa e Madrid procuravam preservar os seus dominios ultramarinos de outros ataques de inimigos. A erudita biographia que de Martim de Sá apresenta o dr. Rodolfo Garcia, nas 15 paginas de "Explicação" que precedem esse "Processo", sendo o maior trabalho até hoje dedicado a tão excellente governador de sua cidade natal, poupará ao leitor menos interessado o recurso a outras fontes, para que possa avaliar o merito da documentação ora reunida nos **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**.

A segunda parte do volume LIX da utilissima publicação da nossa Casa dos Livros é constituída pela curiosa transcrição dos dois **Almanaques da Cidade do Rio de Janeiro** para os annos de 1792 e 1794, cuja organização é attribuída ao 1.º tenente de Bombeiros do Regimento de Artilharia Antonio Duarte Nunes, autor, também, de um **Almanaque Historico da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro para o anno de 1799**, publicado na *Revista*

do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo XXI, que com aquelles agora publicados, especialmente com o de 1792, guarda indicadora semelhança.

"Contêm estes dois **Almanaques** um quadro completo do estado da capital do Brasil-colônia nos fins do seculo XVIII", — escreve o dr. Rodolfo Garcia em mais uma eruditissima **Explicação** inicial, — "no que diz respeito á administração civil, militar, ecclesiastica, judiciaria e economica, com os nomes dos componentes do governo, dos corpos de tropa e de ordenanças, dos variados tribunaes, Casa da Moeda, Senado da Camara, Intendencia do Ouro, Intendencia da Policia, Aulas regias, conventos de religiosos e religiosas, igrejas e freguesias da cidade, professos das Ordens militares, medicos, advogados, negociantes, lojas de atacado e de varejo, officinas, embarcações entradas no porto, portuguezas e estrangeiras, mantimentos, escravos importados, censo dos casamentos, baptizados e mortes em cada freguesia, doentes entrados nos hospitaes, expostos recebidos pela Santa Casa de Misericordia, contratos da Pesca da Baleia e do Sal, dinheiro remetido pelos homens de negocio da Cidade para as de Lisboa e do Porto, etc."

Respigando dados agora pela primeira vez apresentados nesses **Almanaques**, e accrescentando-lhes outros, de varias procedencias, mostra o dr. Rodolfo Garcia, nas 37 paginas da referida **Explicação**, como é valiosa a contribuição á historia do Rio de Janeiro pelos mesmos fornecida. Notas sobre militares illustres, como o avô do Duque de Caxias, o general Curado (Conde de São João das Duas Barras), o celebre Vidigal e outros, sobre representantes das familias Paes Leme, Carneiro Leão e Pereira de Faro, concluidas por interessantes esclarecimentos relativos aos nomes das antigas ruas do Rio de Janeiro — completam essa magnifica Introdução pelo illustre director da Bibliotheca Nacional escripta especialmente para o volume LIX dos respectivos **Annaes**. — H. V.



LETRAS PORTUGUESAS

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA — CASIMIRO DE ABREU
EM PORTUGAL (Separata do Archivo do Departamento de Cultura —
São Paulo).

O centenário de Casimiro de Abreu, passado em 1939, teve este anno, a festejá-lo, uma admirável edição critica — feita por Sousa da Silveira, cujo nome, em obra dessa natureza, é attestado de perfeição — e este estudo sobre a sua estada em Portugal, devido ao Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, Director do Archivo Historico Militar de Lisboa, que tem, segundo consta, em preparo, trabalho semelhante sobre Gonçalves Dias.

Não espanta que um portuguez se haja associado tão efficientemente ás commemorações do poeta brasileiro, levando-se em conta que o autor de *Primaveras*, o moço que se sentiu tão infeliz, tão duramente exilado em Portugal, teve, por um estranho destino, a sua vida litteraria muito presa a Portugal. Nada menos de sete edições lá se succederam no seculo passado, datadas de 1864, 1866, 1867, 1871, 1875, 1883 e 1894. As primeiras, como se verifica pela proximidade das publicações, esgotaram-se rapidamente, sendo mais lento o rythmo das feitas nos ultimos vinte e cinco annos, quando outras escolas, novos modos de cantar a dor eterna e a eterna alegria de viver, substituindo os suspiros de Casimiro e seus companheiros, puseram um pouco de lado aquelle poeta pallido que levou o romantismo ao ponto de morrer tísico aos vinte e dois annos incompletos. Mas nem assim deixou o doce fluminense de ser publicado na terra onde tanto soffreu; este seculo já teve três edições suas, em 1909, 1923 e 1925.

Terá sido então popularissimo em Portugal o nosso Casimiro? E' essa a primeira impressão, mas um documento, revelado pelo arguto pesquisador que é o autor da presente monographia, vem pôr a questão nos verdadeiros termos. Certamente há de ter sido lido e apreziado Casimiro de Abreu em Portugal, não tanto, porém, quanto parece; teve, na verdade, dez edições, mas a maioria se esgotou no Brasil.

Aos dezeseite annos, em 1856, Casimiro de Abreu assignou um contrato com o editor portuguez Antonio José Fernandes Lopes, contrato esse que sua mãe, D. Luísa Joaquina das Neves, quis, depois de morto o poeta, annullar, sem nada conseguir.

O documento é uma obra-prima no seu genero, obra-prima de malícia, de finura, por parte do negociante, de candura, de incrível ingenuidade por parte do poeta.

Pena é que Casimiro de Abreu o não tivesse communicado ao pae, porque assim se livraria, sem a menor duvida, da coerção em que este o mantinha para torná-lo commerciante. O pobre homem veria que o filho era irremediavelmente poeta, no peor como no melhor sentido da palavra.

Imagine-se um poeta desconhecido indo procurar um editor, e offerecendo-lhe da seguinte maneira a propriedade inteira de seu primeiro livro:

publicá-lo-ia á propria custa, para presentear amigos; passados dois annos o editor poderia (está escripto "poderia" e não "deveria") tirar quantas edições quisesse, com a unica obrigação de dar ao autor de cada vez cem exemplares brochados.

Foi o que fez Casimiro com as **Primaveras**; especificou ainda no mesmo documento haver vendido ao editor Lopes — e recebido o pagamento, cuja importancia não declarou — os direitos da peça **Camões e o Jau** e das poesias já publicadas em periodicos.

Assim, o editor não comprava nabos em sacco (perdõe o espirito de Casimiro comparação tão prosaica); não lançaria um estreante, mas se, como aconteceu, o livro agradasse, teria comprado um poeta consagrado pelo preço de um estreante...

Mas, para Casimiro, talvez esse pessimo negocio tenha tido um lado bom; editado em Portugal, haverá sido mais lido e amado lá do que se só tivesse sido impresso no Brasil; e, para elle, o essencial era ser lido, era que a sua vida, tão cedo cortada, se prolongasse na emoção que communicou. Assim, foi maior a sua repercussão, e os portuguezes, tão sentimentaes, hão de ter podido melhor apreciar-lhe o lyrismo tão simples, tão claro, tão terno, a um tempo intimo e communicativo.

Aliás, embora sentindo-se desesperado nos quatro annos que passou em Portugal, de 1853 a 1857, dos quatorze aos dezoito annos, pobre menino resoante de poesia e preso a um balcão, embora ansiasse por voltar ao Brasil, não se quicxava da terra que o abrigava, desse "Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras", como disse no prefacio de **Camões e o Jau**.

O entusiasmo com que avistou o Porto, querendo "de pé, sobre a popa do vapor, saudar a cidade invicta", mostra que nem tudo foi soffrer na sua permanencia em Portugal. No Porto, segundo o Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, encontrou Casimiro parentes proximos, que o hospedaram na Casa de Carvalhaes, até hoje propriedade de seus descendentes.

O estudo de Casimiro de Abreu em Portugal é do maior interesse, porque lá é que começou a escrever, lá publicou a sua primeira obra, **Camões e o Jau**, de lá trouxe, iniciadas, as **Primaveras**. O livro tem as datas 1856-1859, abrangendo assim um periodo de quatro annos, passados dois em Portugal, dois no Brasil; entretanto alguns poemas são datados de 1855, o que não significa que a parte escripta em Portugal seja maior do que a do Brasil, os poetas não produzindo com regularidade mechanica; ao contrario, o grande periodo poetico para Casimiro de Abreu parece ter sido 1858, em que, já na sua terra, escreveu a maior parte das poesias de **Primaveras**. Mas de qualquer modo foi em Portugal que se affirmou e se precisou a sua vocação, só tendo, parece, escripto versos uma vez antes de deixar o Brasil.

Por tudo isso, e pela objectividade conscienciosa com que foi feito, o trabalho do Director do Archivo Historico Militar de Lisboa é precioso para a nossa historia literaria.

Uma indicação, que colhi na citada e magistral edição critica de Sousa da Silveira, talvez seja util ao illustre escriptor portuguez; com effeito, diz elle que não pôde precisar o navio que trouxe Casimiro para o Brasil. Ora, no Livro Segundo, um poema, **Palavras no Mar**, traz a indicação "Avon — 1857"; o anno é o da viagem, o titulo a ella se refere, o nome é tradicional de navios ingleses. Não seria esse **Avon** o vapor que conduziu Casimiro de Abreu de volta do exilio?

LUCIA MIGUEL-PEREIRA

LETRAS NORTE-AMERICANAS

ARTHUR HOBSON QUINN
— A HISTORY OF THE
AMERICAN DRAMA. — No-
va York, 1937.

Este livro, já em edição augmentada, leva a effeito minucioso estudo crítico e historico de um dos mais importantes sectores da vida intellectual dos Estados-Unidos. O autor nos mostra o desenvolvimento da literatura theatral americana desde os seus primeiros passos em busca de uma affirmação nacional, na época da Guerra de Seccessão, até 1936. No periodo da grande luta civil o theatro, que começava a se libertar francamente da tutela européa, produziu somente, como era natural, obras de sentido politico, utilitarias e immediatistas, ligadas todas ao grande drama que a historia fazia realmente viver. Pouca coisa sobreviveu dentre o que então se fez. Mais tarde a arte scenica se nacionaliza, no sentido da extensão da sua influencia, e isto com o successo das grandes companhias ambulantes, que vieram substituir vantajosamente as pequenas companhias locaes existentes em cada cidade. O fortalecimento e a expansão da scena nacional deu ensejo a que a literatura theatral se transformasse numa profissão capaz de manter aquellos que com ella se occupassem. O autor considera Bronson Howard (1842-1908), o autor da famosa peça *Saratoga*, como sendo o fundador da profissão de theatrologo nos E.-U. Um capitulo interessante é o que estuda aquillo a que o autor chama "o drama das fronteiras", isto é, a expansão interna da civilização americana. Como accentua muito jus-

tamente o autor, o caracteristico das fronteiras internas é a sua permanente mobilidade. A principio o Kentucky era a terra dos pioneiros. Mais tarde foi ella dilatada para o Arkansas e a zona do Mississipi. Em seguida o Tenessee e finalmente a California, onde os desbravadores do seculo XIX foram detidos pelo Oceano, como os nossos, do seculo XVII, já tinham sido por outro obstaculo intransponivel: os Andes. O theatro das fronteiras apresenta este importantissimo trecho da historia da America e até do mundo, que é a conquista do territorio dos E.-U. e a incorporação, á humanidade, do seu formidavel potencial cultural e economico. Mas já a scena americana abandonava um pouco a sua exclusiva preocupação com as theses politicas e entrava no caminho do universal e do eterno, com o estudo dos sentimentos e das paixões humanas. As paixões e as idéas dos personagens passaram a determinar as situações dramaticas, em vez de serem determinadas por ellas. O realismo inglês teve decisiva influencia na obra de James Herne (1839-1901), o principal representante desta nova escola. A phase que então se segue é a tentativa da pintura da vida americana em conjunto. Naturalmente isto seria impossivel numa só peça theatral, dada a complexidade gigantesca do organismo da grande nação. Mas Augustus Thomas (1857-1934) se aproximou desse objectivo, no desenvolvimento da sua obra completa. Em uma das primeiras peças que escreveu, *Alabama*, combate os resentimentos separatistas deixados pela Guerra de Seccessão, mostrando a in-

justiça dos rancores do Sul, vencido, contra o Norte, vencedor. É curioso como o separatismo americano é historicamente o inverso do brasileiro. Lá a zona agrícola, submetida ao predomínio economico da industria septentrional, contra tal predomínio se rebellou. Aqui a theoria separatista, hoje felizmente extincta, partia exactamente do centro economico e industrial do país. O theatro de Thomas tambem focaliza, pela primeira vez, o problema das relações entre o capital e o trabalho, fazendo-se arauto de ideias renovadores em materia social. Além disto, procurou estudar, tambem, a vida do povo, colhendo materiaes na observação directa de differentes regiões. Entramos agora no seculo XX, e nos themas angustiosos da época actual. Um dos mais importantes, para a vida americana, o problema social, politico e moral da raça negra, foi corajosamente abordado por Edward Sheldon. Este autor (nascido em 1886) escreveu a peça **The Nigger**, levada á scena em 1909, onde, dentro de um entreccho altamente dramatico, são debatidos os principaes aspectos do problema do negro nos Estados-Unidos. Na parte final do seu volumoso trabalho Arthur Hobson Quinn estuda a concorrência do cinema, a libertação do theatro pelo novo significado da sua vida, e pelas novas tarefas que lhe incumbem, ao mesmo tempo que expõe as principaes tendencias do theatro contemporaneo no seu país. Uma das mais fortes dentre ellas é a procura dos ambientes genuina e primitivamente americanos, com a exposição de ambientes afastados das grandes cidades.

O livro que acabamos de resumir nesta ligeira nota, é de grande importancia para a comprehensão de phases da evolução social dos Estados-Unidos, que transcendem de muito o seu objectivo puramente literario. É sob este aspecto bem superior ao trabalho equivalente que temos, a **Historia do Theatro Brasileiro**, de Lafayette Silva, editado pelo Ministerio da Educação. O escriptor patricio fez uma historia do theatro por fora, uma chronica me-

ritoria (embora com alguns pequenos enganões) da vida das nossas casas de espectaculos, das companhias nacionaes e estrangeiras que nellas actuaram e dos componentes de taes companhias. O escriptor americano, ao invés disto, nos dá uma historia interna do theatro da sua patria. Uma historia das ideias, das crises, dos movimentos nacionaes através das suas repercussões em scena aberta. O que a nós se afigura muito mais importante. — **AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO**.

JOANNA C. COLCORD —
SONGS OF AMERICAN SAILORMEN. — Desenhos de Gordon Grant. — Ed. W. W. Norton & Co. — Nova York.

A sra. Joanna C. Colcord, filha de maritimos, tendo convivido muito com marinheiros de seu país, conseguiu reunir nesta admiravel edição uma grande quantidade de canções de trabalho e canções lyricas tradicionaes. Embora os cantos de trabalho maritimo sejam mais ou menos universalmente usados, é sabido que elles se desenvolveram extraordinariamente entre os marinheiros ingleses, e é dos costumes destes que a marinha commercial norte-americana tirou a mania de cantar e criou os seus cantos originaes. Nem todos são originaes, não há duvida, e muitos traem a inspiração da mãe patria; mas é certo que o folclore musical marinho dos norte-americanos é muito mais rico que o de muitas nações europeas. A folclorista não deixa de salientár essa curiosidade, enumerando países da Europa, como a Alemanha e a França, que não podem soffrer concorrência com o numero e a originalidade das **shanties** norte-americanas. Infelizmente a sra. Joanna C. Colcord não quis abrir excepção para o folclore lusitano, que talvez possa concorrer com o inglês, quanto a canções de trabalho maritimo. O marujo português tambem foi eterno cantador em seus trabalhos de mar, e nos antigos vilhancicos, bem como em danças drá-

maticas tradicionais como as Chegadas de Marujos e de Mouras, até hoje se preservam muitas dessas canções.

Mesmo por estas razões, aliás, o livro da sra. Colcord nos é especialmente útil, aos brasileiros e portugueses, como elemento comparativo, sobretudo quanto ás formulas rythmicas e melódicas. Nos textos percebe-se que a criação ideativa tanto de ingleses como de norte-americanos differe fundamentalmente da dos lusitanos, e os temas principaes nossos, taes como o do navio errante (Nau Catharineta) e o da mulher ausente, não encontram eco entre os textos do *shantyman*.

O livro está organizado excellentemente em suas divisões, e a folclorista vae commentando uma por uma as canções que recolheu e agrupando-as de maneira comparativa, em suas variantes, transformações, influencias e occasiões de serem utilizadas. Conseguiu assim formar uma obra que, sem perder nada de seu valor scientifico, se tornou de leitura summamente agradável e de facil consulta. A edição é excellente, de uma claridade exemplar de gravação musical. — **MARIO DE ANDRADE.**

J. W. JOHNSON E J. ROSAMOND JOHNSON — **THE BOOKS OF AMERICAN NEGRO SPIRITUALS.** — Ed. The Viking Press. — Nova York, 1940.

Trata-se de uma nova edição num só volume da celebre anthologia de espirituas organizada pelo poeta negro James Weldon Johnson, com as harmonizações das peças feitas por Rosamond Johnson. Talvez não haja collecção mais perfeita que esta sob o ponto de vista da belleza artistica, dessa prodigiosa criação do negro norte-americano que é o *spiritual*. São ao todo cento e vinte as peças expostas, e entre ellas encontramos naturalmente as que já agora gozam de celebridade universal e são familiares a quantos se interessam pelo canto popular. Ahi encontramos **Go down**

Moses, Deep River, Roll Jordan roll, Swing low sweet Chariot, It's Me, O Lord, Nobody knows the trouble I see. Desta ultima os autores dão mesmo duas versões, a mais antiga e já hoje rara e a versão popular dos nossos dias. E me fica ainda o desejo de citar pelo menos mais umas vinte destas esplendidas canções religiosas.

No prefacio ao primeiro volume (agora primeira parte) James Weldon Johnson sustenta a doutrina de serem os espirituas uma criação totalmente dos negros norte-americanos, sem a menor influencia branca quer nos textos poeticos, quer nas melodias. A mim não me parece acertada uma afirmativa tão violenta e decisiva. Em qualquer caso, inspirado apenas no canto puritano ou tirando do canto religioso dos brancos elementos technicos que iria assimilar e transformar, tornando irreconhecivel a fonte primeira, o negro é sem duvida o autor legitimo do *spiritual*, o que lhe deu a sua extrema originalidade poetica, tantas vezes de um lyrismo magnifico, e o seu profundo caracter musical inconfundivel. Já o mesmo não se poderá dizer do *jazz*, está claro, que é a mais prodiziosa mescla de raças e influencias diversas, e no qual, se a participação do negro é incontestavel e porventura originaria, ella vive contrafeita e até mesmo ás vezes deturpada por falsos negrismos.

O *spiritual*, não: é de legitima criação negra e conseguiu se manter em sua pureza de criação. Rosamond Johnson foi muito habil nas suas harmonizações, que são simples e bem caracterizadoras, ajuntando-se ás melodias sem lhes deturpar a pureza folclorica. Quanto á edição da Viking Press, só se pode dizer que é perfeita. — **MARIO DE ANDRADE.**

ISABEL DE PALENCIA — **I MUST HAVE LIBERTY.** — Longmans, Green and Co. — New York — Toronto, 1940.

Escolhendo para a sua autobiographia um titulo differente dos usuaes — memorias, recordações ou outros

Igualmente anódinos — a senhora Isabel de Palencia marcou desde logo o sentido da sua fecunda existencia de mulher e de espanhola. A sua vida foi, e é, agora que, exilada no Mexico, continua, como escriptora, a trabalhar pela sua tragica patria, um longo appello á liberdade. Não á supposta liberdade que melhor se poderia chamar libertinagem, á fuga dos deveres, á avidez do gozo, mas á nobre liberdade de pugnar por seus direitos, de transcender o proprio eu no ardor de defender uma causa justa, que conduz ao altruismo e não ao egoismo.

O mesmo impulso que a levou, menina, em Malaga, a escolher um cabritinho preto em vez do alvo cordeiro que, segundo uma velha tradição espanhola, era dado a cada criança pela Paschoa — o impulso de fugir á rotina, de affirmar a sua liberdade de julgar e escolher — foi o que a fez, moça de familia aristocratica, querer trabalhar, tentar valer por si mesma, pelo seu esforço arrostando a reprovação do seu meio, o que a levou, mais tarde, a lutar pelo voto feminino, e a' fez, afinal, tomar parte activa no estabelecimento do regime republicano, servi-lo como delegada junto á Liga das Nações, como embaixatriz na Suecia.

A cada nova liberdade conquistada, a cada preconceito derribado correspondiam novos deveres, mais pesadas obrigações, bem o sabia a mulher que, em hora grave da sua vida conjugal, não hesitou em sacrificar-se pelos filhos; bem o sabia, e corajosamente aceitou todos os pesados encargos que a vida lhe foi trazendo, certa de que a liberdade de ser sincera comsigo mesma, leal com os outros, util á sociedade, é a unica que dignifica.

Narrando com rara franqueza e vivacidade tudo o que lhe aconteceu, mocinha em Malaga, no pittoresco ambiente de provincia espanhola, jovem artista em Madrid, sonhando com o theatro, depois jornalista, esposa e mãe feliz, convivendo com a melhor gente da Espanha, ella vae, do meio para o fim do livro, deixando em se-

gundo plano a sua vida particular, submergida pelos acontecimentos em que foi sendo envolvida.

Os desastres militares em Marrocos, a agonia da monarchia, o entusiasmo dos primeiros tempos da republica, e depois as lutas, a rebellião, a guerra entre irmãos logo transformada em guerra estrangeira, o martyrio da Espanha, a indiferença do mundo, voluntariamente ignorante de que essa tragedia era o preludio de outra ainda mais terrivel, tudo isso vae passando deante do leitor, evocado em largos traços por uma mulher que não cessou de lutar, de crer, de esperar, que toda se deu ao seu país, á sua incontestavel Espanha.

Sem declamação, mas apaixonado, vibrante, o seu livro é indispensavel a quem quiser penetrar na varia e profunda alma espanhola. E é, acima de tudo, um authentico documento humano. — **LUCIA MIGUEL-PEREIRA.**

CONCERNING LATIN AMERICA CULTURE — Papers read at Byrdcliffe, Woodstock, New York, by Charles C. Griffin, New York, 1940. — Columbia University Press.

Reunião de conferencias sobre problemas de cultura latino-americana, este volume é mais um attestado apreciavel do interesse que os Estados-Unidos vêm dedicando aos países irmãos do continente. A palavra cultura, segundo observa em prefacio o professor James T. Shotwell, deve ser entendida aqui nas diferentes e numerosas accepções que assume hoje. Essa indiscriminação, que certamente não seria o ideal em outras circunstancias, mas que não se pode evitar em obra necessariamente eclectica, previne o leitor contra qualquer interpretação demasiado estreita. Em Byrdcliffe, lugar de nobres tradições espirituales e que foi escolhido para sede das conferencias, podia-se esperar que as coisas da intelligencia, da imaginação e da arte merecessem attenção particular.

Entre os estudos incluídos no volume encontram-se varios effectivamente dedicados a problemas artisticos, um dos quaes particularmente lisonjeiro para o Brasil, o do sr. Robert C. Smith, da Bibliotheca do Congresso de Washington, a respeito da **Arte Brasileira**. Nelle se estudam, em synthese breve mas comprehensiva e intelligente, os varios aspectos da evolução artistica do Brasil desde os jesuitas e hollandeses até Candido Portinari, que o autor considera "um dos maiores artistas vivos". Synthese que pode instruir em muitos pontos até os brasileiros, embora um leitor minucioso, em contacto assiduo e directo com nossos valores culturaes, possa achar estranháveis certas suggestões, como a de que Portinari teria soffrido possivelmente uma influencia do romancista Jorge Amado, só porque entre os motivos do artista não faltam bahianas carnavalescas.

No estudo sobre a **Musica Latino-Americana**, que occupa trinta paginas do livro, a contribuição brasileira merece especial relevo. Seu autor, que é o sr. William Berrien, diz, entre outras coisas, o seguinte: "No seculo passado o Brasil deu á America do Sul seu maior compositor na pessoa de Carlos Gomes e hoje apresenta indiscutivelmente o maior dos compositores sul-americanos, Heitor Villa-Lobos."

Cabe pôr ainda em relevo a collaboração de Gilberto Freyre: um excellento estudo acerca de **Alguns aspectos do desenvolvimento social da America Portuguesa**. Para os que já conheçam os livros do sociologo pernambucano esse trabalho nada offerece de muito novo além do que já tem sido dito largamente nas suas obras em português. Para o leitor norte-americano será todavia mais um estimulante á melhor comprehensão de nosso passado cultural e social.

Essas referencias são o bastante para indicar a que ponto os assumptos brasileiros occupam hoje a attenção dos sociologós, dos historiadores e dos letrados nos Estados-Unidos. Há nisso um indicio da evolução significativa

que se opera actualmente na intelligencia norte-americana para a apreciação da posição singular que occupa o Brasil entre os países ibero-americanos. Essa evolução é assignalada por um dos collaboradores deste livro, o sr. Ben Cherrington, que na qualidade de chefe da Divisão de Relações Culturaes do Departamento de Estado em Washington tem trabalhado efficientemente para estender tambem ás coisas de cultura a politica da boa vizinhança. "O Brasil — observa elle — constitue geographicamente metade do territorio da America do Sul e com seus quarenta milhões de habitantes é uma das nações de maior vitalidade no Novo Mundo. Sua lingua, o português, é parte e parcella de sua herança cultural. Já é tempo de se reconhecer nos Estados-Unidos a importancia da lingua portuguesa, rica em literatura, energica, expressiva e maleavel, constituindo além disso o instrumento de pensamento de um povo notavel."

Em uma breve nota não há lugar para o exame pormenorizado dos varios trabalhos que compõem este livro. E' impossivel porém deixar de mencionar o estudo intitulado **The Crossways of America**, obra de Richard F. Patee, a quem devemos outros trabalhos de particular interesse sobre o Brasil e outros países latino-americanos; duas bellas conferencias do sr. Fernando de los Rios sobre a Espanha e sua accção colonizadora, e o ensaio do sr. Charles G. Griffin a respeito da significação da cultura indigena na America hispanica. — **SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.**

THOMAS A. BAILEY —
**A DIPLOMATIC HISTORY OF
THE AMERICAN PEOPLE.** —
T. S. Groffsand Co. — New
York, 1940.

Uma historia diplomatica do povo americano, desde os seus albores na época colonial, quando, sentindo as repercussões dos conflictos europeus, já os americanos defendiam a politica da não-intervenção, da liberdade de

navegação e de commercio, até o momento actual, em que esses mesmos problemas se apresentam, infinitamente mais complexos, — é afinal a propria historia da evolução e do surpreendente apogeu da nação americana.

Passando rapidamente pelo periodo colonial, o illustre professor da Universidade de Stanford começa o seu estudo com as negociações diplomaticas entre os revolucionarios americanos e as potencias europeas, cujas sympathias queriam obter contra a Inglaterra. Os bisonhos diplomatas americanos, pouco afeitos aos usos das Côrtes — e de quem Frederico, o Grande recommendava aos seus ministros que se livrassem com muitos rapapés — já iam então, como Wilson em 1919, defender a liberdade e a democracia.

Há sem duvida uma singular unida-de de orientação na historia dos Estados-Unidos e talvez seja esse o segredo do prestigio que tão cedo adquiriram entre as nações. No principio do seculo XIX, em 1803, Robert Livingston que, com James Monroe, negociou a compra da Luisiania, podia affirmar que sua patria, com menos de trinta annos de vida independente, havia tomado lugar entre as potencias do mundo. Pouco depois estava Monroe em condições de formular a sua famosa doutrina que, segundo o autor, não foi mais do que a consolidação das idéas em voga desde Washington.

Acerca da doutrina de Monroe, qualificada de "indecente" por Metternich, toda uma vasta literatura tem sido construida, e é innegavel a fidelidade quasi invariavel que lhe vem mantendo a politica internacional americana.

Muitas são as referencias feitas no livro a assumptos e a homens do Brasil, e sempre com grande acerto.

Seria opportuna, entretanto, uma pequena rectificação, não ao texto, mas ao indice da obra do eminente professor Thomas A. Bailey. Trata-se do seguinte: na enumeração das referencias ao Brasil (pag. 175, nota) diz-se que a Republica do Brasil foi reconhecida pelos Estados-Unidos em 26 de maio de 1824. Essa é a data do reconhecimento do Imperio.

Pequeno equívoco sem maior importancia num livro que abrange tão largo periodo e que se apoia na mais rica documentação, não só dos archivos officiaes como de noticias de jornaes, cartas particulares, diarios intimos, discursos, caricaturas, etc.

O livro do professor Bailey não é apenas o relatorio secco da historia diplomatica norte-americana: é obra viva, em que se sente a pulsação do espirito do povo, as reacções da opinião publica influindo algumas vezes decisivamente na orientação da politica exterior americana, num dos aspectos mais caracteristicos da grande terra de Washington. — O. T. de S.



THEATRO

O THEATRO DE LUÍS XIV

A enorme diferença de sentimento artistico do publico de hoje para e de Luís XIV nos inclina a pensar naquellas idéas de Taine sobre as condições sociaes de toda arte. Porque nenhum esforço parece hoje possivel para restaurar o antigo prestigio do artista adulado pelas classes dirigentes que na arte, fosse esta a pintura, o theatro ou a dança, viam sempre um motivo de encanto para a vida.

Causas psychologicas muito graves hão de ter produzido esse rompimento social entre o artista e os poderosos. As olygarchias industriaes com os seus interesses brutalmente mercantis, a sua educação inferior, o seu poder instavel, formaram um contraste dos mais estranhos com as velhas aristocracias despreoccupadas de baixo mercantilismo, tradicionalmente seguras de suas posições, nobremente ociosas nos seus gostos de espirito. Para uma sociedade assim, a arte devia ser mesmo uma necessidade emocional indispensavel, com uma função semelhante á que têm, num plano menos intellectual, o futebol e o radio para o seculo XX mechanizado...

Nada mais edificante do que o famoso privilegio das artes de theatro nos dias do "grande seculo", quando os representantes do respeito e da grandeza social não se envergonhavam de apparecer ao publico no papel de comediante ou dançarino. A classe de artistas, a theatral, que para um burguês moderno, compenetrado de superioridade sobre o proximo, acha-se mais arriscada ao seu desprezo e á sua concepção do ridiculo, chegou a ser uma attracção professional de principes e de reis. Quem acreditaria, se não fosse um facta da historia, que na cõrte dos reis de França a comedia e o bailado passavam por uma occupação nobre, interdicta a quem não fosse nobre! Esse escandalo da historia é que desejo evocar numa ligeira chronica sobre o theatro de cõrte na época de Luís XIV.

Sabe-se que Maria de Medicis, mesmo durante o seu luto de viuva, não podia viver sem um espectáculo de comédia ou de bailado. O theatro aliás era inseparavel da dança. Uma mesma peça continha, além de recitativo e canto, um numero cada vez maior de "entradas dançantes". Mas a tendencia foi logo para o elemento dançante absorver a parte musical e dramatica. Actores e musicos tinham que ser dançarinos. Esse o motivo por que os principaes actores da cõrte eram educados desde a infancia na technica do bailado. Henrique II e Francisco II foram alumnos do dançarino italiano Bracesco. Carlos IX estudou dança com outro italiano, Diobone. Henrique III aprendeu com Francesco Giera, que durante a vida toda foi mestre da cõrte de França. Com Henrique IV teve fim o reinado pedagogico dos italianos, sendo a educação do delphim confiada então ao primeiro violinista Boileau, futuro mestre de dança de Luís XIII e da companhia de guarda.

Todos os domingos Maria de Medicis organizava representações para um circulo de convidados intimos. O primeiro bailado com acção ordenada que se conhece, o **Ballet Comique de la Reine**, deve-se á iniciativa da rainha, que assim quis commemorar o casamento da irmã. A grande animação

dessas festas theatraes era o sentido de satira politica ou social que inspirava o thema de muitas das peças. Assim o **Bailado da Velha Côrte** era interpretado como uma tentativa de ridicularizar Margarida de França em seus dias de velhice. Luís XIII mascarado de velha fazia o papel de dama de honra da grotesca rainha. O theatro propagava-se como órgão de humorismo e dos rancores da côrte.

Luís XIII aprendeu dança desde menino; o seu brinquedo predilecto era montar um theatro em miniatura, dirigido por Francini. Há um verso de Malherbe muito significativo contendo os primeiros cumprimentos officiaes recebidos pelo futuro rei:

**Voici de ton État la plus grande merveille,
Ce fils où ta vertu reluit si vivement!
Approche-toi, mon Prince, et vois le mouvement
Qu'en ce jeune dauphin la musique réveille!**

A infancia de Luís XIII foi quasi a infancia de um dançarino profissional. Mais tarde, quando tinha que dançar **As Bacchantes**, o jovem rei ficava prompto desde cinco horas da tarde, e só á meia-noite é que entrava em scena. A's seis horas da manhã, ia directamente para o Conselho. Essa paixão pelo theatro não se mostrava menos forte entre os membros da côrte. Contam que o Duque de Nemours, atacado da gota e não se sentindo com coragem para abandonar o palco, inventou mais de um papel de pouco movimento que lhe permittisse apparecer em scena mesmo doente.

O publico que frequentava esses espectaculos não era menos entusiasta. Tudo concorria para excitar-lhe o interesse. Distribuiam-se na sala os versos e os libretos das peças. Os personagens tinham a vaidade de apparecer com as suas fantasias no meio da assistencia, o que levava os mestres de dança a protestar inutilmente contra o mau costume desses cavalheiros que tiravam o effeito da surpresa "somente para se mostrarem a algumas damas do seu conhecimento".

O talento para a dança era considerado naquella côrte, onde o galanteio formava uma liturgia, a mais preciosa das "graças d'amor". Em Luís XIV era essa uma das suas melhores qualidades pessoais, segundo confessa Saint-Simon, que ainda lhe gaba a formosura das pernas. O soberano que interpretou o bailado do **Rei-Sol** não se limitou a ser apenas o admirador de Molière. Foi tambem um actor e dançarino militante. Nem mesmo ficou nos papeis solennes durante os longos dezoito annos de sua carreira theatral. Nas **Festas de Baccho**, diz a chronica que a faccirice burlesca de Luís XIV exhibiu-se com tanto talento que a côrte preferiu supprimir essa passagem no libreto publicado depois.. O rei era incansavel. Durante a mesma noite virava actor ambulante e dançava o mesmo papel em diversas salas do palacio. Terminava no Hôtel-de-Ville, onde lhe serviam a refeição da manhã.

Mas no meio de toda essa atmosphera alegre insinuava-se a astucia politica da côrte, pois os versos que acompanhavam as danças nunca perdiam occasião de fazer um cumprimento disfarçado em verso onde transparecia toda a adulação pelo poder pessoal. A proposito do egypcio que tirava a sorte, um verso commentava:

**Qu'il vous promette un bonheur assidu,
Vous deviendrez riche comme un perdu,
Car il s'entend à la bonne aventure.
Mais qu'à quelqu'un, par un funeste caprice,
Il dise qu'il doit être pendu,
Il le sera!**

R. NAVARRA



ARTE PLASTICAS

MISSÃO ARTISTICA FRANCESA DE 1816

Do ponto de vista da cultura brasileira, a Exposição retrospectiva da Missão Artística de 1816 foi a mais inteligente iniciativa com que poderia honrar-se a direcção do Museu Nacional de Bellas-Artes para despedir-se desse anno de 1940 tão rico de grandes acontecimentos para a nossa vida artistica.

A iniciativa chegou no momento mais opportuno e com um duplo sentido historico e artistico. Veio justamente quando se acabava de publicar a traducção portuguesa da obra de Debret e tambem o estudo do sr. Gilberto Freyre sobre alguns aspectos da influencia francesa na historia social brasileira; completando assim com uma documentação magnifica esse movimento de curiosidade e sympathy pela contribuição da França á formação da nossa cultura nacional. E aproveitando a suggestão do assumpto, gostaríamos de fazer um voto para que o autor de **Um engenheiro francês no Brasil**, familiar como nenhum outro com a technica desse genero de estudos, levasse para o campo da historia da arte o seu interesse pelas reacções da cultura francesa no Brasil. Seria uma occasião para fazer valer as suas qualidades de historiador-sociologo juntamente com o admiravel genio critico que possui.

A historia da educação artistica no Brasil principia sob o signo de dois principes: o flamengo Mauricio de Nassau e o lusitano d. João de Bragança. Ambos, ao chegarem ao Brasil, manifestaram mais uma vez o velho pendor dos governantes de formação aristocratica para "a protecção das letras e das artes". Devemos a esses dois principes os primeiros entendimentos officiaes, cujo alcance difficilmente seria disputado pelos posteriores, com o fim de desenvolver uma cultura artistica brasileira. Sobretudo d. João nos deixou um exemplo que ainda hoje muito lucrariamos se tivéssemos bastante coragem de imitá-lo em outros sectores — imitar a decisão e o desprendimento do Principe que teve na vida esse grande gesto de espirito para neutralizar uma boa parte da má fama de caracter que lhe attribuiram — ao contratar uma completa Missão Artística estrangeira para instruir os brasileiros no gosto e na technica das bellas-artes. Desgraçadamente o interesse official pelas coisas de cultura e de arte no Brasil só muito recentemente tem começado a reagir contra o sinistro periodo de quasi meio seculo medieval de desperdicio das energias brasileiras na actividade negativa das preocupações politicas, na disputa pelo supremo poder, questão nem sequer formulavel dentro das tradições de continuidade que nos transmittira a monarchia de d. João VI.

Aliás, é no historico da Missão Artística Francesa, cuja acção teve de enfrentar não pequenos trabalhos, principalmente com o regresso de d. João VI a Portugal — onde já se entrevê a influencia negativa da politica em todas as iniciativas espiritualmente criadoras. Pelo seu alto valor documen-

tario, vamos transcrever aqui o lucido e opportuno historico, que resume as peripecias da Missão, publicado pelo Museu de Bellas-Artes por occasião da Exposição:

"Para chefiar a Missão foi escolhido o nome de Joaquim Lebreton (1760-1819), o qual conseguiu reunir um grupo selecto de artistas, quasi todos, como elle proprio, descontentes com a situação penosa em sua patria, depois da queda de Napoleão.

Nascido na Bretanha em 7 de abril de 1760, Lebreton dedicou-se desde muito jovem ao estudo das bellas-artes, tornando-se um grande conhecedor nesse assumpto, tendo sido chefe da Secção de Museus, Conservatorio e Bibliothecas do Ministerio do Interior, mais tarde director da Secção de Bellas-Artes desse mesmo Ministerio, incumbido de representar o governo junto á administração do Museu do Louvre. Foi tambem membro e secretario perpetuo do Instituto de França, vindo a fallecer no Rio de Janeiro a 9 de junho de 1819.

A Missão ficou, pois, assim constituída:

Pintor de paisagem: Nicolas Antoine Taunay (1755-1830). **Pintor historico:** Jean Baptiste Debret (1768-1848). **Architecto:** Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850). **Esculptor:** Auguste Marie Taunay (1768-1824). **Gravador:** Charles Simon Pradier (1786-1848). Como secretario da Missão veio Pierre Dillon e como professor de Mechanica François Ovide. Ainda como artifices vieram: François Bonrepos (ajudante de Auguste Taunay), Charles Louis Levasseur e Louis Simphorien Meunié (auxiliares de Grandjean de Montigny). Faziam tambem parte da Missão os mestres de officios: Nicolas Magliori Enout, serralheiro; Jean Baptiste Level, mestre ferreiro e perito em construcção naval; Pilitte, sarrador de pelles e curtidor; Fabre, curtidor; Louis Joseph Roy e seu filho Hippolyte, carpinteiros e fabricantes de carros; e outros de menor importancia. Posteriormente vieram ao Brasil incorporar-se a essa Missão os irmãos Marc e Zepherino Ferrez, o primeiro escultor, o segundo gravador.

Reunidos todos esses elementos, tão criteriosamente escolhidos para organização de uma verdadeira missão artistica, embarcaram os franceses chefiados por Lebreton no pequeno brigue americano Calpe, de três mastros, que partiu do Havre a 22 de janeiro de 1816. Para essa viagem dera o Marquês de Marialva a Lebreton uma ajuda de custo de dez mil francos.

E' interessante salientarmos o facto de não haver Lebreton cuidado apenas de trazer artistas — futuros mestres dos brasileiros — e sim tambem uma collecção de cincoenta e quatro quadros, que pretendia vender ao governo portuguez para inicio da pinacotheca da futura Academia, na qual figuravam telas de Lesueur, Lebrun, Jouvenet, Poussin, Canaletto, Carlo Dolci, Guercino, Maratti, Sebastião Bourdon, etc., bem como copias de alguns dos mais celebres quadros italianos. Lebreton não conseguiu formar a pinacotheca projectada. Essa mais tarde foi organizada e ainda hoje o Museu Nacional de Bellas-Artes possui alguns dos quadros que elle nos trouxe com a sua larga visão de estheta, de homem que de há muito trabalhava nos mais reputados meios artistico-culturaes, como o Instituto de França e o Museu do Louvre.

Chegou a Missão Artistica Francesa ao Rio a 25 de março de 1816, depois de longa viagem. Dias após foram os artistas apresentados pelo Conde da Barca a D. João VI, que lhes deu amistososo acolhimento e determinou logo providencias para que fosse organizado o ensino artistico no Brasil.

Por decreto de 12 de agosto de 1816 foi pois criada uma **Escola Real de Sciencias, Arte e Officios**, de cujo corpo docente faziam parte os artistas



franceses, contratados pelo prazo de seis annos, cabendo sua direcção ao chefe da Missão, Joaquim Lebreton.

O projecto do futuro palacio da Imperial Academia de Bellas-Artes foi immediatamente encommendado ao architecto Montigny, que apresentou o plano ao Rei, e, tendo este agradado plenamente, foi logo iniciada a construção sob a orientação do ministro da Fazenda, o Barão de São Lourenço.

Para ornamentação da cidade por occasião das festas da aclamação de D. João VI como rei de Portugal, Brasil e Algarves, em fevereiro de 1818, tiveram os artistas franceses oportunidade de demonstrar suas aptidões, executando grande numero de trabalhos.

Mas com a morte do Conde da Barca, occorrida no anno anterior, perde a Missão Francesa o seu grande protector, o homem que planejara organizar o ensino das bellas-artes no Brasil. Isto vem retardar e perturbar todo o plano traçado.

Lebreton porém age, procurando interessar as autoridades pela Academia, o que não consegue. Desanimado recolhe-se á sua casa no Flamengo, sob o pretexto da execução de uma obra literaria. Ahí, pouco depois, a 9 de junho de 1819, veio a fallecer, sem conseguir realizar nenhum dos projectos que o trouxeram ao Brasil: organizar o ensino das bellas-artes e formar uma pinacotheca.

Assim, a Academia criada, mas que realmente ainda não existia, estava sem direcção. Não se tomava nenhuma providencia com relação á sua organização, pois o país atravessava então difficil situação politica. Mas, por interferencia de Francisco Bento Maria Targini, Barão e mais tarde Visconde de São Lourenço, substituto do Conde da Barca, foi lavrado a 12 de outubro de 1820 novo decreto estabelecendo uma **Real Academia de Desenho, Pintura, Esculptura e Architectura Civil**. Essa Academia, como a primeira, não chegou a funcionar, e no mesmo anno de 1820, a 23 de novembro, foi publicado outro decreto determinando que com o nome de **Academia das Bellas-Artes** fossem iniciadas as aulas de pintura, desenho, esculptura e gravura, estando annexa a esse decreto a relação dos professores nomeados com seus respectivos vencimentos, por onde se verifica que os cargos de director foram dados a dois portuguezes, Henrique José da Silva (1772-1834) e Padre Luís Raphael Soyé, e que não foram aproveitados os serviços de Charles Levavasseur, Louis Meunié e François Bonrepos (auxiliares de Auguste Taunay e Grandjean de Montigny), e ainda que foram contratados os irmãos Marc e Zepherino Ferrez, respectivamente escultor e gravador, e os já então discipulos de Debret: Simplicio Rodrigues da Silva, João de Christo Moreira e Francisco Pedro do Amaral.

Com a admissão de dois portuguezes para os cargos de maior destaque da Academia recém-criada começaram a se manifestar descontentamentos entre os artistas franceses. Isto influuiu para que Nicolas Antoine Taunay, o artista por todos os titulos indicado para o lugar de director, não pleiteasse renovação da licença que obtivera do Instituto de França e regressasse á sua patria. Como seu substituto na cathedra de pintura de paisagem ficou seu filho e discipulo Félix Emile Taunay (1795-1881), que o acompanhara ao Brasil muito jovem ainda, não sendo por isso incluído na relação dos artistas componentes da Missão.

Tornando-se o país independente e subindo Pedro I ao throno, novas çperanças tiveram os artistas franceses. Solicitou então Debret ao jovem monarcha que lhe fosse concedido um dos **ateliers** da Academia para nelle executar a grande tela em que pretendia representar a scena da Coroação Imperial e instalar o seu curso livre de pintura, sem nenhum onus para o Estado. Depois de muitas lutas, conseguem os artistas franceses instalar seus cursos livres no edificio da Academia.

Em principios de 1824, por interferencia de Debret, o Imperador visita a exposição dos trabalhos da aula desse artista, acompanhado de seu gabinete. Excellentemente impressionadas, resolvem as autoridades installar a Academia de Bellas-Artes.

Tendo o Marquês de Qucluz assumido a direcção da Pasta do Imperio, realiza uma reunião por elle presidida, a que concorrem todos os artistas e professores, sendo nessa occasião lido o regulamento feito por Henrique José da Silva, do qual constava a clausula de obrigatoriedade de permanencia do alumno durante cinco annos na aula de desenho, antes do estudo de qualquer ramo de arte que desejasse seguir, deixando assim na inacção os mestres francezes, mas obrigando-os a permanecer na Academia durante três horas diarias. Somente Grandjean de Montigny podia dar uma lição de duas horas por dia aos alumnos de desenho que se destinavam á architectura. Nessa reunião foram os francezes convidados a apresentar o plano de organização completa da Academia, o que foi feito um mês após, sendo o mesmo mais tarde publicada a expensas de Debret.

As qüestões politicas que se suscitavam no jovem Brasil Independente absorviam toda a attenção do Imperador e seus ministros, mas ainda assim o monarcha, procurando tudo harmonizar, pôde proceder á installação da Academia a 5 de novembro de 1826. Esta inauguração foi realizada com toda a solennidade, com a presença do Imperador e da Imperatriz, sendo que foi esta a ultima vez que a mesma se apresentou em publico, fallecendo logo após. Saudou-os o secretario Padre Luis Raphael Soyé, Zepherino Ferrez gravou uma artistica medalha, commemorativa do acontecimento.

De 1826 a 1829 prosperavam enormemente os cursos livres dos mestres francezes. Deante desse resultado o ministro Barão de São Leopoldo, em desacordo com o regulamento da Escola, ordenou que Manuel de Araujo Porto Alegre (1806-1897) e outros candidatos de valor fossem dispensados da terminação do curso preparatorio de desenho. Logo depois, assumindo José Clemente Pereira a Pasta do Imperio, attendendo á insistente solicitação de Debret feita por intermedio de seu dilecto alumno Porto Alegre, autorizou que fosse organizada annualmente uma exposição de Bellas-Artes.

Em 1829 realizou-se, pois, pela primeira vez, uma exposição official de Bellas-Artes no Brasil, na qual os mestres francezes tiveram oportunidade de demonstrar a efficiencia de seu professorado, apresentando discipulos já com bom aproveitamento nas classes de pintura, escultura e architectura.

O catalogo dessa exposição foi impresso ás expensas de Debret, que teve ainda o cuidado de offertar um exemplar á Bibliotheca Publica (hoje Nacional) ... Essa exposição alcançou um merecido exito, os jornaes referiram-se muito elogiosamente a ella, e segundo Porto Alegre foi visitada por mais de duas mil pessoas. No anno immediato foi rcalizada a segunda exposição official, ainda mais concorrida que a primeira, figurando, além dos expositores do anno anterior, novos alumnos de destaque ...

Apesar da difficilima situação que atravessava o país com as lutas da Guerra Cisplatina, com a impopularidade sempre crescente do nosso primeiro Imperador, em fins de 1830 o governo voltou suas vistas para a Academia, intimando o Parlamento que o director Henrique José da Silva apresentasse um relatório circumstanciado das reclamações feitas pelos professores contra sua direcção. Ficaram pois os mestres francezes esperançosos de uma mudança favoravel quando lhes chega a noçia de que o governo cedera metade do edificio da Academia á Typographia Nacional.

Essa medida vem desanimar mais ainda os artistas francezes, cansados de tantas difficuldades, resolvendo então Debret voltar á sua patria em 1831, levando daqui o material para escrever a sua conhecida obra **Voyage pit-**

toresque et historique au Brésil, importantíssimo livro que tão grande subsídio traz ao estudo da historia e dos costumes de nossa patria e que acaba de ser traduzido para o português por Sergio Milliet.

Depois da partida de Debret, Félix Emile Taunay é nomeado secretario da Academia, em substituição ao Padre Raphael Soyé. Em 30 de dezembro de 1831 foi lavrado um decreto reorganizando os cursos da Academia e mandando que vigorasse o programma elaborado anteriormente pelos mestres franceses. Mas essa medida não toma character pratico, pois estamos no tormentoso periodo das Regencias e as artes são renegadas para plano secundario.

Em 1834 morre Henrique José da Silva, sendo indicado para substitui lo Felix Emile Taunay que é nomeado a 12 de dezembro desse mesmo anno, passando pois só nessa época o ensino das bellas-artes á direcção dos mestres franceses que para esse fim haviam chegado ao Brasil em 1816.

Atravessam então as artes um periodo de aparente amortecimento, mas o novo director, de accordo com Grandjean de Montigny, trabalha, e em breve a sua salutar influencia se faz sentir. Em 1836 consegue a retirada da Typographia Nacional do edificio da Academia, em 1840 propõe ao governo que se tornassem geraes as exposições particulares do estabelecimento, o que consegue, expedindo o conselheiro Manuel Antonio Galvão o aviso de 31 de março desse mesmo anno, determinando que a exposição annual da Academia se tornasse "Exposição de Bellas-Artes" e instituindo a concessão de premiações aos expositores que mais se distinguissem, pertencentes ou não á Academia. Incentivados pelos premios, muitos artistas concorreram ao Salão de 1840, que marca um grande successo e o inicio da fase de verdadeiro florescimento das artes no Brasil, pois nesse anno sobe ao throno D. Pedro II, o imperador erudito e philosopho — que fez um reinado de protecção ás letras, ás sciencias e ás artes.

Em 1845 outra relevante conquista vem influir de maneira decisiva para o progresso das artes: a instituição dos premios de viagem.

Dessa época em deante realizam-se exposições e concursos aos premios de viagem, podendo portanto ser considerado organizado o ensino artistico do Brasil, pela competencia, dedicação e abnegação dos componentes da Missão Artistica Francesa de 1816 e de muitos de seus discipulos brasileiros que já então continuavam dignamente a obra encetada com tanta eficiencia."

Os nomes dos artistas franceses de 1816 cujos trabalhos estiveram incluídos na Exposição historica são os seguintes: Jean Baptiste Debret, Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny, Zepherino Ferrez, Marc Ferrez, Charles Simon Pradier e a dynastia dos Taunay: Nicolas Antoine, Félix Emile, Auguste Marie, Thomas Marie Hippolyte e Adrien Aimé.

Debret foi discipulo de David. Organizou a primeira exposição de arte no Brasil (1829). Chegou a official da Ordem de Christo, no reinado de Pedro I. Quando em 1831 voltou para a França, já podia se orgulhar de dois discipulos brasileiros: Manuel de Araujo Porto Alegre e Simplicio Rodrigues de Sá, que o substituiu como professor de pintura na Imperial Academia.

Os trabalhos de Debret, pelo interesse illustrativo e pittoresco, marcam sem duvida a nota mais significativa da Exposição. Na verdade, trata-se da mais detalhada e fiel documentação que possuímos sobre a physionomia social do Brasil da colonia e do Imperio. Debret observou os nossos "usos e costumes" com olhos de verdadeiro naturalista social: os typos "culturales" da sociedade brasileira não lhe pareceram menos interessantes no seu exotismo poetico do que os typos da fauna e da flora dos tropicos. Foi mesmo uma perfeita flora social que elle se deteve a reproduzir e classifi-



car. Basta ver o cuidado e o methodo que teve em discriminar a materia tão ricamente colorida dos costumes de accordo com um criterio por assim dizer ethnographico e, como dizem lá os technicos, "anthropo-geographico ou ecologico" (desculpem). Associou como que de proposito as variedades sociaes e raciaes, a anatomia pittoresca da sociedade, com as variedades naturaes e physicas dos bichos e das plantas. Deu-nos uma galeria de historia natural juntamente com uma de historia social. Seus desenhos e aquarellas, que andam por cerca de 500, obedecem a um espirito visivel de classificação naturalistica: é a nossa grande collecção de historia natural-social da "cultura brasileira", para falar de novo como os technicos.

Por tudo isso foi que ficamos escandalizados de que a quasi totalidade de tão preciosa collecção estivesse em mãos de particulares. E, o mais exquisito ainda, que tivesse sido ainda a generosidade de um particular, o dr. Raymundo de Castro Maya, que trouxesse para o Brasil e salvasse até da ameaça de dispersão e desaparecimento tão formidavel patrimonio historico e artistico da nação brasileira. E' uma dessas excentricidades nacionaes que nos deixam melancolicamente desanimados...

Não podiamos terminar esta noticia sem falar num dos aspectos a que dcemos ser mais gratos da vinda dos artistas franceses ao Brasil: o interesse de diffusão da cultura artistica européa, com o plano de criação immediata dum museu, ao lado do plano propriamente educacional. E' que o illustre chefe da Missão historica não cuidou somente de contratar um regimento completo de artistas e artifices das artes plasticas, mas trouxe logo uma notavel collecção de pinturas para revender ao governo brasileiro, entre as quaes encontramos algumas obras authenticas da Renascença italiana. Nada menos que uma **Sagrada Familia** de Raphael, **Lot e suas filhas** de Veroneso (?), um **Senador de Veneza** de Tintoretto (?), **A ceia de Emaus** da escola espanhola, um **Christo carregando a cruz** de Franck, um **Christo e a Virgem** de Le Brun, **O Martyrio de S. Bartholomeu** de autor ignorado, quadros de Jouvenet, Albani, Poussin, Snyders, Van Kessel.

R. N.



POLITICA INTERNACIONAL

AS CONDIÇÕES DA PAX BRITANNICA

Nos ultimos dias de dezembro o sr. Hitler pronunçou um discurso numa fabrica de munições de Berlim, no qual procurou estabelecer as razões e finalidades da guerra que sustenta contra as democracias.

Deu como sempre ás suas palavras o tom demagogico de um tribuno revolucionario, attribuindo-se a missão de nivelar economicamente os povos, desfazendo as pretensas injustiças existentes entre os que dispõem de vastos territorios sem possuir grandes populações e os que têm grandes populações forçados a viver em exiguos territorios. No fundo a mesma velha argumentação do **Mein Kampf** que o Fuehrer vem incansavelmente repetindo nas suas arengas, desde que ascendeu ao poder em 1933.

Ao discurso do sr. Hitler deu o primeiro ministro Winston Churchill cabal e prompta resposta, apresentando na Camara dos Communs numa sucinta e maravilhosa exposição as condições da Pax Britannica.

A Inglaterra não se bate para conquistar novos territorios, mas para libertar países independentes que se acham sob o dominio da Alemanha. O seu escopo nessa guerra, sem precedentes é estabelecer um clima de justiça internacional, em que as nações possam conviver na harmonia dos seus direitos e deveres.

Desde que a Polonia foi invadida, os estadistas britannicos, primeiro o sr. Chamberlain e depois o sr. Churchill, annunciaram ao mundo as altas razões da luta que eram forçados a emprehender.

Ellas não se alteraram no curso destes quinze meses de inclemente conflicto, em que o povo britannico tem soffrido os mais crueis ataques, vendo as suas grandes cidades destruidas, as suas fabricas incendiadas, os seus templos, museus e hospitaes arrasados, todo o patrimonio de uma longa civilização ameaçado.

O sr. Churchill dirigiu-se no seu discurso ao povo alemão para dizer-lhe, como já o fizera aliás o seu antecessor hoje morto, que a luta é contra o nazismo e que a Alemanha se assentará na Conferencia de Paz em pé de igualdade com os alliados e não como uma criminosa no banco dos réos, como aconteceu em 1916.

Os ingleses não querem indemnizações nem pretendem impor ao inimigo o desmembramento punitivo dos seus territorios. A experiencia de Versalhes demonstrou que essas indemnizações não se pagam e que as annexações injustas geram novas guerras.

A Pax Britannica empenhará a sua realidade no principio da justiça entre as nações consummada pela razoavel distribuição dos bens da terra, pelo respeito a todas as liberdades, o restabelccimento das soberanias ultrajadas, a criação de uma equitativa participação de todos nos recursos materiaes de que depende o progresso dos povos.

Uma Alemanha prospera, satisfeita nas suas legitimás aspirações, é tão necessaria ao equilibrio economico do universo como o Imperio Britannico, c, quando os vencedores de 1918 pretenderam eliminar o grande país da economia mundial, criando injustas restricções ao desenvolvimento do seu



commercio, logo se viu que o enfraquecimento do Reich attingia por igual os interesses e a economia de todos os continentes.

A Pax Britannica tomou devida conta dos erros de Versalhes e não deseja repeti-los. Outro cuidado de Churchill, quando outra vez as nações europeas se assentarem em uma Tavola Redonda, será o de suscitar todos os possiveis obstaculos ao retorno de uma politica de aggressão. A aviação seria internacionalizada, os armamentos reduzidos ao minimo, todos os meios de fazer a guerra limitados ao extremo.

A dura experiencia destes dias será uma lição memoravel, e a circunstancia de que os mesmos homens, neste quarto de seculo, foram agentes e testemunhas de duas guerras e dos efeitos ruinosos de uma paz oppressiva, será benefica na nova phase que a humanidade vae percorrer. De tudo sairá um mundo expurgado de preconceitos, soberbas e ambições, que o têm levado tão frequentemente a abundantes sacrificios de sangue.

A Pax Britannica fundar-se-á no sentimento igualitario do povo inglês, na sua longa experiencia na direcção dos negocios mundiaes e nesse "fair play" que é a base das relações moraes e politicas no Reino de Sua Magestade.

O DESASTRE ITALIANO

A Italia nunca inspirou especial confiança como potencia militar e naval. Mas o regime fascista conseguiu mobilizar a mocidade e infundir-lhe uma nova mystica de acção e entusiasmo.

Suppôs-se que os methodos do sr. Mussolini logriariam, pelo menos, dar á juventude um impeto guerreiro que ella desconhecera no passado.

A derrota de Guadalajara, a unica que soffreram as tropas nacionalistas espanholas, deveu-se á pouca resistencia da legião fascista. Mas tomou-se aquelle desastre como resultando de circumstancias particulares, que não autorizavam uma conclusão contra o valor do soldado peninsular.

A campanha da Grecia e as successivas derrotas que os ingleses infligiram aos italianos em Sid Barrani, expulsando-os em apenas alguns dias do Deserto Occidental, para além das fronteiras da Lybia, vieram, porém, provar que não houve alteração sensivel na capacidade bellica do grande povo.

Convem, comtudo, não esquecer que os italianos não estavam psychologicamente preparados para essa luta. A alliança com a Alemanha foi sempre impopular e as condições em que se deu a intervenção contra a França reflectiram-se mal no espirito da collectividade, consciente de que não houve heroismo em lançar-se contra a grande vizinha já prostrada pelo seu inimigo do Norte.

O ataque á Grecia repugnou ao cavalheirismo da peninsula. Nada havia no animo dos italianos contra os gregos, excepto as grandes lembranças da civilização commum.

A Grecia mantivera exemplar neutralidade, e nenhuma justificativa honesta foi apresentada para a aggressão. Os soldados atravessaram a fronteira da Hellade sem o entusiasmo que nasce da justiça da causa. Batida em terra e no mar, com as suas forças aereas reduzidas a uma actividade que não corresponde ao seu vulto, vendo os chefes mais prestigiosos, como o marechal Badoglio e o almirante Cavagnari, postos de lado, a Italia caminha para difficuldades ainda maiores, á medida que se accentuam as probabilidades de que se veja forçada a retirar-se da guerra, concluindo uma paz em separado com as nações que provocou e invadiu.

O desastre italiano é cheio de grandes e expressivas lições e mostra, antes de mais nada, que os regimes não modificam os povos, nos seus caracteres fundamentaes.

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

NOTAS E COMMENTARIOS

EPIDEMIA DE CONFERÊNCIAS

Há cerca de trinta annos o Rio conheceu uma phase activa e brilhante de conferencias literarias. Activa porque as conferencias se succediam; brilhante porque os maiores nomes das letras se revesavam na tribuna, que era no antigo Instituto Nacional de Musica ou no auditorium do Jornal do Commercio.

Nada de profundo ou de original se fez, entretanto. Os assumptos eram em geral de grande frivolidade — O Leque foi o thema de um conhecido academico — e as conferencias tinham declaradamente fins amenos, propositos de entreter durante cincoenta minutos pessoas que acceitam a literatura como passatempo, occupação mundana, pretexto para jogos amaveis de palavras, de bellas phrases.

Isso durou dois ou três annos, foi largamente imitado nos suburbios, repercutiu seriamente em certos meios provincianos. Era uma epidemia, um andaço, e passou. Ao menos, como a variola, teve largos periodos de remissão, só continuou esporadicamente, em casos excepçionaes, de rebeldia á vaccina.

O anno de 1940, por effeito da guerra européa e de uma forçada immigração de literatos e professores estrangeiros, foi assignalado por uma nova epidemia de conferencias. Era só abrir os jornaes: cada dia três, quatro, cinco conferencistas, alguns illustres, alguns tendo realmente o que dizer, outros totalmente futeis, importunos, devastadores da paciencia alheia, que falavam, brilhavam, peroravam sobre os assumptos mais diversos.

Foi uma terrivel epidemia a de 1940!

Aos conferencistas estrangeiros juntavam-se os nativos, num desaffio que muito impressionou aos "gran-finos", desde algum tempo tocados da mania literaria, ostentando como roupas e modas "alinhas" conhecimentos de Zweig e Maurois, cheios de ternuras pelos "grandes artistas" que a guerra pôs fora da Europa.

Poucos dias depois do collapso da França, quando havia quem chorasse pelo que lá acontecera, um illustre conferencista francês abor-



dava o pungente, o amargo, o complexo thema — Madame Récamier...

Realmente, quando a França enchia de decepção e dor a tantos amigos seus, quando ninguém atinara ainda com os motivos da derrocada de tão glorioso povo, era necessario estudar a vida heroica e sublime dessa figura corneilliana...

Façamos votos para que o anno de 1941 seja mais pobre de conferencias e conferencistas.

A conferencia é sem duvida um optimo meio de divulgação literaria e tem muitas vezes affinidades com a boa lição dos verdadeiros professores. Quando o conferencista, senhor do assumpto em que se especializou durante longos annos, se propõe a resumi-lo, fixando-lhe os pontos essenciaes, em cincoenta minutos, só merece applausos. A conferencia é, nesse caso, obra intellectual que deve ser olhada com respeito.

Quando, porém, o conferencista é um mero aproveitador do assumpto, em que não se aprofundou e de que se serve para "brilhar" e illudir os incautos, a conferencia é uma especie de moeda falsa, qualquer cousa que pode parecer muito bonita, extasiar o grand-monde, mas não passa de mystificação, charlatanice ou manifestação de incuravel frivolidade.

"PROVINCIA"

Segundo já foi noticiado, deva apparecer em março proximo uma nova revista literaria e cultural — Provincia — sob a direcção dos srs. Gilberto Freyre e Erico Verissimo.

Citar os nomes dos directores é ter sem duvida a certeza antecipada de que Provincia não se alistarã no rol das tão numerosas e ephemeras publicações que surgem e desaparecem orphãs do interesse do pequeno grupo de pessoas que no Brasil não fazem da literatura trampolim de pequenas ambições individuaes, pretexto de autoelogio ou de detractação de desaffectedos e concorrentes ou mero instrumento de insupportaveis vaidades.

O sr. Gilberto Freyre, em entrevistas concedidas a jornaes desta cidade, já disse com clareza e segurança os objectivos da nova revista: valorizar actividades intellectuaes da provincia, dar-lhes um orgão de divulgação e incentivo, sem sombras de rivalidade com outros valores e outras publicações do mesmo genero.

A REVISTA DO BRASIL, em cujo programma, visando sempre aos mais altos propositos de defesa da cultura brasileira e de resguardo da unidade nacional, sempre se incluiu a collaboração dos escriptores de todas as regiões do país, tem a maior satisfação em annunciar o apparecimento da nova revista.

TRADUCÇÕES

Não será exaggerado um novo appello aos nossos editores para que orientem com um pouco mais de zelo desinteressado pelas cousas do espirito e um pouco menos de aferro, á mercancia essa caudalosa litteratura de traducções que ora invade as livrarias e tenta empolgar os leitores de nossa terra.

Ninguém pode ser contra as traducções, que são, em ultima analyse, a melhor prova da universalidade do espirito, a demonstração de que há, a despeito de limites territoriaes, barreiras de raças e opposições de culturas, um patrimonio commum de intelligencia e belleza, accessivel a todos os homens e a todas as épocas. Mas o que neste momento se está fazendo no Brasil, em materia de traducções, é, com raras e honrosas excepções, a mera divulgação de obras estrangeiras de valor mais que secundario, sem nenhum espirito critico, sem nenhum bom-gosto, num afan de rebaixar toda a litteratura ao nivel dos modernos Ponson du Terrail e Georges Ohnet e com a submissão interesseira ás exigencias de um publico que se formou á sombra do peor cinema americano e do seu primarismo sentimental.

E á infeliz escolha dos livros muitas vezes se accrescenta a má escolha dos traductores.

Quando comprehenderão os editores que não são apenas commerciantes ou que o objecto de seu commercio envolve problemas vinculados ao que há de mais importante para a vida intellectual de um povo?

TRABALHOS PARA O PROXIMO NUMERO

Em seu numero de fevereiro proximo a REVISTA DO BRASIL publicará, entre varios outros, os seguintes trabalhos: Nomes das ruas, de Afranio Peixoto; Sardanapalo, de João Alphonsus; Os portuguezes no Brasil, de José Osorio de Oliveira, e A morte de Teresa, de Sergio Soares.

BRUNELLESCHI, A CUPULA DE SANTA MARIA DEI FIORI E O OVO DE COLOMBO

A Igreja de Santa Maria dei Fiori, prompta havia muito, estava ainda, em 1420, com a torre por terminar, porque ninguem sabia como collocar sobre ella uma cupula que a coroasse. Reuniram-se então os mais famosos architectos da época, e cada um apresentou um projecto mais absurdo: construir columnas internas para sustentar a cupula, fazê-la em pedra-pomes para torná-la mais leve, encher a torre de terra para dar-lhe uma base.



Eis quando Brunelleschi, inspirando-se no Parthenon, propôs-se a levantar uma cúpula sem arrimo, e com uma despesa relativamente minima. Espantaram-se os demais, puseram-se a caçoar, trataram-no de louco. Afiml, depois de muitas discussões, quizeram conhecer-lhe o projecto. Mas elle, sabendo quão perigosos eram os seus concorrentes, recusou-se a mostrá-lo e serviu-se de uma parábola para convencer os contraditores. Mandou buscar um ovo e perguntou quem seria capaz de pô-lo de pé. Quanto a elle, promettia fazê-lo com a mesma facilidade com que ergueria a sua cúpula. Depois de todos terem tentado em vão, quebrou simplesmente, de leve, uma extremidade do ovo e, deante da assembléa attonita, collocou-o de pé, declarando que o seu projecto era igualmente simples.

Assim, o celebre ovo de Colombo passa a ser o ovo de Brunelleschi. Das duas descobertas do genovês, só lhe resta hoje uma. E' verdade que a America é mais importante do que um ovo equilibrista...

O POETA, O VIZIR E O BANDIDO

Três estudantes persas, amigos inseparaveis, resolveram certo dia prestar o juramento solenne de nunca se separarem, mais tarde, na vida. O que cada um tivesse, dinheiro, gloria, posição, deveria repartir com os dois outros. Correm os annos, e um dos três se torna vizir, o poderoso vizir Nizam ul Mulk, que serviu com dois shahs. Logo o procurou um dos companheiros, Hasan Ben Sabbah, reclamando-lhe a sua parte. Obteve-a, sob a forma de um alto cargo, mas começando por intrigar contra o protector, caiu logo em desgraça, revoltou-se, tornou-se o chefe de uma horda de bandidos, acabando por assassinar o vizir e amigo de infancia. Há quem faça derivar do seu nome a palavra assassino, existente em quasi todas as linguas modernas.

O terceiro companheiro nada quis, apenas que o abrigasse a sombra do vizir, para viver em paz. Era Omar Khayyam.

Na verdade, todos cumpriram, pelo menos em parte, o juramento. Hasan deu a Nizam a morte, que era o que tinha a dar. E a gloria de Omar Khayyam de algum modo recae sobre os outros e os faz lembrados até hoje.

UM SEGREDO DE LONGEVIDADE

"Há três meses que não leio jornaes, e por isso todos os meus amigos me mettem á bulha — escrevia Gæthe em 1831. — Contento-me em saber da solução dos conflictos, sem me incommodar com o resto. Quando penso na parte que tomei no cerco de Missolonghi, coraria de vergonha se não visse os meus melhores amigos commetterem hoje o mesmo erro."

Gæthe, que assistira á Revolução Francesa, á aventura de Napoleão, a tantas modificações no mundo, sabia que tudo tem um fim, e há uma solução para todos os conflictos. A vibração dos espectadores pouco importa, e pode, depois, parecer até ridícula, inutil como é para a marcha dos acontecimentos. Por isso, encerrando-se na sua serenidade olympica — talvez mais apparente do que real, haja vista os enthusiasmos que o arrebataram — recusava-se a ler os jornaes.

Faria mal? faria bem? Podemos fechar-nos aos soffrimentos do nosso tempo? Devemos resguardar a nossa propria tranquillidade de espirito, quando o seu sacrificio de nada serve aos outros?

Não resta duvida de que a attitudo de Gæthe é uma receita de longevidade, mas é tambem um egoismo que os genios se podem permittir. Pena é que o mundo actual não seja povoado de genios...



PESQUISAS E DOCUMENTOS

O "QUERO JÁ" DE PEDRO II

A authenticidade da resposta "Quero já" dada por Pedro II, quando consultado sobre o projecto de antecipação de sua maioridade, tem sido contestada. O proprio Pedro II, muitos annos depois dos acontecimentos de 1840, negou que a tivesse proferido: duas vezes em sessões do Instituto Historico e duas outras em annotações ao livro de Tito Franco (*Biographia do Conselheiro Furtado*) e á *Historia do Brasil de 1831 a 1840*, de Pereira da Silva, collecção "Teresa Christina".

Sobram, entretanto, razões em apoio da authenticidade da phrase famosa, razões de ordem psychologica e provas documentaes. Cumpre ter em vista que todos os projectos apresentados na Camara ou no Senado alludiam á "maioridade desde já" e que a pergunta feita ao jovem monarcha era assim concebida: "Quer Vossa Majestade ser declarado maior no dia 2 de dezembro, ou já?"

Antonio Carlos, um dos proceres maioristas e membro da deputação incumbida de ir a São Christovão, disse em discurso na Camara que o Regente Araujo Lima perguntara ao Imperador se queria ser aclamado no dia 2 ou já e Sua Majestade respondera: "Quero já." Trata-se de um depoimento do mesmo dia em que se verificou o acontecimento.

Na acta da reunião extraordinaria do Senado, são repetidas quasi as mesmas palavras: a deputação veio saber se S. M. I. queria ser aclamado no dia 2 ou já, ao que S. M. respondeu: "Quero já."

Bernardo de Vasconcellos, antimaiorista, em polo opposto, confirma a versão dos adversarios: "S. M. se dignou declarar que queria tomar já as redeas do governo."

Salles Torres Homem, presente á reunião do Senado, dá o seu testemunho no *Libello do Povo* (3.^a edição, pg. 82): "a commissão volta; a decisão do principe que quer governar desde já é annunciada."

Justiniano José da Rocha, redactor do orgão antimaiorista *O Brasil*, no numero de 28 de julho de 1840, isto é, cinco dias depois dos successos, tambem corrobora a veracidade da phrase renegada: "O Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil disse que — *queria já* — ser declarado maior; seu desejo pôs fim á luta."

O Conego Marinho, deputado em 1840, secretario da Camara e adepto entusiasta da antecipação da maioridade, garante de seu lado a authenticidade do "quero já": "O monarcha, porque lhes havia mallogrado os projectos com o — *quero já* —, que salvou o Brasil duma crise violenta (*Historia do Movimento Politico no anno de 1842*, pag. 43).



São abundantes, como se vê, os depoimentos acerca da historicidade do "quero já" de Pedro II, phrase de um menino de 15 annos trabalhado por políticos ambiciosos e não do Imperador de barbas brancas ou do Imperador na sua maturidade.

Mais um testemunho vamos mencionar agora, inteiramente esquecido, mas de grande valia. Trata-se de um canto de Francisco de Paula Brito, "Ao dia 23 de julho de 1840", publicado em *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*, n. 65, de 1 de dezembro do mesmo anno, e recitado "na presença de S. M. D. Pedro II e de suas augustas irmãs, no Theatro S. Pedro de Alcantara, na noite em que se esperava a organização do novo Ministerio", isto é, na propria noite da revolução maiorista.

Os versos de Paula Brito são abaixo de mediocres e mereceriam continuar totalmente esquecidos se não viessem contribuir para o esclarecimento de uma questão historica.

Vale a pena transcrever somente o essencial:

*Salve, por Ti, Senhor, este aureo dia
De tua Acclamação...*

.....
*Povo! Povo feliz, vinde prostrar-vos
Ante o Anjo da Paz; fostes vós mesmo
Que hoje quisestes no verdor dos annos
Vosso monarcha ver regendo o Imperio.
Ouviu vosso Imperante as razões justas
Por amigos do Throno apresentadas;
Viu com seus proprios olhos o enthusiasmo
De um povo que por Elle não temia.*

.....
EU QUERO JÁ, diz Elle.

.....
*Vós ouvistes, ó Povo enthusiasmado,
Estas do invicto Pedro augustas vozes.*

Na propria presença de Pedro II, no mesmo dia do golpe da Maioridade, Paula Brito alludiu ao "quero já".

E' a melhor prova de que a phrase se divulgara immediatamente, e Paula Brito, mulato cheio de ardores patrioticos, a registrou no seu mo-fino poema, ainda no calor dos acontecimentos, com a maior naturalidade. — O. T. de S.

VARIÉDADES

PROGRAMMA — Em entrevista concedida á imprensa, o escriptor Sergio Buarque de Hollanda, chefe da Secção de Publicações do Instituto Nacional do Livro, fez algumas declarações sobre o plano de actividades editoriaes, que será dentro em breve desenvolvido por aquelle órgão do Ministerio da Educação. No momento, o autor de *Raizes do Brasil* está organizando o programma da Bibliotheca Brasileira, a ser editada — "collecção que se destina a ser uma verdadeira summa de nossa producção intellectual desde os primeiros tempos da nacionalidade. Constará toda ella de volumes uniformes, de pequeno porte e baixo preço, destinando-se a fornecer em conjunto um panorama tão completo quanto possivel de nossa evolução cultural. Seu programma é naturalmente eclectico e envolve desde uma anthologia de lendas indigenas, que constituirá o primeiro volume, até as producções em prosa e verso de autores brasileiros do seculo passado. Provisoriamente elle abrange nada menos de 110 volumes, a serem publicados successivamente, em textos completos e rigorosamente escolhidos. Digo provisoriamente porque em sua elaboração attendeu-se á necessidade de ampliá-lo continuamente, sempre que isso seja possivel e necessario.

"A publicação de autores mais recentes nessa collecção tambem poderá ser feita, caso o Instituto venha a adquirir, eventualmente, os direitos autoraes correspondentes. Mas, o assumpto não foi até aqui objecto de cogitações. Os primeiros volumes dessa serie, que poderão ser vendidos talvez a 2\$, no maximo a 3\$, serão lançados muito breve, achando-se praticamente terminada sua organização. Pareceu-me que o systema de venda dos volumes a preços moderados attende melhor aos objectivos que determinaram a iniciativa do que o da distribuição gratuita, que por maiores esforços que se façam, deixa de atingir muitas vezes os verdadeiros interessados."

Declarou o Sr. Sergio Buarque de Hollanda que estão sendo organizadas outras series de livros igualmente valiosos — a das Obras Completas de Autores Brasileiros, a de Obras Raras, etc. "Na collecção de Obras Completas incluem-se, por exemplo, as de José Bonifacio, o Patriarcha, cujos primeiros volumes já se acham em provas. Devo mencionar igualmente as de José de Alencar, que deverão constar de 30 a 35 volumes. Para o lançamento dessa ultima já entrei em entendimento, em nome do Instituto, com a familia Mario de Alencar, que se prestou generosamente a dar todas as facilidades para que essa publicação venha a ser, sob todos os aspectos, um empreendimento digno de nosso grande romancista. Della constarão nada menos de 5 volumes de materia completa ou parcialmente inedita. Na serie Obras Completas dos Grandes Autores Brasileiros o aparato critico não será abundante, o que se explica pelo vulto das collec-



ções em que figurarão, inclusive as obras menores dos nossos principais autores. Della, porém, serão escolhidos alguns volumes mais importantes, destinados a serem anotados por especialistas idoneos, devendo constituir mais tarde uma serie independente.

"Entre as obras raras serão incluídos em grande parte livros cuja publicação, por diversos motivos, não tem excessivo interesse para editores particulares, não obstante sua alta significação para nossa cultura. Entre as obras cuja publicação já se acha estudada, posso mencionar as *Memórias Historicas de Monsenhor Pizarro*. O trabalho de organização e anotação se acha aos cuidados do erudito e competente historiador Sr. Luiz Camillo de Oliveira Neto. Segundo o plano estabelecido os 9 volumes serão reduzidos sem prejuizo do texto a 5, além de um sexto, de indice analítico."

O critico brasileiro ainda informou de que, "além do *Annuario Bibliographico*, cujo volume correspondente a 1938-39 já se encontra no prelo, a Secção de Publicações organizou e publicará uma serie de bibliographias especializadas como a de Machado de Assis, em 2 tomos (obras do escriptor e sobre o escriptor), a de Tobias Barreto, a de Casimiro de Abreu e a de Gonçalves Dias. Ao lado dessas devo mencionar ainda a *Bibliographia Documental para a Historia do Rio Grande do Sul*, de autoria do historiador Aurelio Porto, em 5 volumes, a *Bibliographia Goetheana sobre o Brasil*, do professor Hoffmann-Harnisch, e a *Bibliographia do Periodo Hollandês no Brasil*, dos Srs. José Honorio Rodrigues e José Antonio Gonsalves de Mello, neto, em dois volumes. Também está em organização a *Anthologia da Poesia da Phase Colonial*, além de terem sido publicados 5 volumes das memorias e documentos sobre Floriano, o catalogo geral da Exposição de Machado de Assis e outras obras."

INTERESSE EM TORNO DO BRASIL — Colhendo material para escrever um livro sobre o Brasil, passou pelo Recife, há pouco tempo, a escriptora norte-americana Anthony Stander, que, ouvida pela imprensa, fez as seguintes declarações:

"Não é esta a primeira vez que venho ao Brasil; já aqui estive em 1937, com o projecto, aparentemente louco, de subir o Araguaya. E tanto o acariciei que acabei por realizá-lo. Em companhia de uma amiga minha seguimos o curso do famoso rio até quasi a ilha de Bananal — a maior ilha fluvial do mundo. Foi uma viagem simplesmente maravilhosa, da qual saí com a impressão de que vólava de um novo mundo, desconhecido e grandioso. Tudo no Araguaya soa superlativamente."

Disse a escriptora que o seu livro será illustrado "por dois grandes artistas das Americas" — Portinari e Santa Rosa, o primeiro "a mais robusta expressão da pintura brasileira", e o segundo "outro pintor de excepcionaes recursos e que bem merece, como aquelle, ser admirado por uma audiencia mais illustrada e mais ampla."

Interrogada sobre as letras brasileiras, que lhe são familiares, declarou:

— "Sou muito camarada dos romancistas do Norte. Devoto grande admiração a José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, e, principalmente, a Rachel de Queiroz. O Brasil palpita no livro dessa gente e hoje não há como desvinculá-los da terra ou mesmo de sua historia. Mas innegavelmente a grande figura do Norte do Brasil é Gilberto Freyre, cujos estudos e pesquisas sobre a formação da familia brasileira, do homem e da casa, lhe dão um incontestavel relevo de chefe de geração. Outra expressão literaria muito distincta, mas agora em novo genero, é Manuel



Bandeira, a quem, por signal, dedicarei o meu livro. E' um dos maiores poetas que eu conheci."

Voltando-se para assumptos literarios norte-americanos, Anthony Stander, que é casada com um bisneto de Longfellow, disse que "Longfellow tinha um *hobby* pelas traducções; traduzia o português de uma maneira quasi fluente e sua maior *performance* no assumpto foi certamente a de ter traduzido o *Lusiadas* de Camões, trabalho em que deve ter despendido um esforço herculeo. Chegamos a morar na casa que habitou em Cambridge, em cuja Universidade era professor de linguas. Essa casa, hoje transformada em Museu, conserva alguns dos manuscriptos de suas traducções, do *Lusiadas* e do *Inferno* de Dante. Ahi esteve d. Pedro II, que palestrou com a filha de Longfellow, tia de meu marido."

"O romance na America — declarou, por ultimo — está muito bem representado por John Steinbeck, cujos ultimos livros têm levantado muita celeuma. Steinbeck vae buscar seus motivos no baixo mundo, em certas classes ligadas á producção das materias-primas alimenticias. Seu *The Grapes of Wrath* tem sido geralmente olhado como a obra de um esquerdistas, embora o romance esteja muito longe de ter essa marca. A poesia tem em James Agés e em Muriel Buckeise suas duas mais fortes expressões."

AS 10 MULHERES MAIS INTELIGENTES DO MUNDO — Segundo uma nota divulgada no *Diario de Noticias*, desta Capital, uma importante revista feminina ianque abriu entre as suas leitoras um concurso para saber quaes eram as 10 mulheres mais intelligentes do mundo. Alcançou o primeiro lugar, com mais de 100.000 votos de maioria, Angelica Balabanoff, autora do livro *Minha vida de rebelde*. E' uma veneravel dama de mais de 60 annos, cuja existencia de aventuras antes, durante e depois da Grande Guerra lhe valeu o titulo de "a mulher que mais conhece o mundo". Para segunda mulher mais intelligente do planeta foi votada Halidé Edub, erudita turca, autora de estudos literarios em 17 idiomas e professora na Universidade de Estambul. Coube o terceiro lugar a uma hindu, Sarojni Waidu, collaboradora do Mahatma Gandhi e poetisa, cujas obras são lidas e apreciadas pela elite literaria do mundo inteiro. Foi suffragada em quarto lugar a senhora Chiang-Kai-Shek, esposa do celebre general chinês. E', sem duvida, a mais conhecida de todas as laureadas. Filha do banqueiro Soeng, a senhora Chiang Kai-Shek educou-se na Universidade de Wollesley e é, ao mesmo tempo, ministra, jornalista e aviadora. A senhora Roosevelt veio em quinto lugar. Conferencista radiophonica e jornalista, sua celebre columna *Meu Dia* apparece quotidianamente em 70 dos mais importantes diarios norte-americanos. Em sexto, Eva Curie; em setimo, Margaret Mitchell; em oitavo, a senhora Juliot Curie; em nono, a senhorita Gertrude, jovem professora francesa de côr; em decimo, Jacqueline Cochram.

OS CASAMENTOS NOS EE.-UU. — A estatistica registra o augmento de casamentos nos Estados-Unidos, e ainda recentemente uma das maiores fabricas de alianças (de aneis de casamento) fez, nos jornaes, uma declaração a respeito de certo atraso que se vem verificando na entrega de suas encomendas, em virtude de apresentar o seu movimento industrial, nos ultimos tempos, um sensivel desenvolvimento, de 250%.

Attribue-se essa maré de casamentos nos EE.-UU. á pressa com que desejam contrahir matrimonio os que terão de incorporar-se ao Exercito.

PROBLEMAS DE ALIMENTAÇÃO — Em recente estudo acerca da *Alimentação da classe obreira de São Paulo*, o sr. Oscar Egydio de Araujo chegou ás seguintes conclusões:

a) o problema da alimentação, especialmente do trabalhador, deve sempre ser estudado juntamente com o padrão de vida e á luz de pesquisas de preços de generos de primeira necessidade objectivas e systematicas;

b) a ignorancia, *lato sensu*, traduzivel no desconhecimento de principios rudimentares da alimentação, é a maior causa da má e da sub-nutrição existente em São Paulo, de forma quasi generalizada;

c) qualquer estudo de nutrição, em São Paulo, não deve prescindir de uma ponderação do elemento ethnico componente do grupo pesquisado;

d) a alimentação do trabalhador, entre nós, apresenta pobreza quantitativa e extremá escassez de variabilidade;

e) além das deficiencias qualitativa e quantitativa, a alimentação do trabalhador é influenciada de maneira perniciosa por factores diversos — falta de horario, alimentos seccos e frios, refeições apressadas e desperdicio — que deverão ser cuidadosamente analysados, quando forem tentadas as medidas prophylacticas aconselháveis;

f) o problema alimentar é financeiro, mas é, tambem, accentuadamente, um problema educativo, e, deste ultimo ponto de vista, déve ser considerado de modo urgente e imperativo.

LUTA CONTRA O CANCER — O cientista portuguez dr. Antonio de Carvalho annuncia que, depois de haver consumido cerca de 6.000 contos e vinte annos de vida, descobriu a cura do cancer, resolvendo um problema scientifico que elle considera mais importante que o da tuberculose e o da lepra.

A medicação contra o cancer é polyvalente — declarou o dr. Antonio de Carvalho aos jornaes. Não se pode tratar o cancer com simples comprimidos. “Não se trata de uma doença infecciosa, contrariamente ao que supõem innumeras figuras da sciencia universal. O cancer é produzido por varias perturbações que actuam em pessoas predispostas á enfermidade. Se não soffre essas perturbações, nenhum ser humano está arriscado a contrahir o cancer; mas, pelo contrario, se as soffre, até o vegetariano será fatalmente mais dia menos dia um canceroso.”

UMA BIBLIOTHECA NORTE-AMERICANA — Segundo informações de fonte fidedigna, a Bibliotheca do Congresso de Washington, que é uma das maiores bibliothecas dos Estados-Unidos, organizada há justamente 90 annos, possui agora cerca de seis milhões de livros e capacidade para nove milhões mais; emprega mais de mil funcionarios e seu orçamento annual passa de três milhões de dollares. Para os que apreciam estatistica será interessante mencionar. A Bibliotheca conta com 1.400.000 mappas e vistas, 1.200.000 peças e tomos de musica, 500.000 gravações, 100.000 volumes de periodicos encadernados, e tantos manuscriptos que seria impossivel calcular numericamente. Possui, ao demais, a maior collecção de livros sobre aeronautica que existe no mundo, a mais extensa de livros chinezes que se pode encontrar fora da China e do Japão, e talvez a maior de obras russas que existe fora da Russia. Na secção de manuscriptos encontram-se documentos pertencentes a quasi todos os presidentes da Republica e a muitos outros homens de Estado. A collecção de obras raras consta de uns 83.000 exemplares, entre os quaes numerosas edições *princeps*, encadernações raras, cerca de 25.000 folhetos antigos publicados nos Estados-



-Unidos e mais de 1.500 tomos encadernados de periodicos editados no país no seculo XVIII.

MONUMENTOS — O Instituto Historico e Geographico Brasileiro já erigiu, no Districto Federal, cinco monumentos: em 1862, na praça Tiradentes, o de D. Pedro I; em 1872, no largo de São Francisco, o de José Bonifacio de Andrada e Silva; em 1924, na quinta da Boa Vista, o de D. Pedro II; em 1938, no Passeio Publico, a herma a Varnhagen; e no anno corrente, ainda no Passeio Publico, a herma de Pandiá Calogeras.

O LIVRO BRASILEIRO — Por iniciativa da Associação Brasileira de Imprensa, realizou-se, em novembro, uma Exposição do Livro Brasileiro, que constituiu uma expressiva demonstração das possibilidades da industria bibliographica no país. Está annunciada para dezembro uma outra exposição — a I Exposição Nacional do Livro e das Artes Graphicas —, organizada sob os auspicios da Universidade de São Paulo, como parte do programma commemorativo do 5.º centenario da invenção da imprensa. Esse empreendimento, que terá lugar na capital paulista, conta com a cooperação do Instituto Nacional do Livro e do Departamento Municipal de Cultura, de São Paulo. Serão expostos, além de livros raros e colleções completas de preciosas Brasilianas, os originaes dos *Sertões* e do Tratado de Versalhes.

FACTOS DIVERSOS — Um membro da Academia de Sciencias de Minas Geraes descobriu, em Lapa da Lagoa Funda, "varias especies representantes de uma macro-fauna extincta, dentre as quaes a mais importante é o cranio de um urso prehistorico, a que o seu descobridor denominou "arctotherium brasiliensis". * Os intellectuaes gaúchos fizeram um appello ao prof. Fernando de Magalhães para que elle devolva á Prefeitura de Porto Alegre a chave da cidade, que se encontra em seu poder há alguns annos. O conhecido gynecologista e academico não attendeu ao appello: a chave foi-lhe offerecida por um cliente reconhecido e faz parte da sua colleção de chaves, entre ellas as que pertenceram a D. Pedro II. A chave de Porto Alegre mede 26 centimetros. E' de bronze, tendo, na parte de cima, gravadas em semicirculo, de um lado, as palavras *Provincia de São Pedro de Porto Alegre*, e do outro, *Leal e valorosa cidade de Porto Alegre*. Em baixo, de um lado: *Pedro II*; e do outro: 1845. * Um cidadão brasileiro tirou patente de sua prodigiosa invenção: o "radio-eterno", um apparelho receptor que fala sem parar, não tem valvulas, não precisa de energia e dispensa accumuladores. * Compraram em Manaus um peixe-boi para offerecer á municipalidade de Olinda. * Em São Paulo, um garoto de 13 annos appareceu pintando quadros a oleo. Procurado pela reportagem, Hermano Gomes Balthasar declarou que aos seis annos já fazia retratos de artistas de cinema.

A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS

OS SETE MYSTERIOS DA EUROPA

II

O MYSTERIO GAMELIN

Não conheço ninguém menos distante, mais acolhedor do que o general Gamelin. Physicamente, é meião de estatura e de corpo; pelle rosada, olhos claros, olhar talvez um pouco em guarda, mas bondoso; cabellos finos, raros, alourados. Bigode sedoso. Poucas rugas, ou muito finas. Apparencia de saude calma, sem exuberancia. Voz agradável, discreto no falar, attento no ouvir. Impressão de autoridade não aggressiva.

Em 1938, anno abundante em alarmas de guerra, houve duas reuniões governamentais particularmente tragicas, uma durante a crise de maio, outra pouco antes de Munich. Aos chefes do Exercito, da Marinha e da Aviação — respectivamente Gamelin, Darlan e Vuillemin — foi feita a seguinte pergunta: "A França está em condições de sustentar a luta?" Em maio, Darlan respondeu que a Marinha estava tão bem quanto possível e que, com o auxilio da Marinha britannica, nada deveríamos temer no mar. Erá verdade.

Vuillemin, que Goering, pouco antes, convidara a ir a Berlim e esmagara com uma demonstração da força aerea alemã, deixou cair desconsoladamente os braços, e exclamou: "Com duas semanas de guerra não teremos mais um só avião." Em se-

tembro não foi mais animador. Quanto a Gamelin, nas duas occasiões, declarou com um sorriso cheio de subentendidos: "O Exercito está prompto." Dizia-se que tinha um plano para supprir a deficiencia da Aviação, mas nunca o confiou a ninguém, nem mesmo, creio eu, a Daladier. Merecia tanto quanto este o appellido de "taciturno".

Pessoalmente, eu acreditava que o seu plano consistisse em apoiar o fortalecimento do eixo, Roma-Berlim, afim de, em caso de guerra, atacar vigorosamente a Italia e ameaçar assim a Alemanha pelo flanco. Plano que poderia dar resultado se a guerra começasse na primavera ou no verão; no inverno, os Alpes seriam intransponiveis.

Já o presidente Herriot achava que a peor peça que a Italia nos poderia pregar era ficar neutra, e que Gamelin se mostrava excessivamente prudente nos preparativos militares.

Em setembro de 39, quando ainda o Gabinete espèrava evitar a guerra, pelo menos adia-la para permittir que a Aviação se preparasse, já que no Exercito tudo estava prompto, fui chamado por um politico estrangeiro, de passagem por Paris. E' uma das duas ou três maiores intelligencias politicas com quem li-dei; contra o meu habito, de tudo dizer, tenho razões fortes para callar-lhe o nome.

"Não preciso dizer-lhe que a situação é gravissima", começou elle.



"Na minha opinião, a guerra é questão de dias. Temo muito pela França e pela Inglaterra. Dão-me a impressão de que encaram a guerra como uma obrigação terrivelmente desagradável, mas sem duvidar do resultado. Isso é um enorme erro. Não vencerão sem imaginação, audácia, poder criador. Agora ouça. Sei que tem influencia junto ao seu governo. Vá e diga a Daladier, a Bonnet: "Mussolini, que não é muito intelligente, mas um actor consummado, prepara-se para representar uma terrível farsa. Vae enganar-vos sem escrupulos. Vae fazer-vos pagar a sua neutralidade, mediante a qual poderá fornecer viveres e material á Alemanha, e proteger-lhe o flanco Sul. Só vos declarará guerra quinze dias antes da victoria de Hitler, para ter o seu quinhão nos despojos."

Quería que o governo francês pusesse Mussolini entre a faca e a parede, obrigando-o a definir-se, jogando com a opinião publica italiana, que era contra a guerra.

Quís que os homens do governo ouvissem tudo isso directamente: promovi, no meu apartamento, um encontro entre o politico estrangeiro e Bonnet e Daladier.

Mas Gamelin oppôs-se a qualquer entendimento com a Italia; só precisava quinze dias para a mobilização, e não temia nada. E' innegavel que teve o que queria... A guerra declarou-se formalmente, e a Italia começou a fornecer-nos aviões de bombardeio...

Em outubro, tive novos contactos com Gamelin, havendo partido delle tanto quanto de Daladier a idéa de confiar-me uma missão junto ao Rei dos Belgas. Pareceu-me, nesse momento, firme e audaz.

Em 16 de dezembro fui chamado ao seu quartel-general. Recebeu-me só. Parecia extraordinariamente calmo e sorridente. Conversamos sobre a situação internacional. Elle não acreditava que a Alemanha pudesse ser vencida apenas pelo bloqueio, mas que, unida a este, cujos efeitos

deveriam reduzir a resistencia physica e nervosa do povo, a acção militar seria rapida e decisiva.

Mostrava grande confiança na linha Maginot, que, acreditava, só tornava possível o ataque alemão via Belgica e Hollanda, o que não se daria emquanto a Polonia resistisse.

"Assim temos tempo para respirar", continuou. "Estou reforçando e estendendo a linha Maginot até a fronteira belga." E, meneando meditativamente a cabeça, continuou: "Esta guerra é muito diferente de tudo o que já vimos. Primeiro, porque não se trata mais de pequenos combates diarios, como em 1914, em que se desperdiçaram tantas vidas. E sobretudo porque é a propria natureza da guerra que mudou. Muito pouca gente comprehende isso, e acha estranho esta guerra parada... Mas já houve, no passado, muitas guerras assim, de longos preparativos. Um bello dia explode a batalha, rapida mas decisiva.

"Para entender o que se está passando, e o que se vae passar, é preciso saber que os proprios exercitos se modificaram. Tornaram-se instrumentos de grande valor, accumuladores de enorme somma de poder, altamente efficientes, mas insaciavelmente vorazes, difficeis de organizar e de manter. Os leigos não imaginam o que consome, de gasolina e munições, um dia de batalha. Veja bem, o estado presente dos nossos exercitos é semelhante ao das marinhas na outra guerra. Mechanismos tão complicados e poderosos que todos se esforçam por mantê-los intactos o mais possível, só os arriscando no ultimo momento na acção decisiva.

"Quer saber o que, segundo creio, vae acontecer? Teremos um periodo de aparente immobilidade, rompido por uma acção repentina em que todos os recursos serão utilizados conjuntamente, e cujo desenlace será mais rapido do que se pensa."

A invasão alemã, segundo elle, viria pela Belgica e Hollanda, sendo tambem possível que se alastrasse

por toda a fronteira, do estuario do Rheno á fronteira sulça.

Quanto á data, poderia ser desde os fins de janeiro, mas o provavel era maio.

Assombrava-me a calma com que o generalissimo fazia essas graves previsões. Parecia encarar o futuro sem terror, se não com confiança.

Ao cabo da entrevista, convidou-me a visitar a frente, longa visita que começaria em sua companhia, e continuaria sozinho, com licença sua. Demorei-me na excursão até o Natal.

No mesmo dia da minha chegada escrevi ao general, não podendo occultar as serias deficiencias que, sem ser militar, notara na frente, e na propria Linha Maginot.

Não me respondeu, nunca mais e vi.

Não tenho a presumpção de fazer luz completa sobre o caso de Gamelin, que se prende ás obscuridades basicas da natureza humana.

Uma cousa tenho por certa: os que asseveram, depois da catastrophe, que Gamelin era um imbecil, só provam que não sabem o que dizem. O homem com quem conversei em dezembro de 39 possuía um luminoso espirito, applicado ás cousas da guerra, em toda a sua actualidade. As predicções citadas patenteiam uma prodigiosa lucidez.

Há tambem os que o accusam de ter feito carreira bajulando os politicos. Esquecem-se de que os officaes de alta patente são obrigados a lidar com os politicos. A direcção do Exercito está intimamente entrosada com a politica internacional. E, pode parecer paradoxo, mas é bom que os politicos civis tenham voz na promoção aos postos mais altos. Porque os homens de armas são muito mais inclinados a desconfiar do talento. Foram politicos ou militares os que abafaram Charles de Gaulle?

E' porém evidente que o general que previu os successos de maio permittiu que o exercito que commandava se tornasse presa quasi passiva desses mesmos successos.

E' tambem — minimo mas significativo facto — estranho que me desse prova de confiança e estima pondo-me a par dos seus planos, e se offendesse quando procurei, com a maior deferencia, dizer-lhe que nem tudo era perfeito, na sua frente de batalha.

Parece-me que é um desses homens de vasta e aguda intelligencia, que não soffrem ser contrariados na sua concepção das cousas. Que se recusam a tomar conhecimento das circumstancias que os poderiam obrigar a modificar essa concepção.

Accusam-no de ter commandado o Exercito de longe, do seu quartel-general em Vincennes, do gabinete de Daladier, ou do Supremo Conselho de Guerra, reunido em Londres. Não seria a isso levado pelo receio subconsciente de evitar desagradaveis verificações, complicações, incidentes com os commandantes?

Preferia "pensar a guerra" longe da realidade — sendo, creio, daquellas intelligencias que se coordenam mal com as forças de acção. Há como uma falta de transmissão entre a ideação e a execução, causada pela falta de energia, e tambem por um certo medo da acção, e das suas consequencias.

Pertencia á raça dos sonhadores, que desprezam os pormenores, só concebem planos geraes.

O que é estranho é que um sonhador fosse feito generalissimo de França, commandante em chefe dos exercitos alliados; que sonhasse com tanques, sem saber o estado dos seus; que sonhasse com a *Blitzkrieg* em maio, sem fazer praticamente nada para assegurar-se a victoria sobre o inimigo.

JULES ROMAINS

(Condensado de *The Saturday Evening Post*).

RESENHA DO MÊS

11 DE NOVEMBRO — O presidente da Republica inaugurou, na Feira de Amostras, a Exposição Decennial da Revolução.

12 — Conferencias: no D. I. P., a do almirante Aristides Guilhem sobre os progressos da Marinha no ultimo decennio; na A. B. I., a de Henri Torrès — *As minhas impressões de jornalista em França*; no Lyceu Literario Português, a de Candido Mota Filho — *O sentido nacional na obra de Euclides da Cunha*; na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, a de L. R. E. Casthemaint sobre a aviação civil.

13 — Regressou dos Estados-Unidos o general Góes Monteiro. * No Lyceu Literario Português o sr. Barbosa Vianna pronunciou uma conferencia sobre a influencia da Universidade de Coimbra na cultura brasileira, e na Faculdade Nacional de Direito o sr. Henri Torrès, em continuação ao seu curso, falou sobre a oratoria de Cicero. * Inaugurou-se a exposição de pintura do casal Rio-Kai Ohashi-Helena Pereira da Silva Ohashi, no salão da Associação dos Artistas Brasileiros.

14 — Conferencias: a do general Valentim Benicio, no Lyceu Literario Português, sobre a *Restauração de Portugal e seu reflexo no Brasil*; a do sr. Nobrega da Cunha, na A. B. I., sobre a imprensa norte-americana e seus reflexos no Brasil; a de Edgar Sússekind de Mendonça, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, sobre o *Universo*, na serie "Contribuição Britannica á Philosophia Scientifica".

15 — Commemorou-se em todo o país a data da Proclamação da Republica. * Regressou de Buenos Aires o escriptor Stefan Zweig.

16 — Na A. B. I., o sr. Barbosa Vianna fez uma conferencia sobre *Getulio Vargas e os portugueses*. * Inaugurou-se a exposição de pintura de Gilberto Trompowsky no salão do Palace Hotel.

17 — Chegou ao Rio a Missão Economica Britannica.

18 — Inaugurou-se a Exposição de Puericultura, organizada pelo Departamento Nacional da Criança, em collaboração com a Associação Christã de Moços. * Conferencias: a do architecto Alcides Rocha Miranda, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, sobre *O sentido da architectura na Inglaterra: o lar inglês até o seculo XIX*; a do sr. Affonso Bandeira de Mello, na Cruz Vermelha Brasileira, sobre *A protecção legal dos trabalhadores no Brasil*; a de Henri Torrès, na Faculdade Nacional de Direito, sobre Tacito.



19 — Em comemoração ao dia da Bandeira, em inúmeras cidades do interior foram inauguradas "Praças da Bandeira". * O escriptor Gilberto Freyre pronunciou uma conferencia, em Porto Alegre, na Bibliotheca Publica, sobre o thema *Ilha e Continente — O sentido insular e o sentido continental na formação brasileira*.

20 — Proseguindo no seu curso, o sr. Henri Torrès falou sobre Quintiliano, na Faculdade Nacional de Direito.

21 — Realizou-se no Palacio do Cattete a sessão inaugural da Comissão do Livro de Merito. * Inaugurou-se na Feira de Amostras o Pavilhão dos Estados- Unidos. * A Academia Brasileira realizou uma sessão publica, commemorativa dos centenários de Portugal, tendo-se feito ouvir os srs. Pedro Calmon e Celso Vieira.

22 — O sr. Vilhena de Moraes fez, no Centro D. Vital, uma conferencia sobre *A questão religiosa e o seu verdadeiro character, á luz de documentos inéditos*.

23 — Inaugurou-se a Exposição da Missão Artística Francesa de 1816 no Museu Nacional de Bellas-Artes. * Conferencias: na Escola de Guerra, a do Sr. A. W. K. Billings sobre a hulha branca no Brasil; no Lyceu Literario Português, a do sr. Ribeiro Couto, sobre *A mensagem do lusitã da Antonio Nobre*.

24 — Sob os auspícios do Instituto Italo-Brasileiro de Alta Cultura, o sr. Giuseppe Valentini fez uma palestra, na Casa da Italia, sobre *Poetas italianos de ontem e de hoje*.

25 — Realizou-se no Itamaraty uma sessão da Comissão Brasileira de Cooperação Intellectual em homenagem á memoria do escriptor Hernandez Catá. Falaram a sra. Gabriela Mistral e os srs. Oswaldo Aranha, Miguel Osorio de Almeida, Pedro Orlando e Stefan Zweig. * Na Associação Brasileira de Educação, o sr. Wanderley de Pinho fez uma conferencia sobre *O humor e a violencia no Parlamento do Imperio*, e na Faculdade Nacional de Direito o sr. Henri Torrès falou sobre a oratoria na Idade Media.

26 — A escriptora Suzanne Adrien-Bertrand proferiu uma conferencia na Academia Brasileira sobre *As mulheres e os salões franceses do seculo XVII*. * Em comemoração ao 8.º anniversario de sua fundação, a Sociedade de Amigos de Alberto Torres realizou uma sessão especial, discursando por essa occasião o des. Carlos Xavier Paes Barreto em torno da obra e da vida do patrono da sociedade. * Inaugurou-se, em Maceió, a herma do pintor Rosalvo Ribeiro.

27 — No Cemiterio S. João Baptista, inaugurou-se o mausolé das victimas do movimento subversivo de 1935. * O sr. Henri Torrès falou sobre a oratoria na França, na Faculdade Nacional de Direito.

28 — No salão do Directorio da Escola de Bellas-Artes, inaugurou-se uma exposição de *croquis* e modelagens, trabalhos colhidos pelos alumnos do curso de esculptura durante uma excursão cultural ás cidades de Ouro Preto, Mariana, Sabará e Congonhas do Campo. * Na A. B. I., o prof.

F. Venancio Filho realizou, sob os auspícios do Instituto Brasil-Estados- Unidos, uma conferencia sobre *As contribuições norte-americanas á educação brasileira*.

29 — No D. I. P., o ministro Sousa Costa fez uma conferencia sobre o panorama economico-financeiro no ultimo decennio; e na A. B. I., o prof. Antoiné Bon falou sobre *La draperie dans l'art grec*.

30 — Em sessão solenne, foi recebido na Academia Brasileira o poeta Manuel Bandeira, successor de Luís Guimarães Filho na cadeira de Julio Ribeiro. O novo academico foi saudado pelo sr. Ribeiro Couto.

1 DE DEZEMBRO — Realizou-se na Embaixada de Portugal, com a presença do presidente da Republica, a cerimonia official do encerramento das comemorações dos Centenarios Portugueses. * A Federação das Associações Portuguesas do Brasil levou a effeito uma sessão solenne, no Real Gabinete Português de Leitura, commemorativa do III Anniversario da Restauração de Portugal, sendo oradores os srs. Celso Vieira e embaixadores Martinho Nobre de Mello e J. C. de Macedo Soares.

2 — Em seu curso, na Faculdade Nacional de Direito, o sr. Henri Torrès falou sobre a oratoria na França do seculo XVII.

3 — Em sessão especial, a Faculdade Nacional de Medicina conferiu ao prof. Aloysio de Castro o titulo de Professor Emerito. * Conferencias: a do ministro Mendonça Lima, no D. I. P., sobre *Transportes, communicações e obras publicas, no decennio Getulio Vargas*; a do prof. Barbosa Vianna, no Lyceu Literario Português, sobre *A physica de Carlson*; e a do sr. Rudolf Metal, no Museu Social do Ministerio do Trabalho, sobre *Seguro-Maternidade*.

4 — Sob os auspícios da Associação dos Amigos de Portugal, o prof. Helio Gomes fez uma conferencia sobre *Alberto Torres e os portugueses*. * O sr. Henri Torrès concluiu as suas considerações sobre a oratoria na França do seculo XVII, no seu curso da Faculdade Nacional de Direito.

5 — Sob o patrocínio do Instituto Brasil-Estados- Unidos, o sr. Gelbert de Simas fez uma conferencia sobre *A arte no tempo do Imperio*.

6 — Conferencias: a do embaixador espanhol, Raymundo Fernandes Cuesta Merello, sobre *El Cid ó el alma de Castilla*, na A. B. I.; a de Antonio Luis de Sousa Mello, no D. I. P., sobre *O credito agricola e industrial no Brasil*.

7 — O presidente da Republica presidiu, no Palacio da Justiça, á cerimonia commemorativa do Dia da Justiça, tendo assignado, por essa occasião, o novo Codigo Penal.

9 — Na Faculdade Nacional de Direito, o sr. Henri Torrès proferiu mais uma aula de seu curso, sobre a oratoria na França do seculo XVIII.

10 — No D. I. P., o ministro Gaspar Dutra realizou uma conferencia sobre *O Exercito nos 10 annos de governo do presidente Getulio Vargas*.

OUTRAS NOTICIAS — Regressaram dos Estados- Unidos o pintor Candido Portinari e o maestro Burle Marx. O primeiro declarou á imprensa

que o Museu de Arte de Nova York adquiriu varios trabalhos seus, e que voltará áquelle país em setembro futuro, afim de cumprir alguns contratos, entre elles o da decoração da Bibliotheca do Congresso de Washington. * O embaixador do Brasil em Portugal fez doação á Universidade de Coimbra de todos os livros brasileiros que estiveram expostos no pavilhão brasileiro da Exposição de Portugal. * O romancista Erico Verissimo foi convidado pelo governo norte-americano para fazer uma visita aos Estados-Unidos. * Em principios de dezembro, o prof. Paulo Sawaya fez uma conferencia, em São Paulo, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, sobre os viajantes ingleses do seculo XVIII na America do Sul. * A Livraria Francisco Alves offereceu á Secretaria Geral de Educação e Cultura do Districto Federal a importancia de 1:500\$000 para três novos premios dos concursos periodicos de livros de historias e contos infantis: três premios de 500\$ destinados aos livros para as classes maternas, para as classes primarias e para as classes juvenis. * Em Juiz de Fora foi inaugurado um monumento a Belmiro Braga. * O prefeito de Itaparica, na Bahia, desapropriou a casa onde nasceu Ernesto Carneiro Ribeiro e nella vae instalar, depois de convenientemente adaptada para esse fim, uma escola publica, em homenagem ao grande philologo. * O *Diario de Noticias*, do Rio, adquiriu os direitos de divulgação, em português e inglês, dos artigos da sra. Eleanor Roosevelt. * Acredita-se que o governo da Bahia abrirá, no corrente anno, concorrência publica para a construcção de um monumento a Ruy Barbosa. * Desenvolvendo um programma de intensa actividade cultural, destinado á maior aproximação dos povos americanos, o Instituto Brasil-Estados Unidos iniciou uma serie de conferencias, sob o titulo de *Aspectos da Vida Americana*. Desse curso, composto de 20 conferencias, participarão figuras de prestigio em nossos circulos culturais, como Genolino Amado, Augusto Frederico Schmidt, Annibal M. Machado, Sampaio Corrêa e outros. Já se fizeram ouvir os srs. Nobrega da Cunha, F. Venancio Filho e Mario de Andrade, que falaram sobre as contribuições americanas para o jornalismo, a educação e a musica moderna, respectivamente. * O sr. Carlos Guinle offereceu ao Museu de Bellas-Artes o *Diogenes*, marmore de Boisseau, esculptor francês de renome. * Os "columnistas" brasileiros commentaram o facto de haver o sr. Claudio de Sousa comprado por cem contos o seu mausoléu, assumpto que teve a mais larga publicidade. * A Prefeitura do Districto Federal deu o nome de Francisco Alves a uma escola publica. * Annuncia-se que o escriptor norte-americano Sinclair Lewis deseja vir ao Brasil, no corrente anno, e para isso começou a estudar português. O criador de *Babbitt* promette escrever um romance com fundo de scena brasileiro. * Fundou-se no Districto Federal, com o apolo de todos os interessados, a Associação Profissional de Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturales. * Deverá sair em março proximo a revista *Provincia*, dirigida pelos escriptores Gilberto Freyre e Erico Verissimo. * Divulga-se que acaba de apparecer no Japão, em pequenos folhetos illustrados, a traducção do livro *Evolução do povo brasileiro*, de Oliveira Vianna, trabalho realizado pelo escriptor japonês Shenosuke Ohta. * A imprensa brasileira acolheu com sympathia a idéa da escriptora norte-americana Vera Kelsey relativa á traducção das obras basicas da cultura brasileira, entre as ques *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, *O Negro Brasileiro*, de Arthur Ramos, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, de Machado de Assis. * O D. A. S. P. negou aposentadoria ao poeta Catullo da Paixão Cearense, dactylographo, Classe G, do quadro I, do Ministerio da Viação.

O INCONFORMADO

“...elle [Georges Bernanos] era, é, e não quer senão ser — um Cruzado. A época em que elle vive é a Idade Média. A classe a que pertence é a classe feudal. Bernanos é um feudal, um medieval, um Cruzado. Se não comprehendermos isso, creio eu, não será facil comprehender a sua estranha presença num mundo tão visceralmente penetrado de coisas completamente estranhas a esse espirito do seculo XIII. Um homem do seculo XIII que não é anachronico no seculo XX — eis Bernanos. Eis a sua difficil tarefa. Eis talvez o motivo de sua força e de sua fraqueza. De sua força, porque traz — a um mundo envelhecido pelo racionalismo e pela perda da noção do bem e do mal — aquelles traços de rejuvenescimento incomparavel que o P. Bruckberger, no capitulo I do seu agudissimo estudo de psychologia bernanosiana, (que vamos publicar na *Ordem*), apresenta como sendo — a *infancia espiritual* e o sentido da *honra*. Bernanos collocou os seus leitores, viciados pela atmospheria terrivel de indistincção em que vivemos, perante a visão de um mundo restaurado em sua pureza primitiva. O Peccado é o Peccado, no seu mundo de ficções realissimas, e não uma sombra indistincta e sem nome. A Santidade é a Santidade e não uma parodia qualquer, sentimental e mesquinha.

E tanto um como outra transbordaram de suas ficções para a realidade contemporanea, para as ruas, para os templos, para os campos de batalha. E o romancista, que protestara violentamente contra a classificação mumificadora ou convencional de romancista-catholico, vinha apresentar-se em face dos acontecimentos, não apenas como um Fiel calcado em seus cothurnos de guerra que S. Paulo recomendava aos Ephesios quando fossem “pregar o Evangelho da Paz”

(*Eph.*, VI, 15) — mas como um Cavalleiro da Terra Santa e um authentico Vingador da Verdade ferida.

E’ como Feudal, como Cruzado, como Cavalleiro de outras eras, perdido nestes desertos calcinados de um mundo em paletó sacco que perdeu, em grande parte, o sentido de Honra e de Infancia, — que Bernanos levantou contra si uma onda tão forte de incomprehensões e até de injurias e calumnias. E por isso a sua força é tambem a sua fraqueza. Vive só, na solidão dos fortes sem duvida, mas tambem na solidão dos que se fecham por vezes á comprehensão do seu tempo e dos seus contemporaneos. Bem sei quanto se esforça por poder romper esse circulo de gelo com que o isolam ou em que se isola. Bem sei que não desdenha o anel de sombra que deixam pesar em torno de sua incommoda figura de D. Quixote da Nova Christandade, e como tenta ser comprehendido. A idade mesmo o vem tornando cada vez mais persuasivo, mais doce, mais comprehensivo. E vem polindo as arestas de um temperamento que traz nas veias o sangue de corsarios. Sei de tudo isso, mas estou longe de seguir sempre os seus caminhos. Tenho tido, com elle, troca de cartas pouco amaveis e dialogos... ia dizer violentos, se fosse possivel oppor, pessoalmente, qualquer obstaculo áquella torrente fulgurante que desce como uma avalanche de seus cimos eternos, ao ser contraditado.

E por isso, digo que as mesmas qualidades que são a sua força, são tambem a sua fragilidade, pois o tornam frequentemente unilateral e summario, em seus ataques, em suas attitudes e em suas conclusões, em que uma sêde de absoluto e uma impaciencia invencivel com a mediocridade e o formalismo, difficultam a irradiação que devia ter a sua magnifica cruzada pela purificação da

christandade, pela verdadeira reposição do homem em suas raízes cristãs.

E' por isso que a sua figura teria passado talvez despercebida em nosso meio — se não completamente repudiada, pelos attritos que provoca com o nosso temperamento brasileiro tão avesso a esse genero de espiritos — se não fóra a mais recente das encarnações do seu genio irreprimivel. Depois da *débacle* da França, surgiu em Bernanos, de modo impressionante e luminoso, sob a sombra do Romancista e do Apostolo Revoltado — a figura do Patriota.

Na hora mesma da catastrophe, quando os corações dos amigos da França se apertavam e as revoltas explodiam contra a sua deserção do campo da luta, quando ainda conservava intacto o seu Imperio e intactos, em grande parte, seus meios de defesa no ar e no mar, — a voz de Bernanos rompeu, como sempre, solitaria e indomavel. Disse as palavras que todos queriam ouvir. Repudiou a piedade. Denunciou a traição. Proclamou, varonilmente, a esperança. Mostrou-se um francês dos grandes tempos, para lá dos totalitarismos de improviso, para lá dos parlamentarismos anarchizantes, para lá de tudo que levou a França á derrota e hoje a entrega, de pés e mãos atados, ao capricho dos vencedores, para servi-los "lealmente", como não se cansam de dizer alguns dos homens de Vichy, á espera do convite para entrarem docilmente no Eixo...

Bernanos, como sempre, afrontou a popularidade facil entre os seus patricios. Desafiou as injurias e as incompreensões. Como verdadeiro Patriota, riu-se do patriotismo de fachada e falou ao seu país a voz da verdade e da coragem. Falou, como sempre, a voz do bom-senso, daquello bom-senso que não é passividade ou fraqueza, mas dignidade e pureza de espirito. Como hoje em dia, porém, o bom-senso é qualquer coisa de muito paradoxal, pareceu a muitos ter concorrido para avultar o desprestigio da França, quando na-

da mais fez do que mostrar que a nossa immensa decepção com a França de 1940 pode ser perfeitamente reparada pela França de 1950 ou 60, se souber ouvir a voz varonil e destemerosa de homens como esse seu filho, illustre e solitario, exilado mas fidelissimo ao espirito immortal da França, ao espirito dos grandes monumentos e dos grandes momentos de sua historia admiravel.

Esse homem rude e delicadissimo, sombrio e luminoso, usa a sua pena, ora como um dardo ora como uma pluma. Sabe rir como uma criança e debater com uma violencia de illuminado ou fanatico. Tem, por vezes, um pessimismo sombrio e intratavel em face de tudo, nada respeitando, irritando e ferindo sem sentir, com uma phrase infeliz, os corações que um minuto antes conquistara com a sua lealdade e a sua intelligencia tantas vezes genial e mesmo prophetica, que se abebera em fontes tão aparentemente contraditorias como Rabelais e Péguy. Tem logo em seguida, porém, o segredo de fazer jorrar na sombra fachos incomparaveis da mais luminosa esperança.

E' um homem que vive praticamente a vida sobrenatural. Tudo nelle se passa á luz da Eternidade. E' um christão que quer viver a vida da graça em sua pureza, com todas as suas exigencias, desafiando para isso a prudencia mediocre, as convenções ou os corações, e seguindo impavido o seu caminho de cavalleiro andante. Tudo o que nelle choça, tudo o que é nelle arestas e revoltas, sua inhabilidade manifesta em passear entre os homens — a não ser entre os simples, pois no fundo do mysterio de sua alma e do seu estilo o que há é o paradoxo da Simplicidade angelica em luta contra a sombra da expressão humana — tudo isso que faz a sua tremenda solidão é fruto da sua insaciavel sede de Absoluto. Seu testemunho do Eterno é um fardo terrivel a carregar. E esse fardo fere-nos tantas vezes, porque elle o carrega, não com a serenidade de um santo, mas como

um pobre homem igual a todos nós, desajeitado e titubeante, mas... genial. Deus sabe por que o fez como elle é e por que tornou a sua voz tão amarga, tão ardente e tão inquietante. Para nós, basta que venha flagellar o pharisaismo e denunciar o falso publicanismo. Tudo o mais lhe será relevado um dia, por Quem possui o privilegio do Perdão.

Dizia-me, há tempos, uma eminente personalidade francesa: — “Bernanos? oh! il n'a pas un français derrière lui.” Ainda que essa observação fosse verdadeira, e sabemos que é falsa, o Inconformado poderia responder altivamente, como o poeta:

“Et s'il n'en reste qu'un, je serai celui-là.”

Ou repetir as palavras maravilhosas que há dias escreveu num album. De improviso. Sem hesitação. Com aquella letra tão clara e tão esbelta, tão em contradicção com o tumulto

de suas palavras ou a vibração de suas apostrophes. Palavras inesquecíveis e perfeitas que dizem, melhor que todas as definições, o sentido purificador de sua mensagem ao mundo moderno e de sua advertencia á Christandade Infiel, que tão poucos querem ouvir: — “Lorsque vous relirez cez lignes, dans bien des années, donnez un souvenir et une prière au vieil écrivain qui croit de plus en plus à l'impuissance des Puissants, à l'ignorance des Doc-teurs, à la niaiserie des Machiavels, à l'incurable frivolité des gens sérieux. Tout ce qu'il y a de beau dans l'histoire du monde s'est fait à l'insu de tous par le mystérieux accord de l'humble et ardente patience de l'homme avec la douce Pitié de Dieu.”

TRISTAO DE ATHAYDE

(O Jornal, Rio, 8-12-1940).



REGISTRO BIBLIOGRAPHICO

Afranio Coutinho — A PHILOSOPHIA DE MACHADO DE ASSIS — Vol. 1 da Collecção "Pensamento Brasileiro" — 197 pags. — *Vecchi Editor*, Rio, 1940 — 8\$000.

John Steinbeck — AS VINHAS DA IRA (romance) — Trad. de Ernesto Vinhaes e Herbert Claro — 491 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 18\$000.

Edgard Cavalheiro — FAGUNDES VARELLA — 350 pags. — *Livraria Martins*, São Paulo, 1940 — 15\$000.

Marucia de Oliveira — FRAGMENTOS DA VIDA (contos) — 131 pags. — *Getulio M. Costa*, Rio, 1940 — 6\$000.

José de Alencar — IRACEMA (novella) — Nova edição — 148 pags. — *Edições Melhoramentos*, São Paulo, 1940 — 4\$000.

Luis Jardim — O BOI ARUA (literatura infantil) — Vol. 1 da Collecção Dom Casmurro — Illustrações do autor — *Alba Editora*, Rio, 1940 — 10\$000.

Commandante Verdun — O ESQUADRAO CYCLONE — Trad. de Abelardo Romero — 184 pags. — *Vecchi Editor*, Rio, 1940 — 5\$000.

José de Alencar — O GAUCHO (romance) — Nova edição — 182 pags. — *Edições Melhoramentos*, São Paulo, 1940 — 10\$000.

Hamilton Barata — O HOMEM, ENERGIA UNIVERSAL — 228 pags. — *Irmãos Pongetti*, Rio, 1940 — 10\$000.

OBRAS DE CASIMIRO DE ABREU (Edição comemorativa do centenário do poeta) — Organização, introdução e notas do prof. Sousa da Silveira — Vol. 3.º da collecção "Livros do Brasil" — 457 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 25\$000.

Pe. Dr. Augusto Brunner, S. J. — OS PROBLEMAS BASICOS DA PHILOSOPHIA — Trad. do Pe. Urbano Thiesen, S. J. — 296 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 12\$000.

François Mauriac — OS CAMINHOS DO MAR (romance) — Trad. de Costa Neves — 255 pags. — *Vecchi Editor*, Rio, 1940 — 10\$000.

Ribeiro Couto — PRIMA BELLINHA (romance) — Prefacio do autor — 219 pags. — *Civilização Brasileira*, Rio, 1940 — 10\$000.

José de Alencar — TIL (romance) — Nova edição — 169 pags. — *Edições Melhoramentos*, São Paulo, 1940 — 10\$000.

Rachel Field — TUDO ISTO, E O CÉO TAMBEM (romance) — Trad. de Ika Labarthe e Lya Cavalcanti — 428 pags. — *Livraria José Olympio Editora*, Rio, 1940 — 20\$000.



O CONFLICTO EUROPEU

OS GUARDA-COSTAS BRITANNICOS — Numa correspondencia illustrada de Londres para Nova York se lê:

“A Grã-Bretanha corre o perigo de ser invadida, diz-se com frequencia. Pela primeira vez desde que Guilherme o Conquistador actuou na batalha de Hastings, no anno de 1066, uma potencia estrangeira pretende invadir a ilha. Mas os ingleses não serão tomados de surpresa, porque centenas de olhos vigiam constantemente em terra, no mar e no ar, para descobrir os primeiros signaes de aproximação do inimigo, com o mesmo zelo com que os ingleses de antigamente vigiavam para descobrir a appareção das velas da frota da armada invencivel, e mais tarde dos navios da frota de Napoleão, antes que a batalha de Trafalgar contribuisse para eliminar esse perigo.

Há muita gente familiarizada com os trabalhos que neste sentido realizam as forças aereas e a marinha da Grã-Bretanha, mas não se tem dado tanta publicidade ás tarefas que os guarda-costas cumprem nos baluartes britannicos. Antes formavam uma força não-combatente, cuja missão era de caracter humanitario, pois se occupava de salvar naufragos, de impedir o contrabando e outros serviços. Actualmente os guarda-costas britannicos formam uma parte integrante da machinaria defensiva do país. Graças aos seus valiosos conhecimentos acerca das condições do tempo e das marés nas costas, os homens que compõem aquella força têm uma idéa aproximada de quaes são as melhores occasiões que se apresentam para a tentativa de uma invasão. Nesses momentos criticos todos permanecem alerta e toma-se toda sorte de precauções sem confiar nada ao azar.

Como o fizeram seus antecessores há mais de um século, esses homens vigiam constantemente de suas torres, collocadas ao longo de toda a costa oriental britannica.”

FABRICA AMERICANA DE AVIOES — Em reportagem para a imprensa platina, um jornalista americano escreveu que, não obstante a importancia vital da aviação militar dos Estados-Unidos para as necessidades crescentes do país e do continente — ás quaes há a accrescentar o cumprimento dos enormes pedidos da Grã-Bretanha — a industria manufactureira estadunidense de aviões não trabalha com toda a sua actual capacidade productora.

E informa:

“Muitas fabricas não funcionam ainda mais do que cinco dias por semana e muito poucas o fazem com três turnos nas 24 horas. Além disso, há outros factores que contribuem para limitar a actividade fabril do ramo. Se consideramos que a capacidade maxima da industria deve corresponder a três turnos que comprehendem as 24 horas diarias de trabalho durante os sete dias da semana, temos de reconhecer que aquella industria representa apenas as duas terças partes da capacidade productora maxima.

A maioria dos estabelecimentos manufactureiros que produzem aviões militares trabalha na base de dois e meio turnos, o que significa a perda de três horas diárias em cada jornada completa de 24. Mas trabalham somente 5 1/2 dias semanaes, e em numerosos casos apenas 5 dias, pois a miudo permanecem fechados aos sabbados e domingos. Em summa, num maximo possivel de 168 horas de trabalho semanaes, as fabricas não funcionam senão durante 103, permanecendo inactivas 65 horas cada semana.

Na realidade, a media geral da actividade dessa industria não passava, em principios de outubro, de 61% da capacidade maxima da mesma. Os technicos do governo federal opinam que, por diversas causas, será difficil obter um trabalho medio semanal de mais de 126 horas, o que representaria 75% do maximo absoluto da capacidade industrial, de modo que haveria que augmentar o rythmo actual da actividade manufactureira, em mais de 20%."

Tratandô da formação de pessoal especializado, diz a reportagem que o governo americano está pondo em pratica um plano cuja execução custará 15 milhões de dollares, destinado a facilitar o adestramento de trabalhadores para as industrias da defesa nacional, e empregando para isso as facilidades e o pessoal tecnico das escolas vocacionaes dos diversos Estados.

"Durante o verão passado— accrescenta — as referidas escolas realizaram cursos de adestramento por espaço de dez semanas para milhares de trabalhadores. No outomno esses cursos se intensificaram, augmentando-se o numero de technicos instructores e sommando-se muitos milhares mais de estudantes.

Espera-se que dentro de um anno essas escolas terão adestrado mais de um milhão de trabalhadores para as industrias de defesa nacional. Apesar disso, só um numero relativamente pequeno delles será realmente apto para o difficil mister da industria aeronautica.

De tudo isso se depreheende a vital necessidade de augmentar o adestramento do pessoal em preparação e activar quanto possivel o cumprimento dos programmas estabelecidos para tal fim, pois só assim se pode esperar totalizar os 350.000 trabalhadores necessarios para operar em todas as fabricas existentes e em todas as que se encontram em construcção. Será uma obra gigantesca, em que terão de participar decididamente a industria, o governo federal, os Estados e os municipios."

O FIM DA TERCEIRA REPUBLICA FRANCESA — Em bello artigo sobre o que elle chama "o eclipse da França", Fernando Ortiz Echague escreve sobre o fim melancolico da 3.^a Republica Francesa:

"O alcance do acto praticado pela Assembléa Nacional é consideravel: acaba de operar-se uma revolução legal. Não se trata, effectivamente, de uma reforma constitucional, mas de uma mudança de constituição, em virtude da qual desaparecem as assembléas legislativas, elimina-se o presidente da Republica e o marechal Pétain fica consagrado como o chefe do Estado com hierarchia ditatorial. A constituição da Terceira Republica, nascida em 1875, á base do desastre de Sédan, é derrubada aos 65 annos de existencia com outro desastre militar. Tambem o Parlamento depôs as armas sem combate: os legisladores se sentem culpados e doces á ameaça. Laval os maneja a seu gosto.

Léon Blum, que se suppunha em Espanha com a sua collecção de bandejas de prata, occupa discretamente uma das ultimas filas, escuta em silencio e retorce nervosamente o bigode; Paul Reynaud não pode passar despercebido, pois leva a cabeça vendada em consequencia do accidente de automovel que custou a vida á condessa de Portos, nympha Egeria do ex-

-presidente e uma das personagens femininas de maior influencia nos ultimos tempos. Tambem estão ali, como espectadores de seu proprio drama, ou com attitude estoica de *hara-kiri*, outros homens que até a vespera moviam os fios da politica francesa: Herriot, Jeanneney, Bouisson, Caillaux, Bonnet, Paul Boncour, Malvy, Dormoy, Pomaret... E' um enterro de terceira, um triste espectáculo. Os democratas de ontem renegam e escarnecem o dogma do suffragio universal. E' sincera esta conversão imposta precipitadamente pela derrota e adoptada em condições instaveis e anormais por uma assembléa reunida para acceitar uma constituição de caracter totalitario a que o povo francês é indifferente?

Há uma vaga sensação de haver entrado num tunnel. Que haverá á saída? O lemma seductor de "liberdade, igualdade e fraternidade", sob o qual a França viveu, através de vicissitudes, sessenta annos felizes, cede o lugar a "trabalho, familia, patria", que era, desde 1936, o lemma das "cruzes de fogo" do fracassado coronel La Roque. Os legisladores responsaveis pela catastrophe francesa se separam depois de haver-se degolado com seu voto para impor-se e impor-nos um silencio penitente. Mas ainda não se dispersam num voo silencioso e discreto... ainda se ficam revolteando pelos pateos sombrios do hotel du Parc, sede do Governo, como moscas pegadas ao pastel...

Pobre França, perdida hoje mais do que nunca na algaravia delinquente dos partidos, e que pretende passar assim, de um salto, do regime republicano democratico representativo ao regime opposto, que o vencedor lhe quer impor! Resisto a crer na sinceridade desse acto. A Terceira Republica Francesa não está morta. Em tempo..."

GUERRA TOTAL — A partir de 1.º de janeiro corrente será permittido oficialmente, na Alemanha, o consumo da carne de cachorro.

A guerra é mesmo total. Os cachorros alemães que o digam.

O FRONT DE 1940 — E' uma suggestiva comparação a que traçou Enrique González Tuñón — do homem do *front* de 1914-1918 com o de 1940.

"Na frente, 1914-1918.

O soldado alemão espera a licença que lhe permittirá regressar aos seus. Tem lar.

Fora do barro, das ratazanas vorazes, das parasitas, da horrivel morte sem morte, da espera inacabavel, das explosões, dos alarmes, há um pequeno mundo para o qual se evade, arrastando-se no sonho como um desertor.

Entre as nuvens brancas dos *shrapnells*, o soldado alemão de 14 recompõe um rosto familiar e querido. Não se sente tão só. Tão desamparado, tão nos braços gelados da morte.

Não é covarde. E' homem e sente o medo humano de morrer. Pensa na mulher, na mãe, nos filhos, na familia que o espera.

Na frente, 1940.

O soldado alemão de hoje não espera a licença. Não a deseja. E mal-diz, se cae prisioneiro, a negra estrella que o separa da morte e da destruição e se promete recuperar a batalha perdida.

O soldado alemão de 14 levava na sua jaqueta uma carta enrugada ou um retrato.

O paraquedista de hoje se lança ao espaço com o retrato do Fuehrer no peito, como um escapulario.

O soldado alemão de 14, quando os estilhaços de uma granada feriam levemente o camarada, pensava que se esse suave roçar da morte lhe houvesse tocado, a elle, poderia gozar uma breve licença e ver os seus.

O soldado alemão de 14 esperava uma carta na trincheira e era feliz quando a recebia. Esperava os presentes dos seus, as meias de lã tessidas, ao calor do lar que a guerra lhe fizera abandonar, pelas mãos maternas.

O soldado alemão de hoje não tem lar, não tem familia, não tem nada que o obrigue ou o prenda a profundos affectos entranháveis. Todo esse lastro elle o lançou ao vacuo. Dentro d'elle, só alenta a vingança.

Em criança, deram-lhe uma pequena bandeira com a cruz swastika e lhe ensinaram a gritar: "Heil Hitler!"

Adolescente, disseram-lhe que essa Alemanha vencida e humilhada era a Alemanha de seus paes. Seus paes representavam a derrota. O tratado de Versalhes. E o adolescente, aprendida a lição ditada pelo odio e o resentimento, abominou o seu lar.

Seu verdadeiro lar foi o quartel, os campos de trabalho, o treinamento para a guerra. Todo um systema dentro do qual amadurecia a morte."

"POUR LA FRANCE LIBRE" — Funciona em Buenos Aires — Libertad, 192, 3.º — um "Comité De Gaulle", que distribue um Boletim de Informações editado em francês e castelhamo.

OUTRA VEZ OS CAVALLOS — Um *expert* militar norte-americano observou que, ao contrario do que annunciaram muitos estrategistas amadores, não soou em 1918 a hora final do cavallo de guerra.

Uma nova era — accrescenta — surgiu para a cavallaria e para a sua poderosa alliada, a artilharia de dorso. Milhões de cavallos estão mobilizados na actual guerra européa.

Cifras exactas não podem ser obtidas, mas é evidente que a Alemanha tem actualmenté, no minimo, meio milhão de cavallos no seu Exercito, e a Russia talvez mais. Numa visita feita aos exercitos franceses em operações, antes da derrota de junho ultimo, um reporter constatou a presença de 4.000 alumnos numa typica divisão de infantaria, ou seja um cavallo para cada quatro homens.

Quando foi levantado o embargo pelo governo norte-americano, achava-se nos Estados-Unidos uma comissão francesa incumbida da tarefa de comprar cavallos para o seu país.

A America continua ainda como um dos melhores mercados de cavallos do mundo. Com excepção da Russia, nenhum país do mundo pode igualá-lo. Os Estados-Unidos têm em suas fazendas aproximadamente 11 milhões de cavallos e 4 milhões e 500 mil mulas.

Apesar de serem essas cifras apreciáveis, ellas representam apenas 40% do rebanho que possuíam em 1920, quando contavam com mais de 25 milhões desses animaes.

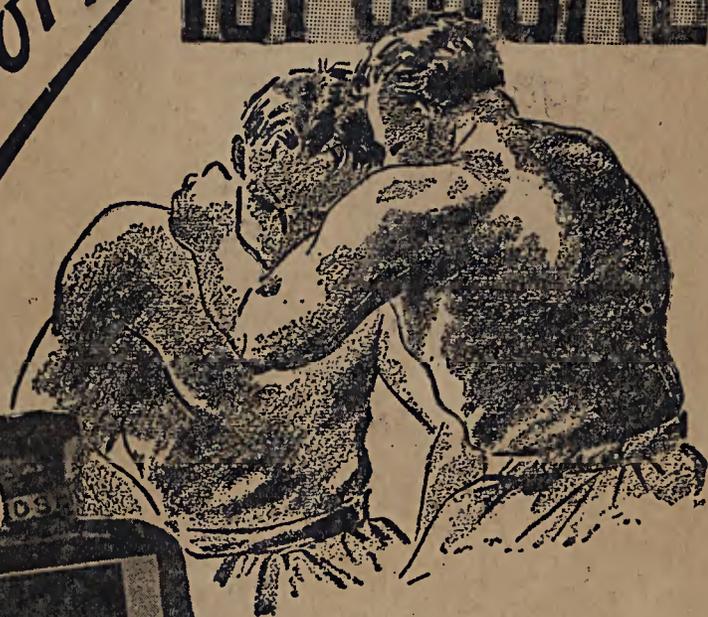
Emquanto a America se vê a braços com um accentuado declinio no numero de cavallos tanto para as suas necessidades domesticas como para a exportação, a Alemanha e a Russia estão dividindo a maior presa da historia moderna, pois na primavera de 1939 a Polonia contava aproximadamente com 4 milhões de cavallos, dos quaes uma quarta parte de animaes de menos de quatro annos de idade.

Um official alemão que esteve há pouco nos Estados declarou que 50% dos cavallos existentes em seu país, antes de rebenstar a guerra, estavam capacitados perfeitamente para as mais duras tarefas militares.

RAUL LIMA

Força!

IOFOSCAL



IODO para o sangue
PHOSPHORO para o cerebro
CALCIO para os osos

IOFOSCAL

o tonico dos velhos, dos jovens e das crianças

IOFOSCAL

o Fortificante n. 1

Depositaria: **DROGARIA Y. SILVA** - Rua Republica do Peru, 64/66
RIO DE JANEIRO

*Os melhores médicos
recomendam ...*



Água

RUBINAT

*Inofensiva, não amarga
e é tolerada pelo estomago
mais delicado*

Não sendo Llorach não é a verdadeira

Água Mineral Natural Purgante

RUBINAT

FONTE DO DOUTOR

Llorach

Distribuidora:

DROGARIA V. SILVA - ASSEMBLEIA-64-66
RIO DE JANEIRO